

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Comunidade e emigração

Não cabe aos Portugueses aconselhar, preconizar e muito menos promover, mesmo indirectamente, a emigração da nossa gente para o Brasil. Nem, claro está, para outra qualquer parte do Mundo. Que os nossos bons amigos brasileiros o digam e desejem, como o unico meio de assegurar e manter o nível da «lusitanidade» no país fraterno, bem está — e concordamos, como não pode deixar de ser. Mas a posição actualizada é a da mais discreta e reservada atitude, segundo creio, e sempre adoptei. Já em 1912,

O Papa recebeu

a noiva do príncipe Alberto

CIDADE DO VATICANO, 30 — João XXIII recebeu em audiência a princesa Paola Ruffo di Calabria, noiva do príncipe Alberto de Liège, e sua mãe, a princesa Luísa (F. P.).

Homenagem da R. A. F.

aos combatentes portugueses

num voo sem escala

entre a sua base e Lisboa

Amanhã, cerca do meio-dia, quando estiver a findar, junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra, a cerimónia da homenagem das forças britânicas aos combatentes portugueses na I Guerra Mundial, uma esquadilha de «V Bombers» da R. A. F. voará sobre o local, a pouca altura — 175 metros, se o tempo o permitir. O facto oferece o especial interesse que resulta da circunstância de a esquadilha se deslocar propositadamente da sua base, na Inglaterra, onde regressará logo, depois de voar sobre Lisboa, num voo sem escala que não é vulgar.

quando da minha primeira viagem ao Rio de Janeiro e a São Paulo, estadistas ilustres me lembravam que, no regresso à Pátria, me devotasse a dizer aos meus patrícios — a dizer e a escrever que o Brasil lhe ofereceria todas as probabilidades de êxitos fáceis e de trabalho remunerador. Recusei-me, porém, a fazê-lo. E dei as minhas razões, que eram bem simples: — o emigrante, de aqui partindo em busca da fortuna ou da perspectiva de obtê-la mais ou menos depressa, não encontrava, nem em Portugal, nem no Brasil, as necessárias, as indispensáveis condições de auxílio, por intermédio de organismos próprios a essa tarefa, a essa missão que,

JOÃO DE BARROS

(Continua na página seguinte)

A princesa Margarida

prepara-se activamente

para a viagem a Portugal

LONDRES, 30 — A princesa Margarida chega a Lisboa no dia 6 de Junho às 18 e 15 horas, depois de um voo que se inicia em Londres às 10 horas — anuncia o palácio de Buckingham.

A princesa faz a viagem a bordo

de um quadrimotor «Heron», da Esquadilha Real, escalando Biarritz para o almoço.

A informação do palácio real acrescenta que a princesa Margarida deixa Lisboa, na viagem de regresso, às 10 horas da manhã do dia 12 de Junho.

Na visita a Portugal, a princesa é acompanhada pela sua dama de companhia, «lady» Iris Peake, e pelo major Francis Michael Legh, que terá as funções de seu secretário e conselheiro.

Uma pequena comitiva formada por uma aia, um escudeiro e um detective da Scotland Yard, acompanha igualmente a princesa.

O «Heron» é um transporte aéreo de luxo, habitualmente empregado para as viagens da rainha.

Margarida gosta imenso de viajar de avião e instala-se com todo o conforto durante a viagem. A bordo sabe que encontrará as mais recentes revistas femininas e ilustrações para ir folheando durante o voo. E a tripulação sabe que a princesa não deixará de fumar um ou

(Continua na página seguinte)

(Continua na última página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

O estômago não perdoa...

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O problema médico da úlcera gastroduodenal, problema este que afflige e limita a actividade de muitos milhares de indivíduos em todos os países do Mundo, mantém-se sem solução aparatosa, apesar das recentes aquisições no campo experimental. A marcha tem sido lenta e penosa: tudo, como ontem, se resume ainda (quando a so-

lucção não é cirúrgica) a um ajustamento do regime alimentar, ingestão de alcalinos com ou sem beladona e papaverina, destinados a actuar no estômago e no duodeno: motilidade, tróismo local, secreção, isto é, nos elementos próximos do processo ulcerativo e lesão local.

Mais complicado incidir sobre os

(Continua na 13.ª página)

Berlim é a questão principal da conferência dos «Quatro Grandes»

GENEVBRA, 30 — Com o regresso a esta cidade dos quatro ministros dos Negócios Estrangeiros, a Conferência de Genebra entra na sua fase final, procurando-se uma solução, provisória, pelo menos, para o problema de Berlim.

As conversações de ontem nada trouxeram de novo e hoje continuará a ser o problema de Berlim o principal tópico dos discursos em sessão publica.

Confirma-se, do lado soviético, que Gromyko pronunciará hoje um grande discurso, prevendo-se, do lado ocidental, que o ministro russo aproveitará para responder às propostas apresentadas por Christian Herter, na terça-feira.

Esta tarde é esperado em Genebra o ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Federal, acompanhado do embaixador Grewe. Von Brentano fez a viagem de regresso de Washington no avião do chanceler Adenauer que o deixará em Paris.

Hoje, às 20 horas, com a mesma ordem do dia, isto é, problema de Berlim, André Gromyko, oferece um jantar aos seus três colegas — britânico, americano e francês — durante o qual se trocarão impressões sobre aquele assunto. No jantar participarão 12 a 14 convivas, pois cada ministro será auxiliado por 2 conselheiros e intérpretes respectivos. — (F. P.).

O objectivo imediato da U. R. S. S.

GENEVBRA, 30 — Informadores

(Continua na última página)

As macacas astronautas

«presidem» em Washington a uma conferência de imprensa

WASHINGTON, 30 — «Able» e «Baker», as duas macacas astronautas, chegaram ontem, à noite, a esta cidade, procedentes de São João do Porto Rico, num quadrimotor militar, a fim de darem uma «conferência de imprensa» que será o seu ultimo momento de glória antes de se retirarem, para o resto das suas vidas, em laboratórios de investigações científicas.

Cerca de cem jornalistas, fotógrafos e militares assistiram à chegada das macacas, na base aérea de Andrews. As autoridades recusaram-se a abrir as pequenas gaiolas de rede metálica espessa em que haviam sido encerradas. No quadrimotor seguiam também as cápsulas em que foi realizado o histórico voo e que vão ser enviadas para o laboratório dos projecteis balísticos do Exército para estudo. O comandante do rebocador «Kiowa», tenente Joseph Guion, que retirou a ogiva com as cápsulas, do Atlantico, e o dr. Don Stulken, da medicina aeronaval, fazem parte do grupo que acom-

panhou os símios desde Porto Rico. Stulken declara que nenhum deles manifestou quaisquer sintomas anormais, parecendo estar ambos de excelente saúde depois da sua viagem de 2.400 quilómetros a 480 quilómetros de altitude e 16 mil quilómetros horários de velocidade. Explicou depois, que, «Baker» teve de vestir um casaco durante a viagem do avião, porque

(Continua na última página)

Um homem no ventre de um tubarão

TÓQUIO, 30. — No ventre de um tubarão foi encontrado o corpo de um homem, parcialmente mutilado. Quando o peixe foi aberto no mercado da cidade de Nakaminato, os vendedores ficaram horrorizados perante o macabro achado.

O tubarão estava entre o peixe descarregado de uma traineira japonesa que andou na faina a dez milhas ao noroeste de Choshi, na Prefeitura de Chiba. — (A. N. I.).

Visado pela Comissão de Censura

Diário de Lisboa
PÚBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

NO CAMPO DOS INTERESSES

O Brasil não é só de ascendência portuguesa. Corre-lhe nas veias sangue de muitas outras raças e a italiana (como a alemã) não será a de menor significação, no caldeamento de um povo, dono de um país que não tem par na América do Sul. Assim se explicam muitos fenômenos políticos, de reacção colectiva, interesses que se projectam muito para lá das suas fronteiras, estejam elas onde estiverem. Assim se explica também que se destacasse de avião a Roma o dr. Ranieli Mazilli, presidente da Câmara dos Deputados do Brasil. Vai presidir aos trabalhos da I Reunião do Grupo Italo-Brasileiro da União Interparlamentar, na sua qualidade de presidente da secção brasileira. Que se propõe essa União? Os passos que se dão neste momento são ainda formais, para estruturamento de um órgão que tem como objectivo estreitar as relações italo-brasileiras. O grau dessas relações abrangera, por certo, campos de cultura, do comércio, da indústria e, sobretudo, da produção agrícola, onde Portugal, dia a dia vai perdendo contactos que bem merecem meditação profunda e soluções consentaneas. O aviso não se inspira noutros sentimentos que não sejam os de não deixar Portugal perder-se no lirismo das suas intenções. Vai-nos muito a carácter mas vai-nos mais ainda aos interesses supremos do País.

FEIXE DE NOTÍCIAS

CONCLUIRAM-SE os trabalhos do IV Conselho Geral da Caritas Portuguesa. Nele se estudaram problemas da vasta organização no País e, em especial, nas dadas do povo dos Estados Unidos aos pobres de Portugal. Estes números, aliás, identificam a Caritas (foi, no final dos trabalhos saudar e agradecer ao Chefe do Governo) com a sua obra: de 1954 até hoje, gastou cerca de 29 mil contos na assistência às crianças, deu a particulares 11.500 contos; recebeu da América 644 contos em géneros, mandou para a Índia Portuguesa para cima de 7 mil contos de dadas.

* Os poços ficam desastados e não há lei (que aliás existe) capaz de fazer cumprir deveres de previdência. Assim a sua bocarra atrai e atraição, imprevidentes, incautos e inocentes: Alberto Augusto, guarda da Companhia Mineira do Norte de Portugal (Vilar de Maçada) que se afogou num poço deixando dois filhinhos menores; e um menino de 7 anos (Manuel, filho de Henrique Fernandes, lugar da Amoreira, perto de Tomar) que andava a colher flores na beira do poço e nele se precipitou. Outro menino de 6 anos (Fernando Mendes, Tidalbino) foi salvo de se afogar por dois dos seus companheiros. Tiraram-no da água, despiram-se e fizeram-lhe exercícios. Os heróis tinham entre os 4 e os 5 anos.

* António Marques de Oliveira (62 anos, pedreiro, Rua Alfredo Machado, 17) foi ontem com um filho de 22 anos buscar um carro a um «stand». Ia trocar e que tinha por outro mais moderno. Priamo (o filho) tomou o volante e partiu com o pai ao lado. Foi quando iam já na estrada da Luz, que o automóvel, resvalando, foi embater num poste da Carris. Gritos, dor e confusão, gente que acode e leva os dois feridos ao hospital. Mas deste para o Necrotério passava da pouco o António Marques de Oliveira. A alegria do carro novo durou pouco.

* De repente, uma língua de fogo ergueu-se da fábrica e alastrou por toda a velha construção da Rua de São Boaventura. Está ali instalada a fábrica de confeitarias que vai buscar o nome à pitoresca artéria. Os prejuízos sofridos sobem a 800 contos e foi enorme o pânico na rua que é, por sinal a do hospital de S. Luís. Julgou-se de começo que era ali o fogo.

JORNAL PEQUENO

NO livro de cumprimentos ao Chefe do Estado, inscreveram-se o prof. António Manuel Pinto Barbosa, ministro das Finanças; contra-almirante Vasco Lopes Alves, ministro do Ultramar; profs. drs. Manuel Jacinto Nunes e José Julio Pizarro Beza, subsecretários de Estado do Tesouro e Orçamento; profs. drs. José Caeiro da Mata, Moses Amzalak e João Baptista de Araújo; Carlos Mantero, drs. Carlos Góis Mota e Vítor António Duarte Faveiro; engs. Carlos de Oliveira Peça, António Calheiros Lopes, António Castro Lencastre e Hugo Lopes Martins; Mário Julio de Melo Freitas, cônsul de Portugal em Roterdão, e António Ferreira Vila Cova, presidente dos Bombeiros Voluntários Tirsenses. * O sr. Presidente do Conselho trabalhou com o sr. ministro do Ultramar e recebeu o prof. dr. Caeiro da Mata. * Vítimas de queda, faleceram em S. José o jornalista António Joaquim (59 anos, Molão, Lagos), e Laura Martins Rocha Leão (62 anos, Av. Elias Garcia, 134, em Lisboa). * No hospital de Alcobaça, faleceu António Francisco Dionísio (27 anos, lugar do Carvalhal de Aljubarrota) que fora há dias colhido por uma camioneta, quando na berm da estrada reparava a bicicleta.

As comemorações do II centenário da «Aula do Comércio»

Com a presença do sr. ministro da Educação Nacional, encerraram-se na quarta-feira, às 18 e 30, com duas cerimónias, na Associação Comercial de Lisboa, as comemorações do 2.º centenário da «Aula do Comércio», promovidas pela Sociedade Portuguesa de Contabilidade. Será inaugurada uma exposição bibliográfica e o sr. dr. Aureliano dos Anjos Felismino, director-geral da Contabilidade Pública, fará uma conferência sob o tema «No duplo centenário da «Aula do Comércio».

CRUZ VERMELHA

O Conselho Supremo da Cruz Vermelha Portuguesa, reúne-se na quinta-feira, às 18 horas, para tratar da representação da benemérita instituição nas cerimónias da inauguração do monumento comemorativo do centenário da criação da Cruz Vermelha Mundial, no dia 27 de Junho, em Solferino; e de apreciar o relatório e contas de gerência do ano económico de 1958.

R. FERREIRA BORGES, 31-A

Jóias, Ouro, Relógios, Pratas, Antiquidades—Fabrico, VENDO, CONserto—Telef. 666354 — LISBOA

Vida social

CASAMENTO

Na igreja de S. Jorge, de Arroios, realizou-se, hoje, o casamento da menina Maria da Natividade Sá Carneiro, filha do sr. dr. Hugo de Sá Carneiro, director das Alfândegas de Angola, com o sr. Fernando Murinelo do Vale. Foram padrinhos os pais do noivo, sr. Octávio Murinelo do Vale e esposa, e dr. Virgílio Pimentel e D. Maria da Conceição Pimentel. Depois da cerimónia religiosa, realizou-se um copo-de-água, na Casa do Leão, no Castelo de S. Jorge.

No santuário de Fátima, celebrou-se o casamento do sr. Guilherme da Câmara de Orey, filho do sr. José da Câmara de Orey e da sr.ª D. Maria Luíza da Câmara de Orey, com a sr.ª D. Maria de Lourdes Henriques, filha do sr. Manuel Ribeiro Delgado e da sr.ª D. Julia Henriques, já falecidos. Foram padrinhos os pais do noivo e o sr. Francisco Xavier de Orey Quintela e sua esposa a sr.ª marquesa de Penafiel.

DR. JORGE DE MELO REGO

Partiu para Amesterdão o sr. dr. Jorge de Melo Rego, a fim de tomar parte no Congresso Mundial de Esterilidade, que se reúne naquela cidade, de 6 a 13 de Junho. O ilustre ginecologista visitará, também, as principais clínicas da sua especialidade da Holanda, Alemanha e França.

Esteve em Coimbra o embaixador de Espanha

COIMBRA, 30 — (Pelo telefone)

Reuniu-se hoje, na Reitoria da Universidade, a Sociedade Internacional Francisco Suarez, que tratou das comemorações do centenário do grande humanista, que decorrerão em Évora, no mês de Outubro.

Assistiu o sr. embaixador de Espanha e tomaram parte nos trabalhos os componentes daquela Sociedade, srs. prof. dr. Maximino Correia, reitor da Universidade, que é o presidente; director da Faculdade Pontifícia de Filosofia, de Braga; profs. António de Medeiros Gouveia, Manuel Lopes de Almeida, Guilherme Braga da Cruz e Arnaldo Miranda Barbosa; dr. José Bacelar de Oliveira, S. J.; D. Pedro Rocamora y Valls, dr. José Sebastião da Silva Dias; o secretário da Câmara Municipal de Évora, em representação do presidente; e dr. Cassiano dos Santos Abranches, S. J.

No Pazo das Escolas foi-lhes depois oferecido um almoço pelo reitor da Universidade, no qual tomaram parte também os directores das várias Faculdades e da Escola Superior de Farmácia e os drs. José Maria Vigueira Barreiro e Pimentel de Sousa, secretário da Universidade.

A Conferência de Genebra

(Continuação da página anterior)

Checoslováquia sofreram muito com a guerra, de onde terem o direito de tomar parte numa conferência que trata do futuro da Alemanha. Apresentado assim, o argumento tinha poucas probabilidades de se impor, pois todos os países vítimas da Alemanha sofreram, como a Polónia e a Checoslováquia, e estavam em condições de reivindicar o direito de assistir à conferência se este lhes fosse reconhecido. Foi essa, efectivamente, a resposta dos ocidentais à sugestão russa e a coisa não foi mais além.

Mas a verdadeira razão dos Russos para pedir a presença dos seus dois aliados na conferência de Genebra é mais importante e de um alcance político mais profundo. Com ela, o sr. Gromyko procura fazer vingar um argumento fundamental que põe em causa o conjunto do problema do «Statu quo» territorial legado pela guerra, de forma que os Ocidentais não poderão rejeitá-lo facilmente quando o seu representante insistir nele.

O revisionismo alemão

Se a Polónia e a Checoslováquia têm direito a tomar parte na conferência de Genebra é porque do ponto de vista saviético, estão em condições especiais, estando mais do que qualquer outro país interessadas, na qualidade de vizinhos da Alemanha, na solução do problema das suas fronteiras as quais são incessantemente contestadas pelo revisionismo alemão. Assim apresentada a sugestão soviética revestida de um especialíssimo interesse, pois nenhum outro país além delas, entre os que tomaram parte na guerra está em condições de invocar o direito de assistir à conferência por não se encontrar na sua situação.

Vista assim, a questão para os Russos é muito mais importante do que uma simples formalidade ou o mero desejo de estabelecer a mesa das conferências internacionais, igualdade numérica de forma a equilibrar a representação do Ocidente. Com a participação da Polónia e da Checoslováquia será to-

Preferir

Brandy HUTCHESON

Medalha de Ouro 1955

DEPOSITÁRIOS:

T. VILARINHOS, Lda

Rua de Belem, 145 e 151-B

TELEFONE 663399

LISBOA-2

Comunidade e emigração

(Continuação da página anterior)

aliás se impunha. Isso mesmo declarei a estadistas ilustres como aos então ministros das Relações Exteriores e da Agricultura — Lando Müller e Pedro de Toledo — que me incitavam a essa tarefa, aliás justificável.

Assim o declarei, e assim o cumprí. E não mudei de ideias. Escritores e políticos, aceitaram, ou melhor, compreenderam o meu escrupulo. E escritores e jornalistas também, dos quais citei os nomes de boa ressonância e lusofilia sincera, e entre eles, não esqueço os nomes de Paulo Barreto (João do Rio), e de Afrânio Peixoto, cujos serviços de inegável valor, tão uteis foram sempre, tão importantes e tão ari-nhosos para com a minha Pátria e a nossa gente. E, permito-me aproveitar a ocasião para recordar que ao último devemos a criação da cadeira de Estudos Camoenianos na Faculdade de Letras de Lisboa, inestimável

prova de carinho, que perdura. A propósito desse caso, aproveito a oportunidade para recordar que de pura equidade seria inaugurar uma lápida, na referida Faculdade, em honra de Afrânio, pois foram a seus esforços que se deveu a iniciativa de Zeferino de Oliveira, português benemérito, que fundou e dotou essa cadeira, esse curso camoeniano na sua e nossa Pátria, honrosa afirmação de alto civismo. Afrânio Peixoto era-nos extremamente devotado. A maneira como, mais tarde, apreciou a obra e a figura de Guerra Junqueiro (até hoje não consegui entender por quê e para quê) num dos seus livros, não ofusca o quanto generosamente praticou em nosso favor. Pecadilho de momento, insignificante, aliás, no conjunto de tudo o mais. Afrânio Peixoto amava Portugal e a nossa gente, com verdadeiro afecto. Seja o afecto não olvidado, e o resto esquecido. Destarte praticaremos um acto de pura e legítima justiça.

Voltando ao caso de emigração, quero apontar que um jornalista e intelectual, Ramos de Almeida, que se orgulha de ser, e é, de verdade, cidadão de Portugal e do Brasil — circunstâncias especiais lhe conferiram, de facto, dupla nacionalidade — não hesitou recentemente em defender ou, melhor, em incitar a emigração das gentes lusitadas para as terras atlânticas de além-mar. Num requeno, mas substancial ensaio publicado, poucas semanas atrás, no «Jornal de Notícias», do Porto, o que de facto assevera? Que onde melhor se exprime a comunidade das duas nações é no Norte «do Minho ao Mondego, não só através de factores sentimentais, mas mesmo de vestígios evidentes de paisagem natural e social». Há certo exagero nessas palavras, certo, embora se compreendam as razões que o ditou, derivados do amor de um «cidadão de dupla nacionalidade», como é Ramos de Almeida, por um e outro país. Seja o que for, porém, a conclusão a que chega é feliz se as premissas não o são inteiramente, e é digna de registar-se: «a comunidade luso-brasileira», escreve o articulista «deve ser mais de que a constante de uma política externa comum, deve ser uma realidade inelutável a cujo imperativo categórico nenhum Governo poderá negar-se ou fugir... porque assim mandam os interesses económicos, os ideais políticos e as convicções étnicas e até religiosas de Portugal e do Brasil».

Quem se atreverá a negá-lo? Nenhum português consciente, sem dúvida. Resta, apenas, responder a tão nobre forte apelo de anseio construtivo que se torne o caminho das realizações eficientes e práticas, em óptima via, aliás, segundo creio, de progresso autêntico, senão para hoje, pelo menos, para o imediato e desejado amanhã.—J. de B.

TRAFARIA

Todos os domingos
partidas do CAIS DO
SODRE de hora a hora,
das 7.30 às 17.30

LINDAS CACHEMIRAS E IMITAÇÕES.
VENDAS A PRONTO E A FRES-
TAÇÕES
TECIDOS ALVINIZ
16. Largo do Carmo

Dr. Luiz Rosa Barros

— ADVOGADO —

Comunica que mudou o seu escritório para a Rua Garrett, 11-4.º-D.º — (tem elevador).

Tel. 25258

LISBOA

ATTICUS

Estão a ser reprimidos os exageros nos preços dos restaurantes e os abusos na venda de leite

Os Serviços de Fiscalização da L. G. A. estão a desenvolver grande actividade sobre os abusos cometidos em restaurantes, onde se exigem preços exagerados, o que tem motivado diversas queixas.

Estão em curso averiguações e foram já ultimados dois processos contra um restaurante típico da Estrada de Loures (Olivais de Basto), por manifesta especulação no fornecimento de refeições e bebidas.

A urbanização

de Évora

EVORA, 30 — (Pelo telefone) — Na reunião ordinária da Câmara Municipal desta cidade, o respectivo presidente, sr. dr. Vieira da Silva, apresentou a verificação do projecto de uma nova zona urbanística da cidade, elaborada pelo arquitecto De Gröer, dividida em cinco sectores, com a seguinte discriminação: nova escola industrial; nova central eléctrica; nova cadeia da comarca; e escola primária. Haverá ainda um sexto sector a zona verde, localizada no antigo forte do baluarte.

Geograficamente, a nova zona de urbanização situa-se entre as estradas do Redondo e da Circumvalação.

Na mesma reunião, aprovado por unanimidade este projecto, o Município tomou conhecimento de que em Évora se reunirão no dia 4 de Junho próximo os adidos militares estrangeiros acreditados em Lisboa de que no dia 6 aqui se efectuará uma das sessões do Congresso Internacional de Arquivistas. Amas as reuniões se realizarão no Palácio de D. Manuel.

Num dos autos é arguido de ter servido três doses de ameijoas, duas de bacalhau, fruta e três garrafas de vinho, tudo por preços superiores aos aprovados. Noutro processo é acusado de ter vendido 14 cervejas, de marca nacional, por 140\$00, em vez de 84\$00. Foi, também, processado um restaurante da Avenida João das Regras, em Coimbra, por ter cobrado a um cliente 60\$00 por duas doses de lampreia, quando o preço autorizado é de 48\$00.

Leiteiros condenados

A acção fiscalizadora exerce-se, também, sobre a venda ambulante de leite. Por o venderem sem ter passado pelos postos de recolha, foram autuados em Lisboa, Santarém, Évora, Alentejo, Olivais e Cova da Piedade, dez vendedores, dos quais três são agricultores. Foram, ainda, apreendidos cerca de 116 litros do produto.

Foram, também, autuados os vendedores Silvestre Lopes Carlos, que andava no Bairro da Encarnação, a vender leite com medidas viciadas, e Esmênia Couto Fernandes, de Sintra, por vender leite falsificado com adição de água.

Os tribunais condenaram, entre outros: José Branco da Silva, de Lisboa, em 3 contos de multa e 500\$00 de imposto, por falsificação de leite; Angela Barbosa Dias, de Almada, em 60 dias de prisão, remíveis, 600\$00 de multa e 200\$00 de imposto, por utilização de medidas viciadas; José Maria Dias, também de Almada, em 50 dias de prisão, remíveis a 10\$00 por dia e 500\$00 de imposto, pelo mesmo delito; e, ainda, José Ferreira, de Figueira (Seixal), em 550\$00 de multa e imposto, por venda de leite em estado de quente.

Necrologia

Fernando Sánchez Serrano

Faleceu o sr. Fernando Sánchez Serrano, de 82 anos, natural de Lormoselle, Zamora — Espanha — comerciante, sócio da firma Sánchez, Lda., casado com a sr. D. Ana Rue no Caballero de Sánchez, pai da sr. D. Maria Sánchez Bueno e do sr. Bernardino Sánchez Bueno.

O funeral, a cargo da Agência B. rata, realiza-se amanhã, às 15 horas, da igreja do Santo Condestável, para o cemitério da Ajuda.

Alberto Ferreira da Costa Leal
Com 50 anos, faleceu o sr. Alberto Ferreira da Costa Leal, natural de Ceja, mecânico, casado com a sr. D. Judite Pinto das Mercês Leal e pai dos meninos António Jorge e Fernando Alberto Mercês Costa Leal.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, às 12 horas, da igreja das Mercês para o cemitério do Alto de S. João.

D. Maria Amélia Pinho

Faleceu a sr. D. Maria Amélia Pinho, de 61 anos, casada com o sr. Claudino Argentino. O funeral realiza-se amanhã, às 11 horas, do Necrotério para o cemitério da Ajuda.

SUFRAGIOS

D. Rosalina Marques Pinto

Na igreja paroquial de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se hoje missa do 7.º dia do falecimento da sr. D. Rosalina Marques Pinto, de 79 anos de idade, viúva e companheira dedicada que foi do nosso inesquecível amigo, sr. Alfredo Vieira Pinto, que deixou o seu nome intimamente ligado à fundação do «Diário de Lisboa».

Senhora dotada de raras qualidades morais, educadora primorosa, cuja valiosa influência soube deixar bem acentuada no carácter e na educação de suas filhas, a sr. D. Rosalina Marques Pinto desejou sempre viver na carinhosa intimidade de um lar feliz, sem exteriorizações contrárias ao seu espírito simples e bondoso. Foi precisamente pelo respeito devido a esses nobres sentimentos que a família não anunciou o seu falecimento na data em que ocorreu o triste acontecimento.

Doente havia cerca de dois anos, suportando com resignação cristã o sofrimento que caracterizou algumas fases da terrível enfermidade de que a prostrou, a saudosa extinta teve, contudo, a consolação de se ver rodeada pelo carinho dos entes que mais estremeia: suas filhas, as sr. D. Maria do Carmo Marques Vieira Pinto da Cruz Barbosa, esposa do sr. António da Cruz Barbosa, e D. Germana Marques Pinto de Ruella Ramos, esposa do sr. dr. João Ruella Ramos, membro do Conselho de Administração da Renascença Gráfica, bem como os filhos deste nosso querido amigo, que foram todo o enlevo da avó, João Manuel Pinto de Ruella Ramos, António Pedro Pinto Ruella Ramos, Maria do Rosário Pinto de Ruella Ramos e Maria do Carmo Pinto de Ruella Ramos.

A missa com «libera-me», que hoje foi celebrada pelo rev. Adelino Alves Genro, coadjutor da freguesia de S. Sebastião da Pedreira, teve numerosa concorrência e a ela assistiram, além das filhas, dos genros e dos netos da extinta, muitas outras pessoas de família, entre as quais os srs. prof. Pinto Barbosa, ministro das Finanças, drs. Carlos Barbosa e Carlos Barbosa, Filho, além de numerosas senhoras e destacadas individualidades. Esteve presente o director do «Diário de Lisboa», sr. dr. Norberto Lopes, e fizeram-se representar a redacção, a administração, a tipografia e as demais secções do nosso jornal.

Sentindo particularmente o falecimento de quem viveu tão de perto a vida deste jornal, o «Diário de Lisboa» apresenta a expressão do seu profundo pesar a toda a família enlutada, cuja dor acompanhamos com a maior sinceridade.

Actor Mendonça de Carvalho
Passa amanhã o sexto aniversário da morte do actor e empresário Francisco Mendonça de Carvalho. Sua filha, a distinta actriz Maria Helena manda por isso rezar missa de sufrágio, às 11 horas, na igreja do Sagrado Coração de Jesus.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES: 43189 — 43180-55301-66 27 72-08 00 22

Visita de engenheiros às barragens do Picote e de Miranda

MIRANDA DO DOURO, 30. (Pelo telefone). — Visitou hoje, ao princípio da tarde, as barragens do Picote e de Miranda uma excursão de 48 engenheiros da delegação da Ordem dos Engenheiros em Coimbra, acompanhados, alguns deles por suas esposas.

Receberam-nos e pilotaram-nos na sua excursão de estudo os srs. eng. Pedro Arménio Nunes, chefe dos Serviços de Engenharia Civil de Hidráulica do Douro; eng. José Jorge Rodrigues, chefe dos estaleiros das duas barragens; e eng. Francisco da Costa Cardoso, chefe da divisão de construção.

De quem é o colar?

Encontra-se apreendido, na Polícia Judiciária, um valioso colar de pérolas, que será entregue a quem provar pertencer-lhe. Aquela corporação suspeita que o referido colar tenha sido furtado.

HOMENAGENS

Abel Ferreira de Abreu

Despede-se hoje dos seus colegas, o 1.º oficial Abel Ferreira de Abreu do Ministério do Interior, que completou 41 anos de serviço e é homenageado com um jantar, num restaurante de Casilhas.

Ao fim da tarde, os engenheiros visitantes regressaram a esta vila.

A Feira do Ribatejo será amanhã

festivamente inaugurada

SANTARÉM, 30. — (Pelo telefone). — Amanhã, às 11 horas, a Feira do Ribatejo, uma das mais tradicionais e expressivas manifestações regionais, será solenemente inaugurada pelo Chefe do Estado, que uma hora antes chegará a esta cidade, onde se lhe prepara calorosa recepção.

As festas inaugurais terminarão com uma corrida de gala à «antiga portuguesa».

UMA FESTA

dos antigos alunos da Escola Veiga Beirão

Na Casa de Trás-os-Montes, o Núcleo dos Antigos Alunos da Escola Comercial Veiga Beirão promove hoje, às 22 horas, uma festa, que inclui baile, com a colaboração do conjunto «Vela Azul».

No intervalo, serão homenageados os jogadores de futebol do Núcleo que conquistaram a «Taça Récord».

MOVIMENTO

diplomático e consular

Seguiu para o Rio de Janeiro o sr. dr. Orlando Bastos Vilela, que vai assumir as funções de secretário da Embaixada de Portugal.

Tágide

Mais um sensacional espectáculo de Music-Hall

KARINE and MICHEL

A melhor e mais elegante parilha de baile de ritmos modernos, apresentada nestes últimos anos, em Portugal

JOGRAIS DE HOJE

Os únicos «chansonniers» portugueses

SOIZIC

Vedeta francesa de Teatro — Cinema e T. V.

MAIORES DE 17 ANOS

Dia 3

ANA MARIA RODRIGUEZ
CATHERINE CAPS

PALM BEACH



Seja esperta!
No aproveitar é que está o ganho!

Se o seu vestido já está muito visto ou desbotado, modifique-o, tinga-o ou avive-lhe a cor, em casa, com as famosas tintas RAPOSA, a marca alemã que domina em todo o mundo há mais de 60 anos. As tintas RAPOSA para tingir em casa estão à venda em todas as drogarias.

ASPIRINA



CASINO

APRESENTA HOJE
EM ESTREIA

Peiró Brother's

Os melhores malabaristas do Mundo

Joceline Jocy

das mais aplaudidas intérpretes da canção francesa

e a famosa orquestra

Ray Martino

(Maiores 17 anos)

NELSON, faz desfilar os modelos de alta costura, às 23 horas, com vestidos especialmente executados para a visita da Princesa Margarida.

Amanhã, durante a «matinée», com todas as atrações, serão apresentadas as criações «Boutique», daquele distinto costureiro.

ESTORIL

STUDIO 4

TEATROS e CINEMAS

Atrás do reposteiro

Na segunda e terça-feira, apresenta-se no Coliseu do Porto a companhia de bailados do Marquês de Cuevas.

—Os artistas Ana Paula, Curado Ribeiro, Paulo Renato, Henrique Santos e António Sacramento vão interpretar, na TV, a peça de Alfredo Musset, «Bettine», que será

apresentada na terça-feira próxima.

—A actriz brasileira Rosita Lopes, que faz parte da companhia do Teatro Maria Vitória, desempenhará, na revista «Arraial de Lisboa», em ensaios, os seguintes números: «Actriz», «Cabrocha», «Garota dos complexos» e «Vedeta brasileira».

—Conclui-se amanhã, no Teatro Avenida, a temporada da companhia do «Teatro de Sempre» com

as últimas representações da peça «Fachada».

—Consta que o actor Luís de Lima projecta apresentar no Porto o espectáculo de «Teatro Ionesco», que está em cena no Teatro da Trindade.

—Para a nova organização de revistas que vai actuar no Teatro Variedades, está indicado o nome da actriz Maria Adelina.

—A companhia de revistas que vai este ano em digressão ao nosso Ultramar, ensaiará no Porto o repertório, visto que o seu elenco faz parte da actual companhia do Teatro Variedades e que na próxima semana se estreará no Teatro Sá da Bandeira.

—Depois de amanhã, o actor António Sarmiento profere uma palestra sobre poesia, ilustrada com recitações em que tomam parte componentes do grupo cénico dos C. T. T.

—O elenco do Grupo Dramático «Os Íntimos» leva hoje à cena, na sua sede, a comédia em 2 actos «A pérola das ogbras», participando na sua representação Gina Vieira, Maria da Luz, Maria Teresa, José Vieira, Raul Gil, José Fidalgo e Manuel Gonçalves.

Teatro Antero de Quental

na Feira-Parque da Estrela

Uma das notas de arte mais originais da «Feira-Parque da Estrela» é o Teatro Antero de Quental, dirigido por Orlando Vitorino e Azinhal Abelho.

Num dos mais lindos locais do Jardim da Estrela, uma companhia de artistas modernos representará peças de teatro contemporâneo e clássico de alta categoria. Alguns nomes consagrados de artistas portugueses passarão pelo tablado da

(Continua na 13.ª página)

CAMPO PEQUENO

A inauguração das nocturnas
na 3.ª-feira, 2 de Junho, às 22 horas

com Mestre SIMÃO DA VEIGA, PEDRO LOUCEIRO,
PACO RODRIGO e ARMANDO SOARES
E OS FORCADOS DE EDMUNDO DE OLIVEIRA

BILHETES À VENDA NOS RESTAURADORES, 7
DESDE 15 ESCUDOS, SENDO VÁLIDOS OS BILHETES COM A DATA
DE 28 DE MAIO
(MAIORES DE 12 ANOS)



BAIRRO ALTO UMA CASA PORTUGUESA Maria da Conceição

apresenta todas as noites, Fados e Guitarradas
pelos melhores artistas

Maria da Conceição Rua da Barroca, 86 • Telef. 34435 • (M/17 anos)

CASAS A CUNHA!... EIS O SUPREMO ORGULHO DO DANCING DAS MULTIDÕES!

OS DOIS FAMOSOS CÉREBROS «SUPER-SÓNICOS»
GULMAR y ANA ELSA
FANTÁSTICA REVELAÇÃO DE UM PODER OCULTO
SOBRE TRANSMISSÃO DE PENSAMENTO

A ESCULTURAL VEDETA DE BAILE **MILY ZUINIGA**

CINCO BRIZAS DE ESPANHA

Hermanos Ruiz

Carmen Xarrié y Alfonso Linares

Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO:
ADMIRÁVEL SERVIÇO DE CEIAS
com FADOS e GUITARRADAS

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS—M. 17 ANOS)

3.ª FEIRA: ESTREIA
**BALLET
CHARITO
RODRIGUEZ**



LUSO

T. da Queimada,
8-A — Tel. 32889
(Adultos, maiores
de 17 anos)
Hoje (até de ma-
drugada) 3.ª MEIA
FINAL do Con-
curso PRIMAVERA
NO FADO. No

programa: Aurora Sobral—Joaquim
Silveirinha — Constança Nunes —
Maria Vicente e o campeão da ale-
gria Manuel Bogalho. Acompanha-
mentos por António Couto e Ama-
deu Rami. Amanhã — Grandiosa
«Matinée».

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se
em BUCELAS na AGENCIA DE
PUBLICAÇÕES.

TEATRO MONUMENTAL

HOJE, às 21.45 (ADULTOS - M. 17 anos) — T. 55133



Não deixe de rir
COM A COMÉDIA DE ROUSSIN
**ELES, ELAS...
e OS MENINOS**

com IRENE, BENAMOR, PAULA, SANTANA,
DULCE, HELENA, MACIEIRA e FLORBELA

Amanhã, esp. á tarde ás 16 h.

A BANDEIRAS
DESPREGADAS
EM

15.ª

SEMANA
TRIUNFAL

TEATRO INFANTIL

— AMANHÃ —

2 ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS

As 11 horas da manhã e 6 horas e meia da Tarde

As encantadoras peças para crianças

O GATO DE BOTAS

DEPENDURADO
NA
LUA

Para maiores
4 ANOS

PREÇOS: 3.º balcão de frente a 5500 —
2.º balcão a 10500 — plateia desde 15500



No Cine-Teatro S. José
em CASCAIS

HOJE às 21.45 h.

P.ª maiores 17 anos

VASCO MORGADO

apresenta

A caminho de um ano
consecutivo de repre-
sentações

LAURA ALVES no colossal êxito
**A RAINHA
DO FERRO-VELHO**

com ASSIS PACHECO
Alma Flora, Artur Semedo, Alberto Ghira,
Joaquim Miranda, Tomás de Macedo
e Lucia Mariani

Amanhã e depois, no Teatro da Incrível
Almadense, em Almada; 3.ª-feira em Se-
tubal; quarta-feira, no Capricho Cine-Tea-
tro da Moita

— PARA MAIORES DE 17 ANOS —



HOJE
ULTIMO SÁBADO
EM DUAS SESSÕES
AS 20.30 E 22.45 HORAS

AMANHÃ
ULTIMO DOMINGO
AS 16 HORAS
ULTIMO ESPECTÁCULO
A TARDE

NO VARIEDADES

EM DUAS SESSÕES AS 20.30 E 22.45 HORAS
A MELHOR REVISTA POPULAR DOS ÚLTIMOS ANOS

CHAMPANHE SALOIO

PELO MAIOR E MELHOR ELENCO DE TODOS OS TEMPOS, COM

**Beatriz Costa João Villaret
COSTINHA**

ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS

SÓ
ATÉ 4.ª-FEIRA
ÚLTIMAS
REPRESENTAÇÕES



6.ª FEIRA, 5.

POR COMPROMISSOS DE HA
MUITO ASSUMIDOS COM A EM-
PRESA ROCHA BRITO, ESTREIA
NO TEATRO SÁ DA BANDEIRA,
DO PORTO



SALVADOR

BREVEMENTE
NO TEATRO
**MARIA
VITORIA**
EMP. «E. SALVADOR
e R. MARTINS, LDA.»
SALVADOR
APRESENTA A SUA NOVA
REVISTA POPULAR
**“Arraial
de Lisboa”**
ADULTOS-M/17 ANOS

ABC

EMP. TEATRAL ABC, LDA. - Telef. 366745

JOSE MIGUEL APRESENTA

O MAIS SENSACIONAL DOS ELENÇOS
NA MAIS SENSACIONAL DAS REVISTAS

MULHERES

À VISTA!

LOTAÇÕES
ESGOTADASPARA MAIORES
DE 17 ANOS

Amanhã-espectáculo à 16 horas



JOSE VIANA



DOMINGO,

31 DE MAIO DE 1959
AS 17 HORASDIA DA INAUGURAÇÃO
DA GRANDE FEIRA
DO RIBATEJOEXTRAORDINARIA CORRIDA DE GALA A ANTIGA PORTU-
GUESA PRECEDIDA DE ESPLENDOROSO CORTEJO EVOCATIVO
A QUE SE DIGNAM ASSISTIR O SR. PRESIDENTE DA REPÚ-
BLICA E ALGUNS MEMBROS DO GOVERNOTOIROS DE EXCEPCIONAL APRESENTAÇÃO DE
JOSÉ INFANTE DA CÂMARA

4 - CAVALEIROS - 4

MESTRE SIMÃO DA VEIGA
D. FRANCISCO MASCARENHAS
MANUEL CONDE**DAVID RIBEIRO TELES**

2 GRUPOS DE FORCADOS

Amadores de Santarém e Amadores de Montemor

Capitaneados pelos srs. RICARDO RHODES SÉRGIO
e JOAQUIM JOSÉ CAPOULAS

Bilhetes à venda em Santarém e na Agência A. B. E. P. em Lisboa

SU' HOJE SÁBADO E AMANHÃ DOMINGO!

NO AVENIDA

A MAGNIFICA «COMPANHIA DO TEATRO DE SEMPRE» APRESENTA

As 21.45 h.

ULTIMOS DIAS!

FACHADA

3 ACTOS ADMIRÁVEIS

LAURA CHAVES

ESPEC. P. AD. MAIORES DE 17 ANOS

AMANHÃ AS 16 H.
ULTIMO ESPECTÁ-
CULO A TARDE
À NOITE
DESPEDIDA
DA COMPANHIA!

A "BOITE" DA MELHOR SOCIEDADE

TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFFERINO
ADULTOS M. DE 17 ANOSO elenco de maior **3** notáveis atracções
brado em Lisboa em novos números

O CONJUNTO GREGO DE JUSTA FAMA MUNDIAL:

BALLET NIKOLSON

EM MARAVILHOSAS DANÇAS FOLCLÓRICAS

A TRIUNFAL RARIDADE EM BAILE ESPANHOL

TRIO LA CAVA

A ESCULTURAL **VENUS RUBIA** EM CRIAÇÕES
VEGETA FRÍVOLAS

Baile por ESTEVAO e sua orquestra, com Manuel Serrano

Cartaz dos Cinemas

SAO LUIZ

TEL. 2717

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
20 anos depois vol-
ta à tela em cópia
nova um dos filmes
máximos do cinema

TERRA BENDITA

com Paul Muni e Luise Rainer

EDEN

TEL. 20768

15.30, 18.30
e 21.45 (M/12 anos)
4.ª E ÚLTIMA
SEMANA
O FILME
PORTUGUES

A LUZ VEM DO ALTO

com Maria Dulce - Roberto Camar-
diel - Mário Pereira e Curado Ribeiro
Um conflito de amor, emotivo e em-
polgante, que apaixona os corações fe-
mininos

ALVALADE

Telefone 63080

A's 15.15 e 21.45
(M/17 anos)
Um filme extraordi-
nário grandioso,
inesquecível volta à
tela 20 anos depois

TERRA BENDITA

com Paul Muni e Louise Rainer

ODEON

Telefone 26282

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
Os dois artistas mais
queridos do publico

PRECISO DE DINHEIRO

ROYAL

TEL. 845037

A's 21 (M/12 anos)
Cinemascope
O colossal filme
QUO-VADIS
com Robert Taylor

LI2

TEL. 48560

A's 21 (M/17 anos)
AS RAIZES
DO CÉU
Cinemascope

BUCHA E ESTICA TOUREIROS

CASINO ESTORIL

21.30 (M/17 anos)

OS TUBARÕES DO PACÍFICO
com Clark Gable

IVOL

TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tarde
(p. r.) e 9.30 da
noite (M/17 anos)

num filme de «suspense» inesquecível

O GÊNIO DO MAL

em cinemascope com Diane Varsi, Dean
Stock Well e Bradford Dillman

COLLETTA

TEL. 2630

15.15 - 18.15 e 21.30
EXITO TOTAL
da notável comédia
farsa em
Cinemascope
e EastmancolorTRES HOMENS NUM BOTE
(SEM FALAR NO CÃO)com Lawrence Marwey, Jimmy Edwards,
David Tonlinson e Shirley Faton
(Maiores de 12 anos)

CONDES

TEL. 22523

15.15 - 18.15 e 21.30
(M/12 anos)O sensacional e de-
sopilante filme de
ontem e de sempre

GRANDE HOTEL

c/ MARIO MORENO «CANTINFLAS»
A história mais cômica com o cômico
mais genial

CAPITULO

TEL. 27495

As 21 (M/12 anos)
Colorido
O PREÇO
DO OURO
c/ Richard WidmarkColorido
O BOLERO DE RAQUEL
com Cantinflas

RESTELO

Telefone 610375

21.15 (M/12 anos)
Metroscope
O PEQUENO
POLEGAR
com Russ Tamblyn

CINEMA IDEAL

A's 21 (M/17 anos)

Cinemascope
A RAINHA
DO MAL
CONSCIENCIA EM PAZ

IMPERIO

Tel. 55184

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
Exito formidável da
engraçadíssima co-
média

UM REI E QUATRO RAINHAS

com Clark Gable e Eleanor Parker
CINEMASCOPE COR DE LUXE

SAO JORGE

BALCÃO 54154
PLATEIA 5415315.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)
Kenneth More
e Taina Elg
em

OS 30 DEGRAUS

(Eastmancolor)
De degrau em degrau sobe o mistério
e cresce a emoção

MONUMENTAL

TEL. 5513

15.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)
2.ª SEMANA
Uma obra de inclas-
sificável beleza ar-
tística

O MÉDICO E O MONSTRO

com Spencer Tracy e Ingrid Bergman

ROMA

Telet. 727778

15.30 - 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O drama da guerra
numa história trá-
gica da resistência
francesa

ALTA ESPIONAGEM

com Françoise Arnoul e Bernard Blier
Bilhetes à venda p' toda a semana

AVIS

Tel. 47163

15.30 - 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
Um casal jovem
frente às realidades
da vida

NASCIDA EM MARÇO

c/ Gabriele Ferzetti e Mario Valdemarin
Um filme neo-realista italiano

GERAS

TEL. 20912

A's 21 (M/12 anos)
ORGULHO
E PAIXÃO
D. CAMILO E AS ELEIÇÕES

Restaurante Típico "A TOCA"

TRAVESSA DOS FLEIS DE DEUS, 34
TEL. 23443 (BAIRRO ALTO)

Carlos Ramos,

COMUNICA A TODOS OS SEUS AMIGOS E
AO PÚBLICO EM GERAL:SEGUNDA-FEIRA dia 1 de Junho 1959
(às 18 horas). PORTO DE HONRA ofe-
recido às Entidades Oficiais e ImprensaTERÇA-FEIRA, dia 2, INAUGU-
RAÇÃO PARA O PÚBLICO com
a abertura a partir das 20 horas

RESERVADO O DIREITO DE ADMISSÃO - Para adultos (17 anos)

TRINDADE HOJE AS 21.45 (17 ANOS)

SÓ ATÉ AMANHÃ

LUÍS DE LIMA apresenta um festival de Teatro de

IONESCO

com ELIDA MARELLI e CAMILLA AMADO

A CANTORA CARECA

A LIÇÃO AS CADEIRAS

VOSSA EXCELENCIA

Encontra: café de Balão - uma Pega 6.50

DOÇARIA CASEIRA

no Bar Ribatejo - Praça do Areeiro, 11-D

Otto Glória não renova o contrato



O treinador brasileiro despede-se do Benfica no próximo dia 2 e por enquanto pensa em repousar. Quanto a novos planos nada decidiu, ignorando se fica na Europa ou regressa ao Brasil

Com carácter oficial e sem qualquer possibilidade de se reconsiderarem atitudes, o treinador brasileiro Otto Glória e o Benfica desligaram-se, a partir de ontem à noite.

A notícia, que correu célere pela capital, assumiu grande repercussão e surpresa, porquanto nada indicava que o técnico brasileiro não continuasse ao serviço dos «encarnados». Estava prestes a concluir o seu 5.º ano de actividade e uma série de projectos, relacionados com a remodelação da secção de futebol, admitia uma continuidade de presença, aliás, prevista através de várias declarações proferidas por elementos responsáveis na vida do clube.

O certo é que Otto Glória, ao abrigo de uma disposição contratual, informou o Benfica de que não estava interessado em novo acordo. Fê-lo, portanto, 31 dias antes do termo do compromisso que o liga à colectividade da Luz.

Naturalmente, a singeleza da notícia provocou vivos comentários nos bastidores desportivos da capital, especialmente nos sectores benfiquistas, ganhando logo volume e várias conclusões precipitadas que faziam admitir a existência de um conflito, o que de maneira nenhuma, esclarecemos, corresponde à realidade dos factos.

Otto Glória, esta manhã abordado pelo «Diário de Lisboa», prontificou-se a narrar-nos tudo quanto ocorreu e fê-lo de modo sereno, em tom perfeitamente natural.

* * *

Aproximando-se a data da denúncia do contrato, cuja conclusão expira em 30 de Junho deste ano, o treinador brasileiro tratou de definir a sua situação futura, a exemplo dos anos anteriores, pelo que, ontem, ao princípio da tarde, procedeu à entrega de uma carta na secretaria do clube, comunicando não estar na disposição de renovar o contrato.

—Tratava-se de uma frase absolutamente formal — esclareceu. Uma das partes teria que se pronunciar com a antecedência devida.

Ao fim da tarde, após uma reunião, a direcção do Benfica entregou ao treinador um officio no qual informava aceitar a decisão. Desde logo, por acordo mútuo, Otto Glória deixaria de pertencer ao clube a partir de 1 de Julho próximo.

Nesse officio, os dirigentes «encarnados», lamentando a decisão

do técnico, simultaneamente manifestaram-lhe um incondicional apreço pelas suas qualidades profissionais, salientando a brilhante folha de serviços que prestou à colectividade.

Tudo simples, portanto. Todavia, em novo contacto havido, à noite, Otto Glória e os directores chegaram a uma solução inédita que coloca o treinador livre de compromissos, a partir da próxima terça-feira, dia 2. Isto é, o técnico brasileiro não aguardará o termo do contrato.

—Quais as razões deste procedimento? — perguntámos.

—Meros motivos de índole particular. Dado que o Benfica não disputa jogos oficiais durante o mês de Junho e porque necessito de repouso, concordámos, eu e os dirigentes, nestas condições. Assim, irei amanhã a Peniche, acompanhando a categoria de honra, e na segunda-feira, pela última vez, dirigirei o quadro «rubro» no jogo com o América, por sinal, o clube que servia quando fui convidado pelo Benfica há cinco anos. Na terça-feira, deslocar-me-ei ao «Lar do Jogador» para me despedir, definitivamente, dos atletas que estiveram sob as minhas ordens.

—Nada mais houve?

—Não. Entendi que era chegada a hora da minha retirada. Sou um profissional e por conseguinte é humano pretender defender os meus interesses. Com bastante mágoa, optei pela solução que me pareceu mais lógica. E' que jamais esquecerei (o Benfica está no meu coração) o largo período que estive

em contacto directo com atletas e dirigentes, que sempre me estimaram, e jamais esquecerei o incommensurável numero de pessoas que se dignaram dispensar-me a sua amizade. Não o digo por pieguice, mas creia que há factos na vida de um homem que ficam misturados no sangue. A hora é de renovação e, por conseguinte, competia-me colocar a vontade a direcção do Benfica. Parto sem um queixume, sem alimentar uma réstea de recriminações.

Ao proferir estas palavras, Otto Glória espelhava no semblante uma seriedade significativa.

—Quanto a novos planos?

O treinador brasileiro hesitou uns momentos antes de responder...

—Por enquanto, penso em repousar. Talvez me decida a realizar uma excursão de turismo pela Europa.

—Conforme estava estipulado no contrato, o Benfica garante o pagamento da minha viagem, mas nada resolvi. Vou pensar.

—Esse pensar significa...

—...significa que recebi várias propostas de clubes estrangeiros, aliás coisa normal na vida de um treinador.

—E de clubes portugueses não houve qualquer sondagem?

—Mentiria, se dissesse o contrário. Realmente, duas colectividades estão interessadas no meu concurso, mas, por enquanto, repito, nada de concreto existe.

Otto Glória dissera o suficiente. Realmente, outros esclarecimentos seriam desnecessários.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

A final do campeonato distrital de futebol (iniciados) entre as equipas da Ala de Cascais (Colégio João de Deus) e de Lisboa (Casa Pia Sec. Pina Manique) está marcada para o Estádio Nacional, às 10 horas.

—Na carreira de tiro da Casa da Mocidade, a partir das 10 horas, disputam-se as provas «28 de Maio» e «Encerramento».

ANIVERSÁRIOS

O Santana Futebol Clube promove uma sessão solene, às 16 horas, comemorativa do 39.º aniversário.

ATLETISMO

No Estádio Universitário continua às 15 e 30 horas, o «regional» de «aspirantes». O programa indica: 83 m. barreiras, altura, peso, 250 metros, dardo, 700 metros, e 4X80 metros. Para o torneio de equipas: vara e 800 metros.

BASQUETEBOL

A contar para o Campeonato Nacional de Juniores, o Sangalhos joga com o F. C. Porto, no seu campo, às 11 horas.

Para o campeonato nacional de escolas de jogadores, o Galitos joga, em Aveiro contra o F. C. Porto, às 9 horas.

A A. B. L. dá continuidade aos seus campeonatos de juniores e infantis — ambos na 2.ª fase.

CICLISMO

Principia o campeonato regional de amadores seniores, com uma prova de 125 quilómetros. A partida é às 8 horas, do Estádio «José Alvalade», onde, também se encontra localizada a meta.

Os corredores populares têm duas provas: o «Circuito de Alverca» (50 quilómetros) e uma corrida no Algueirão.

DESPORTO CORPORATIVO

O 17.º Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (distrital de Lisboa) prossegue no campo de Belém, às

9 horas, com o encontro Standard Electrica-Companhia Carris, e no campo «F. Lázaro», às 10 e 30, com o desafio F. Simões-Simca Portuguesa.

—A contar para o campeonato de handebol jogam, em Belém, às 11 horas, as equipas do Cinema Condes e do Lisgás.

(Continua na página seguinte)

TAUROMAQUIA

José Julio cortou orelhas em Granada

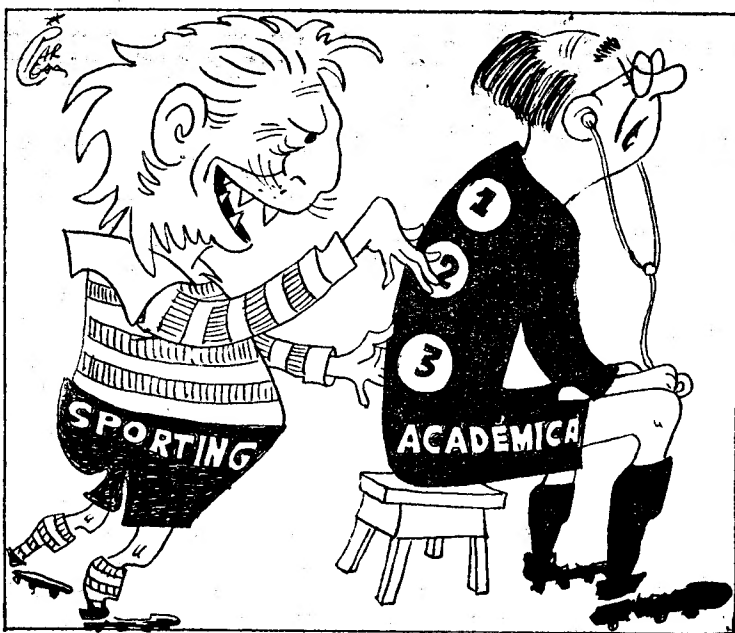
Amanhã, às 17 horas, celebrando a inauguração da Feira do Ribatejo, realiza-se em Santarém uma tourada de gala para a qual está anunciada a presença do sr. presidente da República e que será precedida de um cortejo de cavaleiros e carruagens. Lidarão touros do sr. José Infante da Camara os cavaleiros Simão da Veiga, D. Francisco de Mascarenhas, Manuel Conde e David Ribeiro Teles, e serão dois os grupos de forcados, os dos Amadores de Santarém e o de Montemor, chefiados, respectivamente, pelos srs. Rhodes Sérgio e Joaquim José Capoulas.

Corrida de gala em Santarém

GRANADA, 30 — Com novinhos de Juan Belmonte, e após novo êxito do rejoneador Angel Peralta, com corte de orelhas, triunfou plenamente o português José Julio que cortou duas orelhas no seu 1.º e deu duas voltas à arena no 2.º, sendo levado em ombros até ao hotel, com Curro Montenegro que cortou orelha. Manzano esteve bem. — (E.).

SINTRA ESPERA O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS



Os senhores doutores levaram os «pensos» necessários...

O «Regional» de handebol de sete

Vitória do Técnico sobre o Belenenses

a confirmar o seu valor

Nos encontros de ontem à noite, no ringue do Campo de Ourique, para conclusão da primeira jornada e começo da segunda, o Benfica defrontou o Monte Pedral e venceu por 22-7, com 5-3 ao intervalo; o Almada ganhou ao Glória, por 1-7 (6-4) e o Técnico venceu o Belenenses, por 15-12 (6-4).

O Benfica não teve problemas a resolver. Inicialmente, pareceu revelar falta de adaptação da variante de onze para a de sete, mas o adversário facilitou-lhe a tarefa, a partir do intervalo, permitindo-lhe a aplicação de alguns esquemas que deram o melhor resultado. Os «encarnados» revelaram facilidade de manobra, sem precipitações, o que é uma virtude, e, com alguns golpes bem desferidos, bateram o guarda-redes sem dificuldades de maior. O Monte Pedral, parco de recursos técnicos neste principiar de época, não poderia fazer melhor contra um Benfica consciente do seu valor.

Previas-se jogo mais animado, no que se refere à marcha do marcador, na partida disputada a seguir entre o Almada e o Glória. Houve rapidez nas jogadas, bom manejo de bola, às vezes apressadamente, bons remates, mas ausência total de aplicação de esquemas, quer do lado do Almada, quer do Glória. Este, porém, teve no seu dispositivo de defesa a melhor arma, não abrindo brechas. César e Hermínio poucas oportunidades tiveram de aplicar os seus golpes e a impressão inicial de que o Glória dificultaria ao máximo a manobra almadense, sucedeu a pouca convicção dos da outra banda em abrir a defesa contrária. Disso resultou, para o final do primeiro tempo e grande parte do segundo, períodos de jogo monótono, sem garra.

A expectativa criada á volta do Técnico, devido á sua primeira exibição, na segunda-feira, ampliou-se para o confronto que a equipa teve ontem com o Belenenses. Podemos já dizer que os estudantes confirmaram a impressão deveras agradável deixada no seu primeiro jogo. Talvez mais um pouco de expressão voluntarista elevasse a um nível inesperado o jogo do Técnico, á base de um processo que dá os melhores frutos. Esse processo reside, na aplicação esquematizada dos lances perto da área do adversário, permitindo o remate em

boas condições de êxito. Realmente, o handebol, nesta variante, perde muito do seu brilho se não for jogado sob essa orientação. O Técnico, neste aspecto, mostrou-se equipa de valor e a sua vitória sobre os «azuis» não foi estranha á exibição dessa técnica.

O Belenenses, por vezes rápido, com mutações em frente da área, não mostrou uma única vez qualquer esquema nem aplicou a tática mais fácil de um «pivot» para obter êxito nos lances de remate. Teria sido essa a causa da sua derrota, pois os três pontos de diferença teriam sido anulados sem dificuldades com essa manobra. Não se tira mérito, porém, á vitória do Técnico.

Após estes jogos, a classificação ficou assim estabelecida:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Almada	2	2	—	—	24-20	6
Técnico	2	1	—	1	28-26	4
Benfica	1	1	—	—	22-7	3
Sporting	1	1	—	—	14-9	3
Belenenses	2	—	1	1	23-26	3
Oriental	1	—	1	—	11-11	2
Glória	2	—	—	2	16-24	2
Monte Pedral	1	—	—	1	7-22	1

Os jogos de competência

Amanhã, disputa-se mais uma jornada, a 7.ª, do Torneio de Competência, cujo andamento continua a interessar. As classificações estão ainda por definir e o «assalto» aos dois primeiros lugares constitui a principal preocupação.

O calendário apresenta os seguintes jogos:

Cuf.Olhanense
Boavista-Salgueiros
Farense-Barreirense

A posição actual das equipas (C. U. F., 9 pontos; Boavista, 8; Barreirense, 7; Farense e Salgueiros, 5 e Olhanense, 2) sugere uma jornada cheia de interesse. Admite-se o favoritismo dos cufistas e dos «axadrezados». O Barreirense, como vésitado, tudo tentará para superar as dificuldades que a deslocação representa.

NOVO TREINO

da selecção da Escócia

Está manhã, no Estádio Nacional, a selecção de futebol da Escócia voltou a treinar, com vista ao jogo do dia 3 de Junho contra a equipa de Portugal.

A sessão impressionou. Os Escoceses aplicaram-se em cheio, produzindo um esforço significativo que serviu para pôr em realce a sua capacidade atlética. Dois grupos, formados por elementos práticos, realizaram um treino de conjunto.

O encontro com Portugal começa às 22 horas e será precedido, às 21 e 30 horas, de uma exibição da famosa banda dos «Pipes and Drums» do «Queen's Own» Cameron Highlanders.

O Benfica desloca-se amanhã a Peniche

As comemorações do 350.º aniversário da elevação de Peniche a vila e sede de concelho incluem um grandioso festival desportivo, repartido por seis jornadas, ao qual dá a sua valiosa colaboração o popular Sport Lisboa e Benfica.

A primeira jornada decorrerá já amanhã e vai pôr a ridente vila em alvoroço. Por certo, o numero de amanhã, do programa elaborado, é o de maior interesse, pois inclui o desafio de futebol entre o Benfica e o Desportivo de Peniche que no ultimo campeonato nacional da 2.ª Divisão fez uma prova muito valiosa.

A caravana do Benfica, constituída pela sua equipa de futebol e por elevado numero de sócios e simpatizantes que a acompanham, chegará a Peniche, pelas 11 horas, seguindo-se uma visita ao Cabo Carvoeiro.

Às 12 e 30 haverá recepção na Camara Municipal e, depois do encontro, que se realizará pelas 16 horas, será oferecido aos jogadores lisboetas um jantar de honra.

DESPORTOS

O América (de Yustrich) joga no Estádio da Luz na Segunda-feira

Felizmente, chegaram a bom termo as negociações, terminadas esta madrugada, entabuladas entre os dirigentes do Benfica e do América, do Rio de Janeiro, cuja equipa de futebol chegou ontem a Lisboa para iniciar uma digressão pela Europa.

A direcção do clube dos «encarnados», embora lutando com falta de datas, não quis deixar de aproveitar a presença do grupo carioca e, assim, combinou um jogo para a noite da próxima segunda-feira, no Estádio da Luz.

A atitude assumida pelos dirigentes do popular clube merece ser posta no devido lugar de realce, dado que a mesma consubstancia um sentido de hospitalidade que se integra perfeitamente na comunhão de ideais luso-brasileiros, onde, no âmbito desportivo, o Benfica tem desempenhado acção relevante.

As dificuldades dos «encarnados», patentes na evidência da realidade, justificam de modo suficiente a impossibilidade da efectivação do referido encontro, mas um sentimento de amizade suplantou todos os interesses em causa.

Comprometido com uma deslocação a Peniche, amanhã, e com a visita do Corinthians, marcada para o dia 4 de Junho, não era viável a realização do jogo com o América esta semana, porquanto o clube brasileiro se encontra em Lisboa.

PESOS E HALTERES

Raul Mário

esteve em evidência
nos Campeonatos Regionais

Na sede do Ateneu Comercial de Lisboa, efectuaram-se, os campeonatos regionais, de juniores, de levantamento de pesos, que alcançaram, sem dúvida, magnífico êxito. Além do elevado número de participantes, alguns deles demonstrando excelentes recursos e técnica bastante apurada, temos de salientar o aparecimento de um novo clube, que fez a sua estreia em competições oficiais — o Clube Halterófilo da Costa do Sol.

Entre os concorrentes que, de maneira geral, efectuaram boas provas, a figura principal dos campeonatos, foi, sem dúvida, o atlesta Raul Mário, que igualou, com um levantamento de 85 quilos, o «record» nacional absoluto do desenvolvimento, na categoria de leves. Extra-campeonato, em tentativa de «record», Raul Mário tentou erguer 89,5 quilos. Falhou a tentativa, mas ficou-nos a certeza de que muito em breve, e com facilidade, o «record» lhe pertencerá, pois o levantador atlesta foi ao campeonato com muito poucas sessões de treino. Nos três levantamentos clássicos Raul Mário elevou 255 quilos, a melhor marca entre as de todas as categorias. Pela regularidade demonstrada merecem, também citação Carlos da Costa Ribeiro e José Travaços, do Clube Halterófilo da Costa do Sol; Carlos Mesquita Gomes, do Lisboa Ginásio; Fernando Leal e Germano Sales, do Ginásio Clube Português; e, José Homem Pereira de Carvalho, do Ateneu.

Os resultados técnicos dos campeonatos foram os seguintes:

LEVESSIMOS — 1.º, Luís Ramos Paquete (C. P. C. F.), 202,5 quilos (65+55+82,5); 2.º, Alfredo da Silva Dias Teixeira (L. G. C.), 195 (60+60+75); 3.º, Vasco Gaião (G. C. P.), 175 (50+55+70).

LEVES — 1.º, Raul Mário (Ateneu), 255 quilos (85+75+95); 2.º, José Paulo Bernardo (C. H. C. S.), 235 (80+70+85); 3.º, Carlos Mesquita Gomes (L. G. C.), 211 (65+65+81).

MÉDIOS — 1.º, Carlos da Costa Ribeiro (C. H. C. S.), 250 quilos (77,5+72,5+100); 2.º, Germano Sales (C. C. P.), 240 (70+75+95).

MEIOS PESADOS — 1.º, José Travaços (C. H. C. S.), 250 quilos (80+70+100); 2.º, Luís Guilherme Cabral, 216 (65+66+85).

PESADOS LIGEIROS — 1.º, José Homem Pereira de Carvalho (Ateneu), 237,5 quilos (85+65+87,5); 2.º, Samuel Lopes (L. G. C.), 224 (75+69+80).

J. M.

sileiro se estreia, em Israel, no dia 6 de Junho. Todavia, o Benfica, indifferente a prejuízos de vária ordem, solucionou o caso, prontificando-se a defrontar o categorizado adversário no dia 1. Uma boa atitude portanto e que muito sensibilizou os dirigentes cariocas.

Não obstante se efectuarem, no curto espaço de quatro dias, três jogos internacionais, no qual está englobado o Portugal-Escócia, é de crer que os sócios e adeptos do Benfica, todos os desportistas em geral, compreendam o significado da decisão do clube da Luz e não deixem de apoiar a iniciativa com a sua preciosa presença. Nada mais justo.

O América, que esta tarde treinou no Estádio da Luz, apresenta um valioso lote de jogadores; uma fornada de Yustrich, pletórica de juventude e de recursos técnicos. São eles: Ary, Jorge, Lucio, Amaro, Leonidas II, Wilson, Canário, Calasans, Hilton, Valença, Nilo, Antoninho, Djalma, Ayrtton, Décio, Genivaldo, Milton e Muriás.

A presença de Yustrich, antigo treinador do F. C. Porto, é um dos atractivos do importante encontro. O famoso técnico brasileiro, que foi festivamente recebido no aeroporto, afirmou-nos que a sua equipa denuncia uma boa condição e que o seu principal objectivo é brindar o publico lisboeta com uma agradável exibição de futebol.

O Benfica utilizará Angelo (autorizado pela Federação a disputar jogos particulares), Costa Pereira e Aguas, seleccionados para os jogos com a Alemanha Realizol.

O América, que realizou uma excelente campanha no recente torneio Rio-S. Paulo (conseguiu derrotar o célebre grupo de Santos, onde pontificam os «fenómenos» Pelé e Coutinho), é apontado pela crítica brasileira como um dos melhores intérpretes do «association».

Estes e outros pormenores concitam a expectativa de um bom jogo além de que há uma certa «validade» entre os dois grupos.

O «NACIONAL»

DE JUNIORES

Benfica e Sporting num jogo decisivo

O 19.º Campeonato Nacional de juniores continua amanhã com os encontros correspondentes à 5.ª e penúltima jornada da segunda fase. O programa apresenta-se assim:

Boavista-Académico (0-3)
Leixões-F. C. Porto (1-2)
Portalegrense-Olhansense (0-5)
Benfica-Sporting (3-0)

Todos os encontros estão marcados para as 10 e 30 horas nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da primeira volta.

Na zona Norte o Boavista e o Leixões vão aproveitar a circunstância de jogarem nos seus campos para tentar desforras das derrotas sofridas há cinco semanas. A tarefa será difícil, porquanto, a Académica e o F. C. Porto, terão bem presente a necessidade de vencer para continuarem a pensar na possibilidade de estarem presentes na final. Os vaticínios são favoráveis aos estudantes e aos portistas.

Pelo que respeita à zona Sul, o despique Portalegrense-Olhansense, tem escasso interesse. Apenas, se poderá pensar na hipótese dos Alentejanos virem a fazer melhor resultado do que no Algarve, mas, na verdade, ser-lhes-á difícil adregar a primeira vitória.

O Benfica-Sporting é o jogo do dia, bastando dizer que pode decidir o vencedor da zona, que, o mesmo é dizer, um dos finalistas. As duas equipas vão lutar arduamente pela vitória e isso valorizará o desafio. O favoritismo vai para os «encarnados»,... se estes não confiarem muito, pois um triunfo «leionino» não chegará a ser surpresa.



YUSTRICH

PROVAS DA A. F. L.

Os 20 jogos de amanhã

Já no declinar da época, a actividade da A. F. L. mantém-se razoavelmente intensa. Para amanhã estão previstos vinte desafios, que constituem o seguinte programa:

Campeonato distrital da III Divisão (4.ª jornada da 2.ª fase) — Unidos de Algués c. Loures, em Algués; Vialonga c. Linda-a-Velha, em Vialonga — ambos às 16 e 30 h.

Campeonato distrital de Juniores da II Divisão (10.ª jornada da 2.ª fase) Série A — U. Algués c. Sporting, em Algués, às 10 e 30 h.; Casa Pia c. Sintrense, em «Pina Manique», às 11 h. O desafio Amadora c. Linda-a-Velha não se efectua por f. c. do ultimo. Série B — Oriental c. Sacavenense, em Marvila, às 9 e 30 h.; Santa Catarina c. Operário, em «Pina Manique»; Vila-franquense c. Santa Iria, em Vila Franca de Xira — ambos às 10 e 30 horas.

Prova Distrital de Principiantes (14.ª jornada) Série A — Amadora c. Atlético A, na Amadora, às 10 h.; Belenenses c. Sporting, no Restelo, às 10 e 30 h.; Palmense c. Torriense, em Palma; Oriental c. Casa Pia, em Marvila — ambos às 11 e 15 h. Série B — Benfica c. S. L. Olivais, no Campo Grande, às 9 e 30 h.; Atlético B c. Vila-franquense, na Tapadinha; Vialonga c. Povoense, em Vialonga; Alhandra c. Sacavenense, em Alhandra — os três às 10 e 30 horas.

Campeonato Distrital de Reservas (18.ª jornada) — Torriense c. Oriental, no campo das Covas; Benfica c. Estoril, no Campo Grande — ambos às 16 horas.

HIPISMO

No Campo Grande termina amanhã o Concurso Nacional

Os adeptos do hipismo vão ter amanhã, no hipódromo do Campo Grande, uma jornada de muito interesse, com a realização das duas provas que constituam o programa da ultima jornada do Concurso Hípico Nacional de Lisboa e que por motivo do mau tempo não se efectuaram na data prevista.

A reunião, para a qual foram estabelecidos preços muito acessíveis tem as características de propaganda. No programa figuram duas provas — a de juniores e o «Grande Prémio» — que se desenrolarão a partir das 16 horas.

Há autocarros para o transporte de publico entre o Campo Grande e as tribunas.

BADMINTON

O Benfica e o Sporting disputam hoje, à noite, a final do campeonato nacional

As equipas do Benfica e do Sporting defrontam-se hoje, à noite, no ginásio da Escola «Nuno Gonçalves», na final do campeonato nacional de badminton.

Como é natural o despique está a suscitar o maior interesse e deve atrair numeroso publico. A entrada é livre.

FUTEBOL

O «Torneio Popular» acaba hoje à noite no Estádio da Luz

O «Torneio Popular de Futebol» que a Associação de Futebol de Lisboa e o jornal «O Século» patrocinou, depois de ter movimentado cerca de uma vintena de clubes populares e ter constituído um êxito assinalado, vai ter o seu epílogo hoje, à noite, no Estádio da Luz, no decurso de um festival, cujo atraente programa se encontra assim elaborado:

As 20 horas — Lisboa F. C.-Império C. P., para apuramento do 3.º classificado e disputa da taça «Conselho Técnico da A. F. L.».

As 21 e 45 — Entrega, em campo, das medalhas de bom comportamento aos jogadores (14 por equipa) das 11 equipas que têm direito a essa distincção.

As 22 — Final do torneio, entre o Fonte Santense e o S. C. Liberdade. No fim deste jogo, entrega da taça «Século», ao vencedor; da taça «Associação de Futebol de Lisboa», ao vencedor; do troféu «Candido de Oliveira» à equipa melhor comportada; e de medalhas aos jogadores das equipas finalistas.

O argentino Mesiano é homenageado amanhã

Com um excelente programa realista-se amanhã, na Tapadinha, a festa de homenagem ao valoroso jogador argentino, Enrique Mesiano, que há vários anos defende as cores do Atlético, sempre com invulgar entusiasmo e assinalável espírito de dedicação.

O festival tem início às 14 e 45 horas, com um jogo entre dois mistos, «ultramarininos» e «brasileiros-argentininos», cujos elementos actuam em clubes nacionais.

As 16 e 45 horas, defrontam-se as categorias de honra do Sporting e do Atlético, para a disputa de duas valiosas taças.

Várias provas de amanhã

(Continuação da página anterior)

DESPORTO UNIVERSITARIO — Conclui-se o campeonato de futebol com o encontro Económicas-I. N. E. F., no Estádio Universitário, às 10 h.

HANDEBOL DE SETE — O campeonato de handebol de sete (em reservas) tem a sua 3.ª jornada no campo do I. S. T., a partir das 9 horas, com os desafios: Sporting-Monte Pedral, Almada-Glória e Belenense-Técnico.

INAUGURAÇÕES — O Colégio Universitário Pio XII, comemorando o seu 2.º aniversário inaugura o seu campo de jogos, com jogos de basquetebol, hóquei em patins, com o encontro principal entre o Sintra e o Paço de Arcos, e futebol de salão.

Antes, às 15 horas, haverá bênção do campo e palavras de apresentação.

PEDESTRIANISMO — Entre Olivais (Guincho) e Algués correm-

HOJE À NOITE

BADMINTON — No Ginásio da Escola Nuno Gonçalves, às 21 horas, Benfica e Sporting disputam a final do Campeonato Nacional.

BASQUETEBO — Última jornada do Campeonato Nacional. As 21 e 30 horas: Benfica-F. C. Porto, em S. Bento; Académica-Barreirense, em Coimbra e Vasco da Gama-Sporting, no Porto.

HANDEBOL — No rinque da Madre de Deus, a partir das 20 e 45 horas, prossegue o «Regional» da 1.ª Divisão, equipas de sete: Liberdade (Campolide)-Madre de Deus, Paço de Arcos-Liberdade (Mutela) e Sp. da Penha-Hóquei.

TENIS DE MESA — Começo dos Campeonatos Nacionais. No Casino da Figueira da Foz, em que participam 300 jogadores, representando 57 equipas de 33 clubes, nas categorias de seniores, juniores, senhoras, meninas e infantis.

VOLEIBOL — No ginásio do Técnico, às 21 e 30 e 22 e 30 horas: A. Militar-Agronomia e Técnico-I. N. E. F., para o Campeonato Universitário.

O «NACIONAL»

DA 3.ª DIVISÃO

A 5.ª jornada da 2.ª fase

Está prevista a concluir a 2.ª fase do campeonato nacional da III Divisão. Para amanhã estão previstos já os encontros da 5.ª jornada, que é a penúltima. Ressalva-se, no entanto, que na Zona C a «poule» caminha atrasada, porque «Os Leões» de Santarém só mais tarde entraram na liga.

Os jogos previstos para amanhã são os seguintes:

S. C. Beira Mar c. Ovarense
S. C. Régua c. U. Paredes
Acad. Viseu c. U. Coimbra
Ass. Naval c. S. B. C. Branco
C. D. T. Novas c. «Os Leões»
Casa Pia A. C. c. S. L. Olivais
U. Montemor c. «O Elvas»
Lusitano F. C. c. Silves F. C.

se os «30 Quilómetros» em estrada, com partida às 8 horas e chegada prevista para as 9.30-9.45 horas.

PESCA DESPORTIVA — O Clube, Eborense dos Amadores de Pesca Desportiva organiza na Albufeira do Vale de Moura, o seu 8.º Grande Concurso de Pesca Desportiva (inter-clubes).

RAGUEBI — A contar para a Taça de Portugal (2.ª «mão») da 1.ª eliminatória: Sporting-Belenenses, em Alvalade, às 9.30 h.; Benfica-C. D. U. L., no E. Universitário, às 11 h.

TENIS — Nos «courts» do Estoril, continuação do «Campeonato da Primavera», com jogos a marcar conforme os resultados que hoje se verificarem.

No stand dos Soeiros, á estrada de Benfica, torneio organizado pela Casa Brás & Brás, a partir das 10 horas.

No stand do Lumiar, a partir das 15 horas, prova de prancha, do C. P. T. C.

FUTEBOL INTERNACIONAL

NO ESTÁDIO DO BENFICA

SPORT LISBOA E BENFICA—

—S. C. CORINTHIANS PAULISTA

NO DIA 4 DE JULHO, às 21.30 horas

BILHETES A VENDA

Na Secretaria da Comissão Central

No dia 1, das 18 às 19.30 e das 22 às 24 horas.
Nos dias 2 e 3, das 10.30 às 13, das 15 às 19.30 e das 22 às 24 horas.
No dia 4, das 10.30 às 13 e das 15 às 19.30 horas.
Nas Agências: A. B. E. P.—ABELHA—DÁVILA e JOBE, a partir do dia 1.

PREÇO DOS BILHETES

SÓCIOS	10\$00
CABECEIRAS	15\$00
BANCADAS LATERAIS	25\$00
BANCADAS CENTRAIS	35\$00

Espectáculos para maiores de 12 anos

O PRETO NO BRANCO

Divagações

As artes — as várias artes — devem tornar-se independentes umas das outras. Cada uma delas adoptará o meio de expressão que mais lhe convier ou que mais convier ao artista. A pintura deverá bastar-lhe as cores, tornando-se independente do assunto e das figuras. A pintura pura está na paleta do pintor antes de ele começar a pintar. Para bem dizer, a pintura onde está é nas bisnagas da tinta antes de ser espremida. E bastar-lhe-ão borões de tinta informes e de qualquer cor ou então de quaisquer formas, circulares, rectangulares, quadrados, triangulares ou «em forma de sofisma». Pode mesmo dispensar-se a tinta porque se podem obter os mesmos efeitos com papéis de cor, recortados e colados uns aos outros. Quando muito poderá ser legítimo ao artista pôr um número em qualquer desses papéis: ou 27 ou 104, como os números das portas. Um 100 para a escola espanhola ou um 77 para a escola inglesa. O esforço da criação não é com o pintor é com quem contemple a produção. E exigirá mais ou menos, conforme o estado de sensibilidade e de inteligência de quem vê a obra. Aos aquarelistas nota-se a tendência de aconselhar aos artistas que em vez de água e tintas usem aguarrás, se possível de ginja. Quanto aos escultores pode-se aconselhar como matéria da sua arte, em vez do mármore, o plástico ou a margarina, por mais ductil. No Tibet os grandes monumentos em dias de festas eram em manilha de yak, que aquelas baissimas temperaturas que eram os chineses, endurecia como pedra. Poderão esculpir-se assim com muito mais facilidade até as estátuas equestres, alterando-se com facilidade a posição das figuras ou o cavaleiro a cavalo ou o cavalo a cavaleiro. A estética musical está profundamente modificada. Dantes a música era a arte da combinação dos sons. Hoje é a combinação dos ruídos, dos barulhos ou dos estrondos ou, se preferirem, tudo isto com amortecedores ou abafadores, havendo, em vez de sinfonias, sensaborias ou sanfonices, vocabúlo que vem de sanfona. Já de há muito que acabou a música ligeira, a opereta e não tarda que acabe a ópera. Fica o triunfo das cantigas. Estou a pensar em dois extremos, o Rubens ou um Rembrandt e o que seria se eles fizessem os seus quadros em colagens. Não duvido que pode aparecer subitamente um grande escultor e antegozo o que será um Fídias em plástico ou uma Vénus de Milo, mas com braços em manilha de yak, como no Tibet. Anunciam-me, e eu estou ansioso de ver, um teatro que é proposadamente um «não teatro». Será um teatro a Hegel, um teatro contraditório, dialéctico em que o essencial está no intervalo dos actos. Que ele é certo que como já dizia não sei quem que «nos intervalos pede-se prós asis». Onde se lê intervalos e asis, deve ler-se intervalos e asilos. Já houve um teatro «do silêncio», que passou de moda. Os autores sugeriam ao espectador tudo o que não diziam e que só os silêncios das personagens, calando-se, davam a entender ao público. Eu julgo que seria mais radical eliminar o espectador, mandando-o ao cinema. A literatura era afinal de contas um mau costume. Eu ainda assim prefiro o ensaio crítico, ou apologetico. Ainda há pouco tempo li um artigo crítico sobre um grande pintor modernista que eu achei admirável — ao artigo. E' bem certo que

De RAMADA CURTO

não percebi nada. Pois dividi as orações, cuidadosamente estudei os sujeitos e os predicados, atendi à conjugação dos verbos e fiquei na mesma. Feitas as contas prefiro o pintor. Porque se este não pinta tem pelo menos a vantagem de que não escreve. Max Nordan, dizia, comparando o Verlaine com o Mallarmé, que o primeiro era um poeta que tinha momentos de loucura e o segundo era um débil de espírito que tinha momentos de versificação. Julgava-se, quando Nordan escrevia isto, que não se podia ir mais longe. O certo, porém, é que tem-se ido muito mais longe e cada vez se vai mais longe. Chegaram a entrar nas Academias continuadores do Mallarmé, que não eram débeis de espírito completo, mas eram fumistes que é como quem diz intrujões.

Foi pensando nisto que eu dei a este artigo o subtítulo de «divagações». Obscuridade e incoerência, podem ser defeitos de um artista. Mas a aldrabice literária é insuportável. Antes a estupidez, que essa é simpática quando é sincera. Mas o certo é que todas estas coisas são tratadas a sério por pessoas responsáveis! De onde a mim me parece que há uma parte do Mundo que está cada vez mais precisada de ser submetida a um exame de psiquiatria. A menos que a outra parte reclame tratamento correcional, punido com multa ou «privação de direitos literários». Eu se for citado confesso e desisto logo. O publico não perde e eu ficarei convencido por um facto julgado certo e de que já não há recurso. Ganham os leitores e ganhou eu, que tenho idade para ter juízo.

RAMADA CURTO

Não se espera

um golpe de Estado

na Argentina

BUENOS AIRES, 30 — Numa reunião com os representantes da Imprensa, o presidente Frondizi, ridicularizando os rumores da iminência de um golpe de Estado, pediu aos jornalistas que, na altura em que ele se verificasse o avisassem pelo telefone. «Aconteça o que acontecer, acrescentou, encontrar-me-ão aqui, na Casa Cor-de-Rosa».

O chefe de Estado havia dito antes que não haveria no país tabellamento de preços nem novos aumentos de salários, que não fossem acompanhados de aumento equivalente de produção.

Afirmou também que, o estado de sítio continuará em vigor enquanto não se restabelecer a paz social, e terminou desmentindo categoricamente os boatos de que o Exército é quem lhe impõe a sua política. — (F. P.).

Em ALHOS VEDROS e PINHAL NOVO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por MANUEL DE SOUSA MELRO.

TERMAS DE CALDELAS

tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos

Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

Considerações sobre ensino universitário num conferência de prof. Ivo Soares

Integrada no Ciclo de Iniciação Profissional, promovido pela Associação dos Estudantes da Escola Superior de Medicina Veterinária, o prof. dr. Ivo Ferreira Soares proferiu, esta manhã, no anfiteatro de Anatomia daquela escola, uma conferência intitulada «Considerações sobre ensino universitário».

No decurso da sua exposição o orador definiu a função múltipla e complexa da instituição universitária, afirmando que o fim do ensino superior é, além de transmitir a informação especial profunda e actualizada, ministrar uma formação que permita aos seus discípulos adaptarem-se às novas condições resultantes da evolução da ciência e da técnica. A este propósito, o orador afirmou:

«Este objectivo só pode ser atingido se não se negar a liberdade interpretativa pessoal dos factos informados. A Universidade compete, como primeira função, a preparação de profissionais competentes, portadores de cultura geral que melhor lhes permita compreender o especial».

Referindo-se à posição do aluno no ensino universitário declarou: «O estudante deve assumir, perante a Ciência, comportamento identico ao do artista plástico perante o modelo. Exige-se-lhes mais do que simples reprodução; aprecia-se-lhes a interpretação pessoal inspiradora de novos conceitos».

Por fim, analisando a missão do professor, disse: «O mestre tem por obrigação despertar, nos alunos, interesse pela matéria que ensina, expondo os assuntos de maneira aliciente, criando-lhes amor pelo estudo, estimulando qualidades latentes».

O rei Balduino foi aclamado na Broadway que o recebeu em festa

NOVA YORK, 30. — O rei Balduino subiu hoje a Broadway num automóvel aberto, sob uma chuva de «confettis» que caía das janelas dos arranha-céus, segundo o costume da cidade, em sinal de boas-vindas aos visitantes de categoria. O carro real era precedido de motociclistas da Polícia, de destacamentos da Polícia Montada, das bandas do Exército, da Marinha, da Aviação, dos Fuzileiros Navais e dos serviços municipalizados de Nova York.

No seu terceiro dia em Nova York, o rei dos Belgas visitou o Instituto Rockefeller, colocou uma coroa de cravos vermelhos e amarelos junto do monumento levantado em 1924 para comemorar o 300.º aniversário da chegada dos colonos valões a Nova Amsterdão, que devia mais tarde a ser Nova York.

Livrando-se dos agentes dos serviços de segurança, conforme já fez muitas vezes, o rei Balduino passou alguns minutos ao longo dos cais de «Battery Place» para observar os barcos que lançavam repuxos em sua honra. Além de gritos de «Long live the king», ouviam-se também os de «Vive le roi» lançados por pequenos grupos de Belgas residentes em Nova York.

Depois de ter sido recebido no «City Hall», Camara Municipal de Nova York, pelo governador Wagner, o rei presidiu, no Hotel Waldorf Astoria, a uma jantar que o Município ofereceu em sua honra. — (France Presse).

DOIS ALPINISTAS em perigo mortal

BOLZANO, 30. — Dois alpinistas de que tanto se ignora a identidade como a nacionalidade, estão em situação arriscada, agarrados a uma parede do Catinaccio (2.981 metros). Pelas duas horas da noite, gritos de socorro chamaram a atenção dos camponeses de Nova Levante, perto de Bolzano, dando estes o alarme às autoridades. Já partiram quatro alpinistas em socorro dos sinistrados, mas as condições atmosféricas são péssimas. — (F. P.).

A Feira Britânica vista pelos autorizados representantes da Indústria e do Comércio



Pinto e Bernardo Mendes de Almeida (conde de Caria), respectivamente, presidentes da Associação Industrial Portuguesa e da Associação Comercial de Lisboa.

Dr. Cortez Pinto:

«Uma lição estimulante de energia criadora e eficiência técnica».

Conde de Caria:

«Brilhante expressão de possibilidades de exportação».

«A Feira das Industrias Britânicas em Lisboa é, antes de tudo, a demonstração admirável de trabalho e de capacidade técnica de uma grande nação industrial em plena ascensão de progresso. Ao povo português, que vai visitá-la, sem dúvida, com profundo interesse, traz o testemunho dos benefícios da industrialização incessante num país que por ela conquistou os mais robustos penhores da sua grandeza e da sua irradiação no Mundo. E' para nós uma utilíssima lição, que vem ao encontro das aspirações dos industriais na desejável mobilização da consciência nacional em torno do esforço de desenvolvimento económico que nos cumpre levar a cabo».

Mas é aos industriais, sobretudo, que a Feira Britânica oferece as mais salutares e fecundas sugestões. Em face de uma tão brilhante, espectacular e convincente parada de qualidade e variedade na produção, de eficiência produtiva, de adaptação inteligente e dinâmica aos interesses e desejos dos mercados, podemos reconhecer mais eficazmente o alcance do caminho que já percorremos e o muito que temos ainda de caminhar. A Feira das Industrias Britânicas é uma lição estimulante de energia criadora e de eficiência técnica, de capacidade científica ao serviço da indústria e de visão comercial na conquista das clientelas. E, como se realizou há pouco entre nós a Feira das Industrias Portuguesas, podemos estabelecer mais proveitosamente as comparações impulsoras que a realidade das coisas nos impõe».

A esplêndida exibição industrial inglesa mostra, por um lado, que nos falta muitíssimo para alcançar o nível das grandes nações manufactureras que conduzem os progressos da civilização contemporânea. Mas mostra também, na comparação lucida e imparcial, que entre nós já se fabrica muito e bom — que temos somente de perseverar, cada vez com mais corajosa iniciativa e melhor sentido das necessidades técnicas e comerciais do nosso tempo para chegarmos a idênticos triunfos. Quero apontar, apenas, uma breve referência concreta: o acerto com que foram instalados em muitos dos pavilhões da Feira, em ambiente acolhedor e elegante, serviços de recepção dos comerciantes interessados na produção exposta. Uma Feira é, acima de tudo, um centro comercial de pro-

(Continua na 11.ª página)

Estudantes do Império

A Casa dos Estudantes do Império está instalada, novamente, na Avenida Duque de Avila, 23.

NOIVOS

As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade! Rue de Prata, 957

«A Feira é um testemunho brilhante da tradição comercial britânica em Portugal. As relações mercantis constituíram a base e ponto de partida em que assentou desde a origem a amizade luso-britânica e, posteriormente, a aliança política que condensou a solidariedade das duas nações. Foram os mercadores portugueses que, inicialmente, se deslocaram à Grã-Bretanha; logo a seguir vieram até nós os mercadores ingleses, estabelecendo correntes fecundas de intercambio e ajudando-nos na reconquista do território. Assim se gerou a sólida amizade comercial que há mais de seis séculos liga os povos de Portugal e da Grã-Bretanha».

Este mostruário da Feira das Industrias Britânicas é brilhante expressão, diversificada e rica, das possibilidades exportadoras da nossa velha aliada. Desde o produto doméstico e do automóvel até ao equipamento industrial em que a Inglaterra tem sido tradicionalmen-

(Continua na 11.ª página)

SEGURO POPULAR DE VIDA



As mulheres

norte-americanas
são dominadoras
e não sabem
lidar com os homens...

SAN FRANCISCO, 30 — As Norte-americanas não sabem lidar com os homens: tratam-nos como se fossem garotos. Têm muito que aprender com as Francesas.

E' esta a opinião de uma Francesa — Nadine Mitton — que já foi «modelo» de Jacques Fath e conta actualmente 24 anos. Visita os Estados Unidos para colocar artigos de beleza e lida, por consequência, com muitas mulheres norte-americanas:

«São dominadoras. Julgam-se superiores aos homens. Tomam todas as iniciativas — desde a escolha do restaurante onde se deve ir jantar, até a forma por que se deve guiar automóvel e a escola que mais convém aos filhos».

Quanto às raparigas dos Estados Unidos, a jovem francesa declara-as «horribéis».

Quando terminou a sua diatribe contra as Norte-americanas, perguntaram-lhe se não tinha encontrado pessoas agradáveis nos Estados Unidos: «Com certeza — respondeu — os homens». — (A. N. I.).

Um relatório oficial

sobre a tragédia de Riobom
e o auxílio à população sinistrada
vai ser entregue ao Governo

VISEU, 30 — (Pelo telefone) — Na povoação mártir de Riobom, flagelada pela devastadora tempestade de quarta-feira, tudo agora está calmo, sob a onda de desolação que cobre os destroços da grande tragédia, tornando mais profunda

Mais luz para Lisboa

— eis a directriz ditada hoje
pelo presidente do Município
ao novo chefe da 1.ª Repartição

No gabinete do presidente da Camara Municipal de Lisboa tomou hoje posse, às 11 horas, o novo chefe da 1.ª Repartição dos Serviços Técnico-Especiais, eng. António Pereira Marques. O acto revestiu-se de simplicidade, tendo assistido a ele numerosos funcionários municipais e amigos do empossado.

Lido o auto de posse pelo sr. Edmundo de Andrade, chefe da secção de escrivania, e assinado pelo presidente e pelo empossado, o sr. brigadeiro França Borges, que estava ladeado pelos vice-presidentes da Camara, salientou as qualidades pessoais e profissionais do eng. Pereira Marques. O numero dos seus amigos presentes era prova de quanto é apreciado o seu carácter e de como são numerosas as amizades de que dispõe.

Salientou, depois, a grande competência profissional do novo chefe

Comodoro Sarmiento Rodrigues

Para a vaga aberta no Conselho da Ordem Militar de Cristo, pelo falecimento do coronel Esmeraldo de Carvalhais, foi nomeado o comodoro Sarmiento Rodrigues, antigo ministro do Ultramar.

de repartição. A Camara — disse — só se honra de ver ascender a postos de comando homens da sua categoria; por isso era também a Camara que estava de parabéns.

As qualidades do eng. Pereira Marques «reverterão em benefício da cidade de Lisboa que, como alguns jornais dizem, precisa de mais luz». Compete à repartição que o empossado vai chefiar dar mais luz a Lisboa e atender essas e outras observações da Imprensa, sempre que se justifiquem.

O agradecimento do eng. Pereira Marques

Usando depois da palavra o eng. Pereira Marques agradeceu ao presidente a honra da nomeação para o cargo. E disse, ainda: «Para mim, não considero fatuidade afirmar, em compensação do acrescimento de responsabilidade, emerge muita satisfação pelo que representa de confiança e consideração, decorridos que vão quase vinte anos de serviço. E com o maior entusiasmo que reafirmo a V. Ex. lealdade e vontade de bem servir. Estabelecidas, como estão, as normas de trabalho da repartição, de um lado a acção burocrática e administrativa, do outro a acção técnica e de execução do serviço publico para que foi criada, e sobre que se formulam cada vez maiores exigências, algumas de actualidade, julgo oportuno encarecer o esforço necessário, portanto a compreensão da quota-parte de responsabilidade que a cada um cabe no exercício da função, em colaboração estreita, sempre atinente à maior simplicidade de processos e eficiência de resultados. Aliás, apenas buscando satisfazer o conceito, a directriz, que V. Ex. já teve ocasião de definir. Para tanto, confio na boa vontade dos meus colegas e subordinados, e conto com a orientação e auxílio amigo, ouso dizer familiar, do senhor director, e com a indulgência de V. Ex. para as imperfeições que possa cometer».

Seguidamente, o novo chefe de repartição foi muito felicitado por todos os presentes.

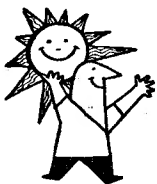
O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de Noroeste a sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela, e fraco de Leste a norte do mesmo sistema. O céu estava limpo por acção de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão centrada sobre a Espanha.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS (T. M. G.) — Lisboa e Portalegre, 17°; Coimbra e Funchal, 18°; Porto, 19° e Faro, 20°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente limpo. Vento fraco do Norte.



O momento da leitura do auto de posse do sr. eng. António Pereira Marques, que se vê, na gravura, á esquerda

A popularidade de Clark Gable

HOLLYWOOD, 30. — Quando se divulgou nos Estados Unidos a informação de que Clark Gable tinha arrancado um dos seus dentes do siso, um vigarista engenhoso, com jeito evidente para explorar o gosto dos ingênuos norte-americanos pelas raridades e, nomeadamente, por aquelas que se relacionam com os «astros» do Cinema — instituiu um negócio: pôs-se a vender «o dente de Clark Gable».

Foi em seguida a ter vendido o 200.º que a Polícia o prendeu. — (A. N. I.).

A Casa Branca

desmentiu que Strauss
tivesse pedido a demissão

WASHINGTON, 30 — O adido de Imprensa á Casa Branca desmentiu que Lewis Strauss tenha apresentado demissão do cargo de secretário de Estado do Comércio. E acrescentou: «A ideia duma demissão é a ultima coisa em que Strauss ou o presidente pensam». O «Daily News» diz hoje que o secretário do Comércio teria apresentado a demissão ao presidente Eisenhower, que corre o risco de se ver embaraçado pelos ataques que essa nomeação provocaria entre os democráticos.

Lewis Strauss foi designado por 1 voto de maioria, em 19 do corrente, pela Comissão Senatorial do Comércio, e a nomeação deve ser confirmada em sessão plenária do Senado, na semana próxima. — (F. P.).

AGUARELAS E DESENHOS de Adolfo Hitler

procurados a peso de ouro

VIENA, 30 — Os coleccionadores procuram actualmente, a peso de ouro, uma série de aguarelas e desenhos, assinados por Adolfo Hitler, que se encontram na posse de diferentes famílias da Alta Austria. Segundo o jornal «Kronen Zeitung», muitas destas obras foram dadas por Hitler ao dono de um hotel que lhe deu hospitalidade quando se encontrava na miséria. Entre os desenhos, encontram-se vários croquis sobre a primeira guerra mundial. — (F. P.).

O ministro da Educação Nacional esteve hoje em Portalegre

PORTALEGRE, 30 — (Pelo telefone) — A convite do Grémio do Comércio, chegou, por volta das 13 horas, o sr. ministro da Educação Nacional, que foi festivamente recebido e aqui se deslocou para estudar as possibilidades da criação de uma Escola de Magistério Primário.

O sr. prof. Leite Pinto era aguardado, no limite do distrito, por numerosas representações das forças vivas da cidade, em automóveis, que vieram num cortejo até á cidade onde aquele membro do Governo foi recebido na Camara Municipal e saudado por vários oradores.

No Governo Civil foi-lhe oferecido um almoço, depois do que o ministro, acompanhado por diversas entidades, visitou a antiga Escola Industrial, para avaliar das possibilidades de ali ser instalado o referido estabelecimento de ensino.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Empréstimos s/ automóveis, nas melhores condições, no espaço de uma hora e por períodos de 3 a 18 meses, cl amortizações suaves.

COLHAM REFERÊNCIAS

PORTO-PRACA D. JOÃO I, 25 1.º
TELEFS. 26706-30181
LISBOA-PRACA DA ALEGRIA, 58-2.º
TELEFS. 366812-366731

FAQUEIROS EM 2.ª MÃO
PRATA DE LEI — SÓ PELO PESO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

SEGURO POPULAR VIDA



os pais
estão seguros
quando
os filhos
estão seguros

50\$00
por mês

companhia de seguros

IMPÉRIO

rua Garrett, 56-Lisboa

Couto PASTA MEDICINAL

Não é uma Pasta qualquer. COUTO... é a Pasta Medicinal que protege melhor os seus dentes contra a cárie e defende as gengivas das várias doenças, que tanto mal podem causar.

Consulte o seu médico. Mas até lá vá usando PASTA MEDICINAL COUTO contra as doenças da boca e suas complicações.



PARA COLOCAÇÃO DO SEU CAPITAL A R E N D E R
A CONFIDENTE
LISBOA - ROSSIO 1 - TELEFONE 1111
PORTO - RUA PASSOS MANUEL, 11 - TELEFONE 1211
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM PROPRIEDADES

Recuperação de cegos para o Trabalho nacional

Amanhã, aparecerão nas montras de Lisboa os primeiros trabalhos realizados por cegos recuperados para a indústria nacional graças à Fundação Raquel e Martins Sains. Trata-se de sabonetes de luxo, produzidos na Fábrica Santa Clara. Tanto o fabrico como a embalagem destes sabonetes, e a sua colocação, constituem trabalho de cegos—iniciando-se desta maneira, entre nós, a sua recuperação social e económica. O comércio da capital recebeu com a maior simpatia o novo produto, sendo inúmeras as casas que desejam pôr à venda os sabonetes que, diga-se de passagem, são de excelente qualidade e óptima apresentação.

Novas freguesias de Lisboa

Na segunda-feira será inaugurada a sede da nova Junta de Freguesia do Santo Condestável, na Rua Almeida e Sousa, n.º 6, onde funcionarão os seus serviços, todos os dias úteis, das 17 e 30 às 18 e 30 e das 20 às 21 e 30, excepto aos sábados.

4.º Curso Internacional de Estratigrafia

No Instituto de Radiologia da Universidade de Génova realiza-se, de 28 de Setembro a 3 de Outubro, o 4.º Curso Internacional de Estratigrafia. As pessoas que queiram participar neste curso devem dirigir-se ao Instituto Italiano de Cultura.

Confraternização dos telegrafistas antigos combatentes

Realiza-se amanhã a festa de confraternização anual dos telegrafistas antigos combatentes de África e França. São convidados todos os que fizeram parte da companhia divisionária e das secções de telegrafistas e sinaleiros.

As 11 horas, haverá concentração junto ao monumento aos mortos da guerra; às 12 horas, missa na igreja de S. José, no Largo da Anunciada; e, às 13 horas, almoço de confraternização no Restaurante «A Quinta».

As inscrições fazem-se no Café Gelo, no Rossio, e na agência de passagens Nascimento, Rua das Flores.

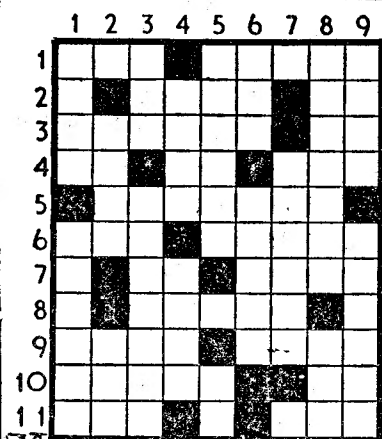
As «bodas de prata» do Grupo n.º 94 dos Escuteiros de Portugal

O Grupo n.º 94 dos Escuteiros de Portugal, que está a comemorar as «bodas de prata» da sua fundação, promove, depois de amanhã, às 21 e 30, na Sociedade Cooperativa Aliança Operária uma sessão de propaganda escutista, durante a qual o rev. dr. Gerson de Azevedo dissertará sobre fraternidade. Em complemento, serão exibidos filmes escutistas e culturais.

BIBLIOTECA MUNICIPAL

A Biblioteca Municipal Central, instalada no Palácio Galveia (Largo do Campo Pequeno reabriu para leitura, com o seguinte horário: das 9 às 12, das 14 às 17 e das 20 às 23 horas.

PALAVRAS CRUZADAS



Problema n.º 1610 (COM PROVERBIO)

HORIZONTAIS: 1 — Julga. Mos. 2 — Por unidade. En. 3 — Separou. Nota de musica. 4 — Apenas. Campeão. Repetição. 5 — Pandega. 6 — Chefe etiope. É util. 7 — Único. Partirás. 8 — Respeita. 9 — Abertura. Aversão. 10 — Balela. Artigo antigo. 11 — Grande porção. Certa. VERTICAIS: 1 — Vais ao chão.

«Belezas Regionais»

Prossegue amanhã, á tarde, na Casa Regional de Ferreira do Zêzere, a escolha das finalistas do concurso «Belezas Regionais», promovido pelo programa radiofónico «A Voz das Casas Regionais».

As próximas eleições efectuar-se-ão nas Casas da Covilhã, Figueiró dos Vinhos, Tondela, Sertã, Idanha-a-Nova, Tabuense e de Lafões.

Subtrair. 2 — Caldo com qualquer alimento sólido. Rezo. 3 — Repercussão. Imputar. 4 — Içar. Escavar. 5 — Velhos. Gemido. 6 — Nocivo. Verte. 7 — Teimas. 8 — Desejava ardentemente. Um cento. 9 — Ratas. Aprendizado.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o PROVERBIO nele inserido.

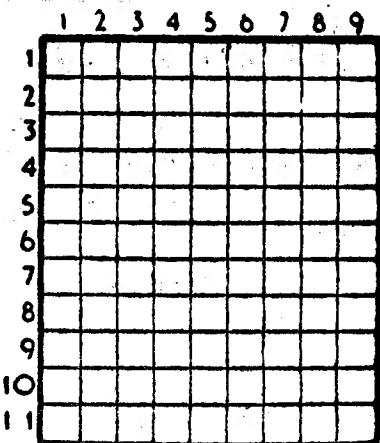
Solução do problema n.º 1609

HORIZONTAIS: 1 — Ror. ANTES. 2 — Islã. T6. 3 — DESEJO. Rb. 4 — Em. Nu. QUE. 5 — Plebeus. 6 — Rei. Ética. 7 — És. Elos. 8 — Cancero. 9 — Idos. Esse. 10 — FAS. TIO. Ai. 11 — Ecoar. Fio. VERTICAIS: 1 — Rude. Recife. 2 — Empe. Cada. 3 — Ris. Lienoso. 4 — Sene. Sesta. 5 — Aljube. Ir. 6 — Não. Etéreo. 7 — Quilos. 8 — Etrusco. Sai. 9 — Sobe. Asseio. (Provérbio: ANTES DESEJO QUE FASTIO).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3668

HORIZONTAIS: 1 — Arreda. Ave de rapina. 2 — Auxílio. 3 — Raso. 4 — Antes de Cristo. Acusado. Prefixo de negação. 5 — Apelara para tribunal superior. 6 — Nome de mulher. Oceano. 7 — Entrega. Salário de soldado. Senhor. 8 — Utensílio de lavoura. Apelido. 9 — Maior. Tília. 10 — Consertaram. 11 — Pegadeira. Data. VERTICAIS: 1 — Quieta. Batráquio. 2 — Artigo definido. Palco. Divisão do tempo. 3 — Grande quantidade. Aqui. Ré. 4 — Afio. Preposição. 5 — Sobrecarregar. O Sol entre os Egípcios. 6 — Nome de homem. Pronome demonstrativo. 7 —



Julga. Preposição. Serra de Portugal. 8 — O sono das crianças. Cóleras. Pátria. 9 — Ata. Nociva.

Solução do problema n.º 3667

HORIZONTAIS: 1 — Rita. Iodo. 2 — Damasco. 3 — Lagoa. 4 — As. Ar. 5 — Maia. Arma. 6 — Aral. Real. 7 — Ag. Ui! 8 — Ossos. 9 — Bi. Itu. Ai. 10 — Rás. Ela. 11 — Amássemos. VERTICAIS: 1 — Dama. Abra. 2 — Id. Sara. Iam. 3 — Tal. Iago. Sá. 4 — Amaral. Si. 5 — Ag. Estas. 6 — Isolar. Ou. 7 — Oca. Réus. Em. 8 — Dó. Amal. Alo. 9 — Oral. Pias.

SAIAS «TERELYNE»

A 320\$00

SÉCIA

BOUTIQUE

31, Rua da Conceição
Telef. 30546 — Lisboa



TEM SUSPENSÃO INDEPENDENTE!

Uma nova sensação em automobilismo!



Viage num Triumph Herald pelas piores estradas e verifique a completa ausência de trepidação.

Com suspensão independente às quatro rodas — único na sua categoria — o Triumph Herald oferece um andamento muito suave sobre os mais diversos pisos. O estabilizador e os amortecedores telescópicos, asseguram perfeita estabilidade nas curvas. O «chassis» separado reforça a rigidez, o que se traduz em maior silêncio e segurança. Esta é uma da série de características especiais, concorrendo para uma nova sensação em automobilismo, que o espera no agente Triumph da sua localidade.

VEJA O NOVO

TRIUMPH

herald

NOS STANDS DE

CONDE BARÃO, L.

DA AVENIDA 24 DE JULHO, 62

AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR, 21-C

LISBOA

E NA FEIRA DAS INDÚSTRIAS BRITÂNICAS

APOIADO PELO SERVIÇO STANDARD EM TODO O MUNDO



As tropas britânicas

prestam amanhã homenagem aos mortos da 1.ª guerra mundial e desfilam pela Avenida da Liberdade

Amanhã, de manhã, as tropas britânicas que vieram a Lisboa, para participar no «Tatoo», desfilam pela Avenida da Liberdade, para homenagear os combatentes portugueses da guerra mundial de 1914-18.

A força — que será constituída por três pelotões da «Royal Navy» e dos «Royal Marines», com banda; Brigada da Guarda Real e um pelotão da «Royal Air Force», também com banda — iniciará a sua marcha no Parque Eduardo VII, junto à Praça Marquês de Pombal, às 11 e 35, sob o comando do sr. coronel Robert Steele, dos «Grenadier Guards».

Entretanto, formação, junto ao monumento aos Mortos da Grande Guerra, uma deputação dos Guardas Escoceses; a guarda de honra, que será prestada pelas Forças Armadas Portuguesas; uma delegação dos antigos combatentes britânicos; e os associados da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

O comandante da esquadra surta no Tejo, capitão-de-mar-e-guerra H. R. Law, decorará, às 11 e 50, uma coroa de flores no monumento. A cerimónia findará ao som dos hinos de Portugal e da Inglaterra, após o que voará sobre o local uma esquadra de «V Bombers», que vem representar a Inglaterra e que regressará logo ao ponto de partida, como noutro lugar dizemos.

As forças nos seus pomposos uniformes de gala, marcharão depois até aos Restauradores, num dos mais vistosos e coloridos desfiles militares até agora efectuados pela Avenida da Liberdade.

A Feira das Indústrias Britânicas tem suscitado grande interesse popular

Hoje, segundo dia em que está patente ao público, a Feira das Indústrias Britânicas, abriu às 14 e 30, desde logo, como aconteceu na jornada inaugural, se verificando grande afluência de visitantes. O certame pôde ser visitado hoje até às 18 e 30.

Amanhã, as portas do pavilhão da F. I. B. manter-se-ão abertas das 11 às 23 horas.

Um «cocktail» à Imprensa

A firma «British Iron & Steel Federation» ofereceu esta manhã, nos seus «stands» I e Ia, um «cocktail» à Imprensa.

O porta-aviões «Centaur» é amanhã visitado pelo público

Das 14 às 18 horas, o porta-aviões **QUEM PERDEU?**

Relação dos objectos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma pulseira de ouro com berloques; um garrafão, vazio, de 5 litros; uma roda completa, própria para veículo automóvel; um tampão de roda de automóvel; um chapéu de chuva; uma pulseira para criança; um relógio de ouro, com bracelete do mesmo metal; uma caneta de tinta permanente de boa marca; uma pequena agenda, com números de telefones; uma carteira em plástico, com fotografias, uma cauleta de penhores e vários papeis; uns óculos graduados; uma chave de porcas; um farolim de veículo automóvel; um lenço em seda e outro em lã, de cabeça, para senhora; uma chapa de viatura automóvel com a letra P; uma luva; bilhetes de identidade de João Carlos da Luz Pinto e Bárbara de Lourdes Duarte; dois tampões de roda de automóvel; argolas com várias chaves; um fio de ouro com medalha; um porta-moedas com dinheiro; uma quantia em dinheiro, achada numa casa de venda de jogo de lotaria, em Março findo.

Também se encontram no Sinicato dos Motoristas: um caderno de músicas, escrito em inglês; uma saia e um cabo de aço.

MORTO NA RESIDÊNCIA

Foi encontrado morto na residência, Rua de Campo de Ourique, 172, 3.ª, direito, o sr. Joaquim da Costa, de 64 anos, soldado aposentado da G. N. R. O corpo recolhido ao Instituto de Medicina Legal.

«Centaur», da Marinha britânica, que se encontra no entreposto de Alcantara, estará à disposição do público que o queira visitar.

A colaboração anglo-lusa na radiotelevisão

Com uma noite de gala no Casino Estoril, começou ontem o programa de colaboração entre a Associação-Radiffusion e a Radiotelevisão Portuguesa, que se vai desenvolver durante o período de funcionamento da Feira das Indústrias Britânicas.

Durante cerca de uma hora, no ambiente próprio do Casino, para o efeito belamente decorado e florido, um numeroso público de convidados assistiu ao variado «show», que as câmaras da T V lançaram para o ar, num espectáculo agradável e movimentado.

Sob a direcção eficiente de Alan Morris, que dirigiu os trabalhos dentro do carro dos serviços externos, uma brigada de técnicos procedeu à recolha das imagens do espectáculo, dando uma perfeita medida da sua capacidade e da sua experiência. Ditando as suas instruções para os operadores que se deslocavam na sala do Casino, manejava três câmaras estrategicamente colocadas, o conhecido produtor britânico conseguiu marcar com felicidade o começo desta colaboração anglo-lusa, no campo da T V, que, embora limitada, agora, ao curto período de duas semanas, pode vir a ser mais frutuosa no futuro, tanto mais que encontrou na T V portuguesa o melhor apoio e boa compreensão.

A Feira das Indústrias Britânicas

vista pelo Comércio e pela Indústria

Dr. Cortez Pinto :

(Continuação da página central)

moção de vendas. Os nossos industriais têm neste pormenor um exemplo do sentido prático que insistentemente temos procurado imprimir à nossa Feira e que aqui não lhes deve passar despercebido.

Entretanto, fala-se entre nós em concorrência, em invasão pela soberba produção britânica das estreitas possibilidades do nosso mercado. Não creio que seja essa a ilusão a tirar do magnífico certame agora em curso no nosso pavilhão da Junqueira. Pelo contrário: a Feira Britânica pode e deve constituir para os industriais e para os consumidores portugueses o melhor testemunho das possibilidades da nossa industrialização e dos rumos que teremos de prosseguir para a fazer triunfar.

E' com a mais calorosa convicção, por todas estas razões, que dirijo aos organizadores da Feira das Indústrias Britânicas em Lisboa as minhas saudações cordiais, o testemunho de admiração pela obra brilhante que realizaram e o agradecimento pela lição de trabalho e de vitalidade criadora que nos trouxeram.

PERKINS-DIESEL
RECORRA A ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA E CONSULTE OS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
Auto-Industrial, Lda.
Rua Alexandre Herculano, 66

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na Tab. do CAFE CARAVELA D'OURO.

Treze carros roubados por «amadores» amigos do passeio...

PORTO, 30. — Todos os dias se registam nas ocorrências policiais novos furtos de automóveis. O caso tem merecido atenta investigação da P. J. que acaba de remeter um volumoso processo, relativo a carros roubados por três indivíduos, cujos nomes as autoridades ainda não indicaram. Sabe-se, entretanto, que os automóveis pertencem a Rufino Paixão Rua, Fernando Ventura Olverne, Jorge Couto Guedes, António A. dos Santos, António Ezequiel Laranjo Fontes, dr. Carlos Grijó, Vítor M. Rodrigues, Henri Charles Mouton, Luís Jorge Ferreira, Gasilda Portuguesa, Carlos Moura Bessa e Guilhermino Soares Fernandes. Todos os carros, depois de utilizados em passeios, foram abandonados pelos arguidos em vários pontos da cidade sucedendo que, em alguns deles, causaram consideráveis prejuízos e de outros foram furtados vários objectos.

Não é de aceitar tratar-se de gatuos profissionais, tudo levando a crer que se trata de «amadores» automobilistas, amigos de passeio e de diversão, aliás de consciência e moral demasiado leves. Num dos casos levados a juízo figura uma mulher e noutro dois menores, convidados para passear. Dá-se, ainda, a circunstância de ter sido encontrada, num dos carros roubados, a carteira do autor de um dos furtos, contendo todos os documentos de identificação, os quais possibilitaram o rápido deslizar da meada que vai agora ser julgada.

Colóquio literário sobre a obra de Paço d'Arcos

O escritor Joaquim Paço d'Arcos vem hoje a esta cidade, para presidir, na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras a um colóquio, para apreciação da sua obra literária. O autor de «Ana Paula» e de tantos romances e novelas calorosamente apreciados, tem nesta cidade grande número de admiradores, prevendo-se para a sessão desta noite elevado número de auditores. Pelo menos, a afluência de interessados foi tão extraordinária que houve necessidade de reservar o direito de admissão aos não associados.

Maio florido
Principia hoje, às 22 horas, com a inauguração de uma exposição de flores no Roseiral do Palácio de Cristal, o ciclo de festas do Maio Florido, durante alguns dias, animará a cidade do Porto.

Esta exposição, que é da iniciativa da O. N. em colaboração com o S. N. I. estará aberta até ao dia 6 de Junho.

No decorrer do período das festas, o cinema ambulante do S. N. I. apresentará em diferentes pontos da cidade o filme «Chaimite». O prazo para inscrição no concurso de montras de interesse para o comércio do centro da cidade, termina na segunda-feira. Na quarta-feira, o júri visitará as montras inscritas.

O espectáculo «Tarde Romântica» que se realiza no Rivoli, às 18 e 30, de segunda-feira, desperta grande interesse. Os bilhetes são distribuídos na Agência de Turismo do S. N. I.

Homenagem a Camilo
A Federação das Sociedades de Educação e Recreio promove, amanhã, uma romagem ao cemitério da Lapa, onde repousam os restos mortais do grande romancista Camilo Castelo Branco. A concentração far-se-á às 11 horas, à porta daquele cemitério.

Dr. Mário Cardia
Partiu para Madrid e Valência, onde vai tomar parte em várias reuniões luso-espanholas de ginecologia, o dr. Mário Cardia, director do Dispensário de Higiene Social do Porto.

Inauguração de uma central eléctrica
Os membros do conselho de administração da Empresa Termoeléctrica Portuguesa estiveram em Lisboa, onde foram convidar o Chefe do Estado, para assistir à inauguração das importantes instalações da central da Tapada do Outeiro, em Gondomar, acto que está marcado para o dia 23 de Junho.

O sr. presidente da República, que aceitou o convite, manifestou,

ao mesmo tempo, satisfação por estar presente no acto inaugural de um melhoramento de tão considerável importância para o País.

CARTAZ DO PORTO

TEATRO EXPERIMENTAL — A's 21 e 30 — A peça «O Jogador».
SA DA BANDEIRA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O homem esquecido».
RIVOLI — A's 21 e 45 — «O processo de Jesus», pela companhia do Teatro Nacional D. Maria II.
COLISEU — A's 21 e 30 — «O fantasma da Córsega».
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O falso general».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A Estreante Endiabrada».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Norman na tropa».
S. JOÃO — A's 18 e 15 — «A espera de Godot», pelo T. N. P. e às 21 e 30 — «Testemunha de Acusação».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Incidente no Yangtze».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Lazzarella».

Assembleias gerais Banco de Angola

Reuniu-se esta tarde a assembleia geral do Banco de Angola, sob a presidência do sr. dr. António Luís Gomes. O governador do banco, embaixador dr. José Nosolini saudou o sr. ministro do Ultramar e os Portugueses europeus e africanos que vivem em Angola e fez uma larga exposição sobre a política económica do banco e o seu contributo para o sadio, metódico e constante progresso da Província de Angola. Referiu-se ao problema das transferências, que o Governo está a estudar, procurando resolvê-lo com brevidade; mostrou o que tem sido e será a actuação do banco para entretanto atenuar alguns dos seus efeitos de mutuo interesse nas relações comerciais entre a Metrópole e o Ultramar, e, por último, explicou as razões determinantes da elevação do capital e da alteração dos estatutos para os adaptar às circunstâncias actuais e para ter em conta a criação do Banco do Fomento, a comparticipação nele do Banco de Angola, e o legítimo interesse dos acionistas.

Propôs o aumento de 200.000 contos, repartido em duas fases: uma de cem mil contos por actualização de valores do Activo e integração de fundos de reserva; outra em condições de tempo e de modo que o Governo do Banco oportunamente indicará.

A proposta foi aprovada, assim como algumas alterações estatutárias, de entre as quais a da elevação do número de administradores para 4 ou 5, a modificação do tipo das acções de 100\$00 para 1.000\$00 e a possibilidade de o capital vir a ser elevado para 500.000 contos.

Banco Nacional Ultramarino

Reuniu-se ontem, sob a presidência do sr. dr. António Luís Gomes, a assembleia geral do Banco Nacional Ultramarino, cujos lucros ilíquidos ascenderam a 384.519.520\$44, ou seja, mais 24.429.823\$57 do que no ano passado e a maior cifra até hoje atingida em lucros ilíquidos.

Os corpos gerentes foram calorosamente felicitados pela gerência de 1958 e reconduzidos nos seus cargos, sendo aprovados por aclamação o balanço, contas e parecer do conselho fiscal.

Usaram da palavra os srs. dr. Humberto Pelágio, dr. Acácio Barreiros, dr. Jacinto Ferreira, Jacob Levy, dr. Vieira Machado, governador do Banco Nacional Ultramarino, e, por último, o dr. Azeredo Perdigão, o organizador dos gráficos.



NOVA ORGANIZAÇÃO DE RÁDIO, S. A. R. L.

Rua de Infantaria Dezasseis, n.º 60 D—Lisboa—Telefone 68 82 86

Unicos concessionários em Portugal do material electro-doméstico
WESTINGHOUSE, Rádio e Televisão «NORA», tem a honra de comunicar a inauguração da sua Delegação na cidade do Porto, com as seguintes dependências:

STAND DE EXPOSIÇÃO E VENDA

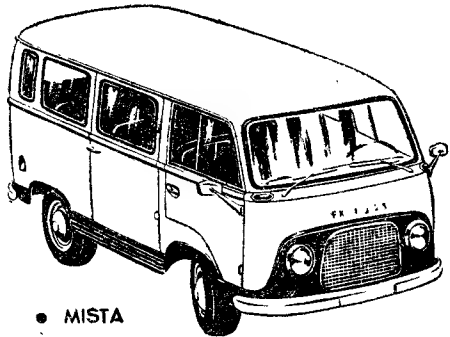
Rua Formosa, 86/88 — Telefone 33183

EXPEDIÇÃO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA

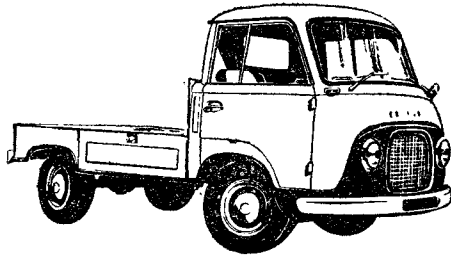
Rua da Alegria, 71 — Telefone 33183

O PORTO pelo telefone

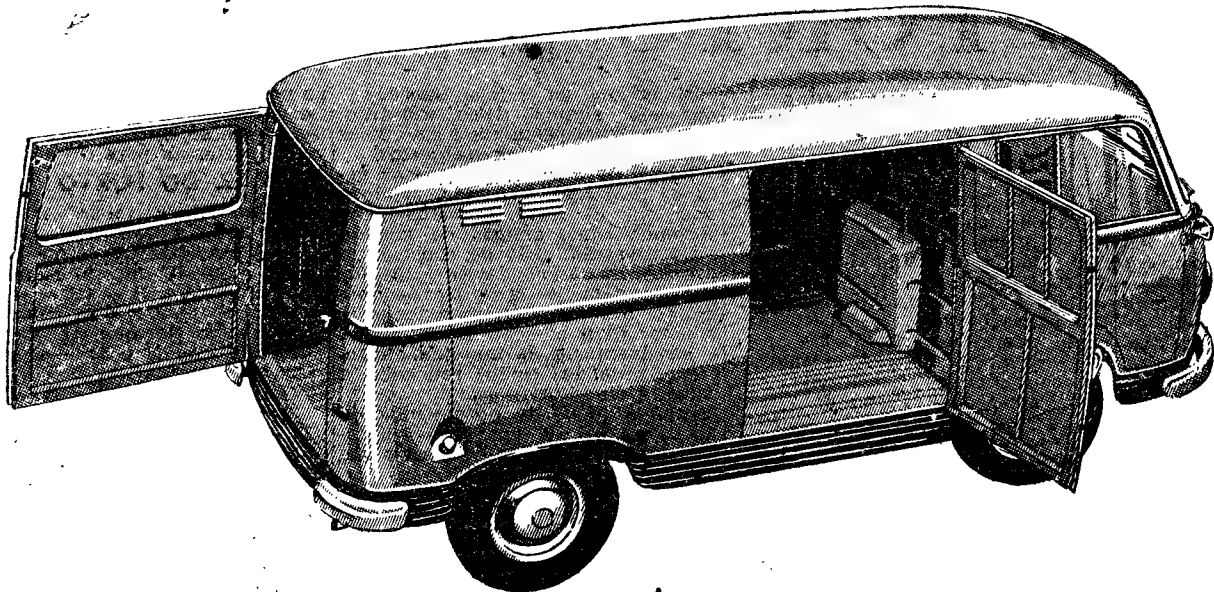
FORD-FK *um veículo para cada fim...*



• MISTA



• CHASSIS - CABINA



PARA
1.300/1.400
KGS. DE CARGA

MOTOR DE 60 H.P. (SAE)
CAIXA DE 4 VELOCIDADES

A RESERVA DE FORÇA DO MOTOR FK EM CONJUNTO COM A SUA CAIXA DE 4 VELOCIDADES GARANTEM A MAIS PERFEITA FLEXIBILIDADE DE USO COM A MAIOR ECONOMIA E DURAÇÃO

CONCESSIONÁRIOS FORD EM TODO O PAÍS

LINCURI, LIMITADA

Avenida da República, 32-A — Telefones 77 70 91/2/3

EM LISBOA

STAND MODERNO (F. NUNES DE CARVALHO)

Av. F. P. de Melo, 15-A — Tel. 4 96 69 • R. J. Saraiva, 13 — Tel. 77 75 66

OLHE
BEM...
É UM
FRIGORÍFICO



**GENERAL
ELECTRIC**



desde 8.850\$00

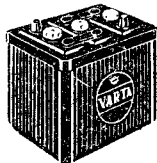
À VENDA NA

ELGA, LDA

TUDO EM APARELHAGEM ELÉTRICA E DE GÁS

AV. ALMIRANTE REIS, 104-B — TELEF. 4 21 75 — LISBOA

VARTA

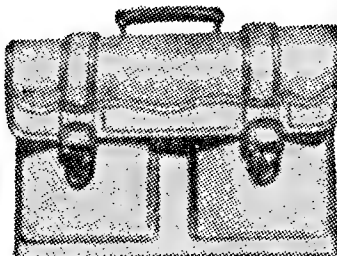


BATERIAS DE QUALIDADE

C. SANTOS LDA.

LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - OLHÃO

PASTAS



30 anos de fabrico todos
modelos fornece ao comércio
A Comprido — R. Madalena, 97

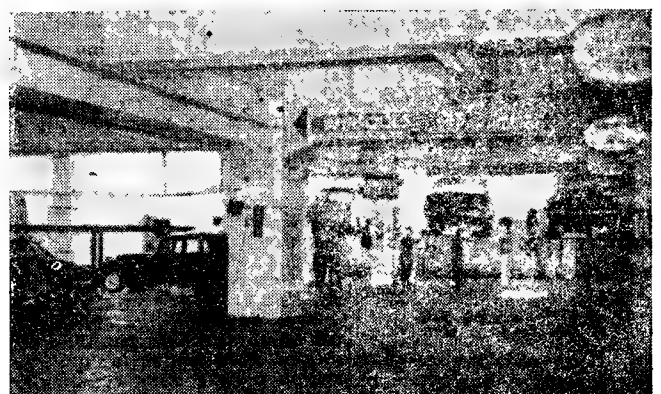
CAFÉ CORUJA

RESTAURANTE TÍPICO

CORUJE — Telefone 114
PRATOS REGIONAIS
Caldeirada à Sorrata, Ensopa-
do de Enguias, Lampreia com
Arroz à Moda da Casa, Filetes
à Marisqueira, Lombo de Por-
co no Espeto, Frango de Caril
à Coruja, Bifes de Vaca na Ca-
çola, Cabrito à Moda da Casa.
Todos os domingos ranchos fol-
clóricos e fandanguistas
da região

(6 anos)

ATENÇÃO SRS. AUTOMOBILISTAS



Em virtude do elevado numero de automóveis que, da parte da manhã, afluem à Estação de Serviço «Smiths», recomendamos aos Srs. proprietários de carros particulares a utilização dos nossos serviços de lubrificação e lavagem da parte da tarde, de preferência das 18 horas em diante, visto os mesmos funcionarem sem interrupção até às 2 horas da madrugada.

4 Elevadores • 2 recintos de lavagem • Produtos «CASTROL» Serviço impecável • e ambiente agradável • são os principais atractivos que têm contribuído para uma afluência crescente que se procura orientar no melhor sentido.

SERVICO OFICIAL

Castrol

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 73 B (Tel. 732574)

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.

95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

Domingo 31 de Maio de 1959
EXCURSÃO DA C. P.

a COIMBRA

CIDADE UNIVERSITARIA

3.ª classe — Esc. 90\$00

IDA — Lisboa (Santa Apolónia),
8.40 p.; Coimbra, 11.40, c. VOLTA —
Coimbra, 20.25 p.; Lisboa (Santa
Apolónia), 23.35, c.

Os respectivos bilhetes estão à
venda na estação de Lisboa (Ros-
sio)

ZUNDAPP

CHEGOU NOVA REMESSA
DA INCOMPARAVEL

Bella

SCOOTER

EM EXPOSIÇÃO NO DISTRIBUIDOR:

LISBOA GARAGEM, LDA.

Rua Alexandre Herculano, 11-E — Telef. 55536 - 732904 — LISBOA

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência de
JOSE NARCISO DA COSTA.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

elementos remotos (predisposição, recidivas), elementos sobre os quais as investigações continuam envolvidas de penumbras.

Separaram-se três fases no processo ulceroso: 1. Local (terminal). Lesão ulcerosa, evolução condicionada pela resistência da parede gástrica. Persistente acção do suco clorídrico, cuja presença em excesso dificulta a regeneração dos tecidos (Wood e Tait, «Diffuse Lesions of the Stomach», Londres, 1958); 2. Fase intermédia, cortico-diencefalo-hipofisária, impulsos transmitidos pelas vias simpáticas e humorais, alimentando e alicerçando o processo trófico; 3. Estímulos exógenos e endógenos, impeditivos das actividades psicossomáticas coordenadas.

Estas três fases, impossíveis de separar ou alhear por completo, condicionam o esquema terapêutico, o modo particular de vida a seguir e a higiene do indivíduo. Daí a necessidade premente de repouso psíquico, motor e secretório, obtidos através de tranquilidade e acertado regime alimentar, tendo por meta reduzir quanto possível a acção digestiva (autodigestiva) do suco gástrico, travando-a com antiácidos; activação da irrigação sanguínea dos tecidos em que se verificou a lesão; redução do factor agressivo por meio de parassimpaticolíticos e anticolinérgicos; actuação directa sobre a lesão com vitaminas, antibióticos, hormonas, proteinoterapia, calor e psicoterapia de apoio, importantíssima na maioria dos enfermos, devendo um dos métodos escolhidos incluir a hipnoterapia. Através da psicoterapia, bem orientada, podem reduzir-se ao mínimo os tão nocivos estímulos anormais, exógenos e endógenos, sempre prejudiciais à marcha da afeição.

Tais processos terapêuticos têm, em separado e em conjunto, muita importância, sendo difícil atribuir a cada um deles relação actuante ou o papel especificamente desempenhado. De facto, e de acordo com Alexander, o factor psicogénico julgase ser o mais importante. O psicoterapeuta tem, pois, acção decisiva junto de tais doentes.

Inquietações e problemas, má ou difícil integração no meio ecológico, família e agregado social, célula individual e oficina, emoções e estragos de natureza vária, desventuras reais e imaginárias, ansios e sonhos mutilados, desajustamentos, incidem sobre a lesão ulcerosa, impedindo a cicatrização ou ocasionando estragos maiores, vendáveis que deixam no trilhado da vida, a esmo, numerosas vítimas. O estômago sofre com o homem (Walter C. Alvarez, «Nervous Indigestion», Londres, 1958) e a razão psíquica sobrepõe-se a todas. William James usava dizer: «Deus pode perdoar nossos pecados. O sistema nervoso nunca os esquece e perdoa». E não é só o sistema nervoso: o estômago também os não olvida.

A escolha da razão ou regime alimentar torna-se muito importante e significativa. Terá de actuar sobre os factores locais, proporcionando o maior repouso ao estômago (motor e secretório), mínimo de traumatismo da mucosa, aliado a uma neutralização vizinha da total. Ora, tal regime não deverá ter, como geralmente se supõe, um único sentido: adaptar-se a cada caso clínico, ao momento evolutivo, à profissão e classe social do doente em questão.

A razão terá de ser completa e satisfazer às necessidades energéticas de cada um, não devendo ser monótona. Se o for, o doente abandona-a!

Serão eliminados todos os excitantes mecânicos e químicos, assim como as bebidas alcoólicas, conservas, molhos e condimentos complicados, sal de cozinha, fritos e frituras com azeite requemado (este azeite, guardado para servir outra vez, é o grande inimigo), café e tabaco.

A razão do ulceroso (existem livros e casas especializadas em produtos dietéticos dispostas a auxiliar estes doentes) obedecerá, assim, a

um determinado ritmo, combatendo-se a fome e a hipersecreção, devendo limitar-se o intervalo entre as refeições a três ou quatro horas.

Nos períodos agudos o quadro modifica-se. O repouso deverá ser absoluto, o regime pastoso à base de lactoproteína, alimento de alto valor biológico, germe de trigo, juntando-se progressivamente levedura de cerveja, arroz, sumos de algumas frutas, extractos vegetais e mel silvestre.

Na fase de estado, quando o perigo se encontra afastado, o doente deixará de ser escravo de um regime tão apertado.

Regras simples de seguir são estas: comer lentamente, mastigar bem, evitar o gelado e o muito quente, regressar à maior severidade de regime na Primavera e no Outono, observando-se sempre o ritmo e a regularidade das refeições, permanentemente combate à hiperacidez e autodigestão (Joménez Díaz insiste, e com razão, nas negras apontadas).

Verifica-se assim que a terapêutica medicamentosa, bem como o regime de repouso físico e psíquico, têm por fim combater, além da ex-

Encerramento do curso

de jornalismo juvenil

O dr. Baltazar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação Nacional, preside, ao fim da tarde, no Palácio da Independência, à entrega de diplomas aos rapazes que concluíram o curso de jornalismo juvenil, promovido durante o corrente mês, pelo serviço de publicações da M. P.

Antes da cerimónia, o jornalista Dutra Faria, redactor-principal do jornal «A Voz» e director da A. N. I., profere uma conferência intitulada «Viagem na companhia de uma notícia».

UNIÃO NACIONAL

Foi empossada, esta tarde, a nova comissão concelha da União Nacional de Mafra, constituída pelos srs. capitão João Lopes, presidente; eng. D. Segismundo do Carmo da Camara Saldanha, Guilherme José Ferreira da Assunção, Adriano da Silva Figueiredo, Joaquim Maria Marques e João Mário Caldas Lopes.

A posse foi conferida pelo sr. dr. Simão Lopes Gonçalves, presidente da comissão distrital de Lisboa.

Excursão universitária

EVORA, 30 — (Pelo telefone) — Visitou hoje Evora uma excursão de alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, acompanhada pelo prof. Mário Tavares Chicó, director do museu desta cidade.

INSTITUTO PARTICULAR DE SAÚDE

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 14, 1.º, DT. — LISBOA

TELEFOS.: 728182 e 728183

CONSULTAS MÉDICAS DE TODAS AS ESPECIALIDADES, ANÁLISES, RADIOGRAFIAS, ELECTROCARDIOGRAFIA, FISIOTERAPIA E TRANSFUSÕES

CORPO CLÍNICO (por ordem alfabética)

Dr. A. Pita Negrão
Dr. A. Sena Esteves
Dr. Albertina Cardoso
Dr. A. Luazes Meyer
Dr. A. Baptista Fernandes
Dr. A. Cabral de Abreu
Dr. A. Dias Costa
Dr. A. Estanco Louro
Dr. Bernardo de Sousa e Faro
Dr. Carlos de Oliveira
Dr. Carlos de Paiva Raposo
Dr. Daniel de Pinho
Dr. E. Moradas Ferreira
Dr. E. Marques Lito
Dr. F. Leal da Costa
Prof. Fernando Nogueira
Dr. Fernando Sabido
Dr. Filipe Vaz
Dr. F. Albergaria Ambar
Dr. F. Norton Brandão
Dr. F. Silva Alves
Dr. Gastão Pereira dos Reis
Dr. Herculano Coutinho
Dr. Idílio de Oliveira
Dr. Inácio Pardelhas Sanches
Dr. Jacinto Simões

Dr. João Campos
Dr. Joaquim Nunes de Almeida
Dr. J. Barreto Fragoso
Dr. J. Lopes do Rosário
Dr. José Botelho
Dr. J. Ferreira Malaquias
Dr. J. Formosinho Sanches
Dr. D. José de Melo e Castro
Dr. J. Mendonça Cruz
Dr. J. Paiva Boléo
Dr. J. Paiva Botão Tomé
Dr. Klério Gomes
Dr. Lélío Marques
Dr. Ludgero Pinto Basto
Dr. L. Alves Carpinteiro
Dr. M. Albuquerque de Freitas
Dr. Manuel de Azevedo Gomes
Prof. Manuel Reimão Pinto
Dr. Mário Alves de Sousa
Dr. Mário Ruas
Dr. M. Sá Marques
Dr. Maria Albertina do Carmo
Dr. Orlando Gomes da Silva
Dr. Pedro Pimentão
Dr. Rui Pinheiro
Dr. Ruy Valentim Lourenço

SERVIÇO PERMANENTE (DIA E NOITE) DE CHAMADAS AO DOMICÍLIO

gerada secreção gástrica, a desordem emocional, proporcionando o desejado repouso á mucosa.

Existem alcalinos solúveis e antiácidos insolúveis. Entre estes últimos, os mais usados são o silicato, o hidróxido de alumínio e o fosfato de alumínio coloidal, bons protectores gástricos. As resinas sintéticas, ainda que bem toleradas, provocam hipotassemia.

A beladona, atropina e derivados, inibem a actividade parassimpática; a papaverina actua sobre a musculatura lisa. As altas doses destas substâncias provocam sede, midríase e ainda outras alterações visuais. As drogas sintéticas (ganglioplégicas) estão contra-indicadas nos prostáticos, na estenose pilórica e na assistolia gástrica. Os penos nocturnos, agradáveis, fáceis de ingerir, substituem estes medicamentos, nem sempre inofensivos.

O penso tóxico com sais insolúveis de bismuto (carbonato de bismuto) e silicato de alumínio, e ainda a mistura de Revers, são utilizados com vantagem e utilidade.

No tratamento médico da úlcera do estômago e do duodeno, dieta e repouso, tanto na crise aguda como no decorrer da afeição, são muito importantes. Dez a quinze dias de repouso absoluto não são suficientes: o doente deverá repousar sempre depois das refeições.

A acção antiflogística do calor tem um alto significado terapêutico: a calor no epigástrico encontra-se indicado em todas as fases da enfermidade.

A proteinoterapia, a hormonoterapia, as vitaminas A, B, C e E, assim como a rotina, incidem sobre a circulação e os capilares, combatendo a predisposição aos acidentes hemorrágicos. Os autores alemães insistem na dieta e na acção sobre os capilares e ainda na activação da circulação local.

O ulceroso vive espantosas situações de angústia, encontrando-se sempre submetido a uma acentuada sobrecarga de tensão.

Não se trata só da doença, mas também de manifesta incapacidade, soma de pequenas e grandes privações, a incerteza de uma intervenção cirúrgica, permanente perigo de perulação e hemorragia... Não é só isso, que aliás já não seria pouco. A monotonia da razão alimentar esaspera, esfaca a calma e alimenta um preexistente estado de «stress» (reação de adaptação).

Tais doentes necessitam de ser amparados, guiados, aconselhados, trabalhados subconscientemente... O psicanalista tem, pois, uma nobre missão a cumprir.

A. d'E.

(Continuação da 4.ª página)

Estrela, e elementos modernos ainda não revelados terão ali o seu primeiro contacto com o publico. Trata-se de uma iniciativa tendente a estimular valores novos, num ambiente frequentado pelo povo, e onde se procura criar, a par dos elementos de alegria popular, uma elevação de gosto pelo teatro e pelas artes cénicas subsidiárias, como a iluminação, a indumentária e a decoração teatral.

Entre os grupos previstos e dispostos a dar a sua colaboração contam-se o Teatro da Rua da Fé, o Teatro de Ensaio, o Teatro Experimental de Lisboa, o Teatro do Arco da Velha, Jograis de Lisboa e o Teatro Universitário.

Teatro de amadores

em sociedades de recreio

Incluído no programa das comemorações do 24.º aniversário do Clube Atlético de Queluz, haverá, esta noite na sua sede, um espectáculo pelo grupo cénico com a alta comédia, em três actos, «Vítimas do divórcio», de Sabino de Sousa.

— Na Academia de Santo Amaro, o seu grupo cénico representa esta noite a peça «Filho sózinhos», premiada pelo S. N. I.

«O Conto do Vigário»

numa sessão cultural

Na próxima sexta-feira, às 18 e 30, é apresentado no cinema Roma, numa sessão cultural promovida pela secção da Juventude Universitária Católica Feminina da Faculdade de Letras, o filme de F. Fellini «O Conto do Vigário» (Il Bidone).

«Ballet» no Tivoli

pela companhia de Maurice Béjart

Depois de amanhã, á noite, e na terça e na quarta-feira, á tarde, o publico de Lisboa vai ter ocasião de apreciar no Tivoli o extraordinário artista Maurice Béjart, através da sua actuação e das suas realizações coreográficas.

Os programas dos três espectáculos, concebidos de forma a dar todas as facetas artísticas de Maurice Béjart e da sua notável companhia, são apresentados a partir de segunda-feira com a apresentação de «Orféu», ballet em dois actos e oito quadros que preencherá todo o espectáculo. Este drama coreográfico de Béjart, sugerido pelos «Sonetos a Orféu» de Rainer Maria Rilke,

Bombeiros Voluntários Lisbonenses

R. Camilo Castelo Branco HOJE, das 22 às 5

BAILE e VARIEDADES

Entre vários artistas MAX

Conjunto VERA CRUZ

M. 15 anos Telef. 45723

Amanhã, matinée M. 12 anos

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X 29807

RESTAURANTE SALOIO

FILHA DA TI'JAQUINA

AO FUNDO DA CALÇADA DE CARRICHE TELEFONE 910082

AMANHÃ DOMINGO, 31

Almoço com ementa popular — Danças regionais e Baile

(M/ 6 anos) — Ambiente Familiar

a 200 metros do Autocar

DACTILO, LDA
MÁQUINAS DE ESCRIVER, CALCULADORAS
NOVAS E USADAS - VENDE, TROCA E ALUGA
R. DA PADARIA, 7-3º E. TEL. 29838

constituiu, como é sabido, um dos maiores êxitos deste ano em Paris.

«Alta espionagem»

em 3.ª semana no cinema Roma

Entrou em 3.ª semana de exibição, no cinema Roma, o filme francês «Alta espionagem», interpretado por Françoise Arnoul, Bernard Blier e Bernard Wicki.

Para além do seu interesse espectacular e da emoção que desperta em todos os publicos, «Alta espionagem» é um filme invulgar, uma obra notável da moderna cinematografia francesa. Em Paris — onde neste momento decorre nos tribunais o julgamento de alguns implicados no caso de «La Chatte», a espia cujo drama inspirou o filme — a crítica recebeu «Alta espionagem» com uma admiração raramente patenteada.

Vida religiosa

Imagem peregrina

A Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que se encontra na igreja de S. Jorge de Arroios de visita às freguesias de Arroios e do Imaculado Coração de Maria, e que amanhã, às 17 horas, será conduzida processionalmente para a paróquia dos Anjos, visitou hoje, á tarde, o Hospital de Arroios. A Imagem foi colocada no Serviço 1, Sala 2 — serviços de medicina — até ao final da missa celebrada pelo capelão-chefe padre Vitor Franco. Antes daquela cerimónia religiosa será recitado o Terço, com pregação aos mistérios, pelo capelão padre Ramos Pereira. No final da missa, será dada a bênção aos doentes, seguindo-se a tradicional despedida da Imagem e o seu regresso ao templo.

Amanhã, antes da referida procissão, haverá, às 10 horas, visita pastoral do sr. bispo de Febrina, D. António de Campos, que celebrará missa campal no Colégio do Sagrado Coração de Maria—Arroios—e, às 15 e 30, ministrará o Santo Crisma.

Procissão das velas, na Ajuda

As 21 e 30, sai da igreja da Boa Hora uma procissão de velas preparativa da festa da Padroeira que se realiza amanhã. A procissão passará pela Calçada da Boa Hora, Rua Diogo Cão, Largo do Rio Seco, Rua D. João de Castro, Rua do Cruzeiro, Largo da Ajuda e Rua D. Vasco.

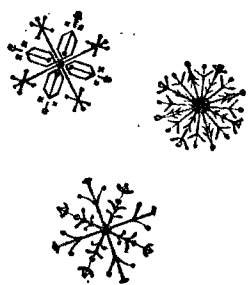
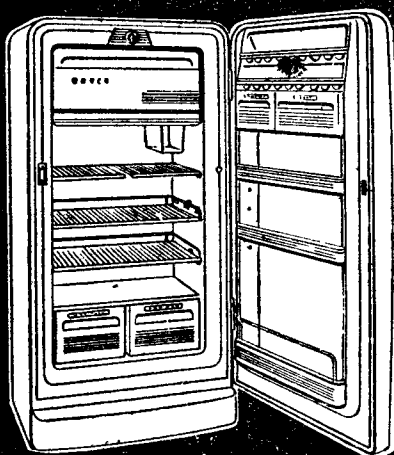
Amanhã, às 11 horas, será celebrada missa solene.

Um casal espanhol veio a pé de Barcelona a Fátima

FATIMA, 30 — Em meados de Fevereiro, Rafael Montoya Pinto e sua esposa, Isabel Quiles Bleza, partiram, a pé, de Barcelona, com destino a Fátima, pedindo esmola pelo caminho, por espírito de humildade. Depois de terem estado retidos durante cinco dias na fronteira, chegaram aqui ontem, cumprindo assim um voto. O ano passado, o casal deslocou-se, da mesma forma, a Roma.

Horário de trabalho em Fátima

FATIMA, 30. — Os estabelecimentos de artigos religiosos fecharam ontem, pela primeira vez, em cumprimento das normas legais que mandam observar o descanso semanal. Assim, o santuário fecha á quinta-feira e os estabelecimentos da povoação no dia seguinte.



NA
VANGUARDA
DA TÉCNICA
ALEMÃ

7 MODELOS
DESDE 5.990\$00

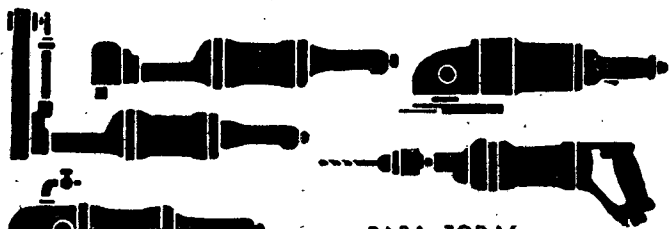
APROVEITAMENTO
MÁXIMO

CONSUMO
REDUZIDO

BOSCH



FERRAMENTAS ELÉCTRICAS
BOSCH E LESTO



Representante Exclusivo:

ENG.º **GUSTAVO CUDELL**

PORTO - Rua do Bolhão, 157 - Telef. 23484-20282
LISBOA - Filial: Av. do Aeroporto, 1 C - Telef. 710342



**Alberto Ferreira
da Costa Leal
FALECEU**

CONFORTADO COM OS SAGRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Judite Pinto das Mercês Leal e seus filhos, José Ferreira da Costa Leal e sua mulher, Alexandre Ferreira da Costa Leal, sua mulher e filhos, Irene Oliveira Pinto das Mercês, suas irmãs, cunhado, sobrinhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, irmão, cunhado, tio, genro e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, às 12 horas, da Igreja das Mercês, para o cemitério do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LD.ª
Av.º Almirante Reis, 129-A
Telf. 51586



**Fernando Sánchez Serrano
FALECEU**

Ana Bueno Caballero de Sánchez, Bernardino Sánchez Bueno, Maria Sánchez Bueno, Antónia Bueno Caballero, José Maria Castro Sánchez e sua mulher, Adelaide Castro Sánchez Figueiredo e seu marido, e mais família participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença o seu muito querido marido, pai, cunhado, tio e parente, e que o funeral se realiza amanhã às 15 horas, da Igreja de Santo Condestável, para o cemitério da Ajuda.

AGENCIA BARATA



**Fernando Sánchez Serrano
FALECEU**

SANCHEZ, LD.ª com o mais profundo pesar participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu prezado sócio e Amigo, e que o funeral se realiza amanhã, às 15 horas da Igreja de Santo Condestável, para o cemitério da Ajuda.

MORTE SUBITA

ÉVORA, 29 — Na quinta das Espadas, onde residia, faleceu subitamente com um ataque de coração, a jovem camponesa Francisca Rosa Mourão Rodrigues, de 23 anos, natural desta cidade, casada com Joaquim José Saloio.

A pobre camponesa, que trabalhava na faina da ceifa, faleceu pouco depois de ter almoçado.

Novo restaurante típico

Depois de amanhã, às 18 horas, inaugura-se com uma recepção e um «Porto de honra» a vários convidados, um novo restaurante típico, com o atractivo do fado, em pleno Bairro Alto. É a casa do conhecido cantor Carlos Ramos, chamada «A Toca», com ambiente sugestivo, atraente e gosto artístico, situada na Travessa dos Fiéis de Deus, 34, e que tem como gerente o castiço cantor Filipe Pinto.

JANELAS FLORIDAS em Vila Nova de Ourém

VILA NOVA DE OUREM, 30 — Realiza-se amanhã o II Concurso de Janelas e Muros Floridos e o I Concurso de Montras desta vila. Esta iniciativa tem o patrocínio do S. N. I e conta também com a colaboração do Município e dos Grémios do Comércio e da Lavoureira.

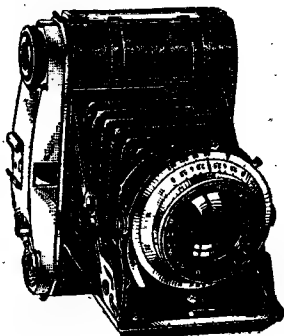
Visite o seu fornecedor habitual e exija que lhe mostre a

Baldi 29

uma maravilhosa produção

Baldi

a grande marca alemã de máquinas fotográficas de alta classe que está revolucionando o mercado português



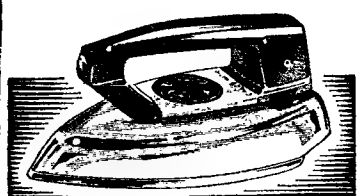
PREÇO ESC. 690\$00

Formato 6x6 cms. Objectiva de alta classe e de grandíssima luminosidade «Baldinar» 2, 9, permitindo fotografar com luz fraquíssima. Obturador «Pronto» com disparador automático e sincronização. Visor muito claro e nítido. Disparador na carcaça. Pode trazê-la no bolso.

Uma máquina de categoria vendida a um preço verdadeiramente sensacional!

Representante: SOC. DL REPR. M. SIMÕES JR., LDA.
Rua da Conceição, 46-1.
Telefs. 31545 - 31546 — LISBOA

Calor
LYON



MATIC STANDARD N.º 35 - MATIC PLUME N.º 41

OS MELHORES e mais MODERNOS

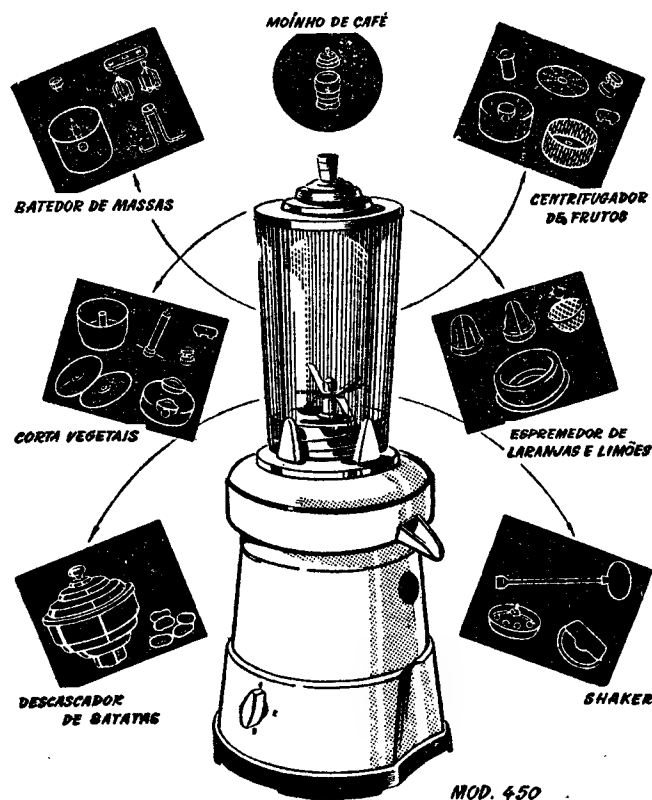
Representante

IBEREX

Av. D. Carlos, 1.ª — 132 — Lisboa



BATEDORES



MOD. 450

Distribuidores Gerais: **MARÇAL CORREA, LDA.**
Rua Serpa Pinto, 15, 5.º, Esq.º. (com elevador), Tel. 26076
LISBOA

VIAGENS A SEVILHA POR VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Em distribuição gratuita a C. P. tem à disposição do Público, mediante simples pedido verbal ou por escrito, folhetos contendo esclarecimentos relativos ao serviço combinado existente entre Lisboa e Sevilha, por Vila Real de Santo António, e executado na parte espanhola, pela Empresa Automovilista Internacional de Huelva.

Para os adquirir basta dirigir-se a uma das estações de Lisboa (Rossio ou do Terreiro do Paço), Barreiro e outras estações do Sul do País, ou ao Serviço Comercial e do Tráfego, Santa Apolónia, Lisboa.



WERRA
PARA ELE E PARA ELA



NOVO TRANSATLANTICO EXPRESSO DE LUXO

«OLYMPIA»

De 23.000 toneladas brutas
SAÍDAS DE LISBOA:

8 de Junho
3 de Julho

Nápoles, Messina e Pireu

16 de Julho
18 de Agosto

Ponta Delgada, Halifax e New York
New York (directo)

A ÚLTIMA PALAVRA EM CONFORTO, RAPIDEZ E COMODIDADE — LUXUOSAS INSTALAÇÕES NA CLASSE TURÍSTICA

A PREÇOS REDUZIDOS

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C.ª LDA.
LISBOA PORTO

4, L. Vitorino Damásio
Telef. 66807/8/9 Telex.: 145

20/22, R. Mousinho da Silveira
Telet. 26154

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

Acerca do caso Asuero escrevia Norberto de Araújo na sua Página de Quinta-Feira de 30 de Maio de 1929: «Tenho lido tudo, ou tudo o que é possível ler-se no nosso País, sobre este acontecimento. As falas dos médicos eminentes espanhóis e franceses. As reservas — porque se trata de reservas — dos professores. As diatribes dos negativistas. E as exaltações dos crentes ortodoxos, porque isto dá uma espécie de religião. E a minha conclusão é a da primeira hora: o assunto não é o dr. Asuero. O assunto é simplesmente este: a Humanidade sofre. Sofre e quer sofrer menos. Sofre e há que evitar que sofra. Sofre, e o jornalista tem obrigação moral de não lhe fechar uma janela por onde parece que entra ar».

EFEMÉRIDES

No dia 30 de Maio de 1957 foi pela Grã-Bretanha decidido começar com a China vermelha.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — As 18: Noticiário e danças, 18 e 30: Rádio rural, 18 e 30: Trechos de ópera; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — As 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano, por Carmen Cavallaro; 19 e 45: Aguarda brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Música ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir?; 21: Junção dos emissores, 21 e 15: Trechos em viola espanhola; 21 e 45: Serão para trabalhadores; No intervalo: «Vozes do Mundo»; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — As 19: Aspectos da música moderna; 19 e 30: Noticiário regional; 20: Concerto de câmara, em que colabora o cantor Hugo Casais; 20 e 22: Uma palestra; 20 e 32: «Estudos n.º 7, a 12», de Debussy, por Hans Henkemann; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Desdobramento — 2.º acto da ópera «A Flauta Mágica», de Mozart, cantado por Anton Dermota, Irmegeard Seefried, Wilma Lipp, Erich Kunz, Peter Klein, Ludwig Weber, Emmy Loose, Sena Jurinac, Friedl Riegler, Elsa Schürr, outros artistas e o Coro dos Amigos da Música e a Orquestra Filarmónica de Viena, sob a direcção do maestro Von Karajan; 22 e 25: «Variações sobre um tema livre», de Bozza, pelo quinteto de sopros de Nova York; 22 e 45: Que quer ouvir?; «Concerto de Schumann, para piano e orquestra», por Rudolf Serkin, e a Orquestra de Filadélfia, sob a direcção de Eugene Ormandy; «Ária de Kontchak», da ópera «Príncipe Igor», de Borodini, cantada pelo baixo Boris Christoff, e a Orquestra Filarmónica de Londres, dirigida por Isaac Dobrowen; «Prelúdio e Morte de Isolda», de «Tristão e Isolda», de Wagner, pela Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera, sob a direcção de Jochum; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — As 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 18 e 45: Diálogos de Olavo; 19: Festas do Montijo, 19 e 15: Canções; 20 e 15: Apontamento do dia, 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por música; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Ópereta; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Pedro Vargas; 23 e 1: Rua Larga; 23 e 30: Orquestra de Roberto Delgado; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Solistas; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Baile.

Estação de Miramar — As 18: Paisagem infantil; 18 e 30: Orquestras e canções; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Maysa Matarazzo; 21 e 45: Brasil; 22: Uma orquestra e uma voz; 22 e 30: Intermédio musical; 23: Concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 22 às 2: Clube Radiófonico de Portugal.

MARÉS

PREIA-MAR: hoje, às 22 e 39 (altura, 3 m. 45); amanhã, às 11 e 18 (altura, 3 m. 32). BAIXA-MAR: hoje, às 16 e 12 (altura, 1 m. 7); amanhã, às 4 e 52 (altura, 1 m. 51).

TELEVISÃO

Hoje, às 21: Abertura; 21 e 12: «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10: «Tele-Desporto»; 21 e 30: Início do período de emissão da Associação-Rediffusion; Concurso; 21 e 58: «Música sem palavras»; 22 e 15: «Esta noite na feira»; 22 e 30: Encerramento da transmissão da Associação-Rediffusion; 22 e 31: Episódio da comédia «Contra fatos não há argumentos», com Elvira Velez, Manuel Santos Carvalho, Maria Adelaide Vital, Maria Eugénia e Maria Luzia; 22 e 50: Jornal-R. T. P.; 23 e 10: «Música e Artistas», recital de viola de amor e cravo por François Broos e Maria Malafaya; 23 e 30: Fecho da emissão.

REUNIÕES CIENTÍFICAS

As 22 horas na Sociedade Médica dos Hospitais Civis, reúne-se a Sociedade Portuguesa de Cardiologia. Serão apresentados trabalhos sobre «Doença de Ebstein», pelos srs. profs. João Porto e Arsénio Cordeiro e drs. Madeira Pinto, Rocha da Silva e Buceta Martins.

CLUBES ASSOCIATIVOS

Haverá festas associativas, entre outras, nas seguintes agremiações, esta noite: Bombeiros Voluntários Lisboenses e do Dafundo, Clube Sportivo de Pedrouços, Sociedade de Instrução Musical e Escolar Cruz-Quebradense, Grupo de Bandolinistas 22 de Maio de 1925 (Idanha), Centro Espanhol, Casas de Trás-os-Montes, do Núcleo dos Antigos Alunos da Escola Comercial Veiga Beirão, do Minho, em homenagem à Juventude de Galícia, do Alentejo, do Concelho de Tondela, Liga Regional Cojense, Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo; amanhã, à tarde: Clube Estefânia, Casa de Ferreira do Zêzere, Academia 1.ª de Setembro de 1867, Liga Regional Cojense.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNOS — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T. 780511; Santa Cruz — Rua n.º 15, à Av. Gomes Pereira, n.º 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinda — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Moraes 1, Tel. 71469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefânia, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J. Jote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zofimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Mariuz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Luisa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Rónil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, T. 683438; Salutar — Rua B. 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Amoreiras (Das) — Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, T. 687949; Linada — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Confiança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, 4 Lapa, 156, Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botânico-Química, Lda. — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester-Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Neves — Rua do Poço dos Negros, 36-38, Telefone 25636; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, T. 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telef. 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada, 71, Tel. 30521-A; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

TRINDADE — As 21 e 45 — «Ionesco»
MONUMENTAL — As 21 e 45 — «Eles elas... e os meninos»
VARIEDADES — As 21 e 30 e 22 e 45 — «Champanhe saloio»
AVENIDA — As 21 e 45 — «Fachada»
A B C — As 20.30 e 22.45 — «Mulheres à vista»

CINEMAS

TIVOLI — «O génio do mal»
S. LUÍS — «Terra bendita»
S. JORGE — «Os 39 degraus»
IMPÉRIO — «Um rei e quatro rainhas»
EDEN — «A luz vem do alto»
POLITEAMA — «3 homens num bote»
MONUMENTAL — «O médico e o monstro»
ODEON — «Preciso de dinheiro»
CONDES — «O grande hotel»
RUMMA — «Alta espionagem»
AVIS — «Nascida em Março»
ALVALADE — «Terra bendita»
CAPITÓLIO — «O prego do ouro»
OLIMPIA — «A torre dos monstros»
IDEAL — «A rainha do mal»
JARDIM — «Vingança trágica»
RESTELO — «O pequeno polegar»
PROMOTORA — «Selvagem é o vento»
CAMPOLIDE — «Teu para sempre»
S. JOSÉ (Sacavém) — «Olho por olho»

CONFERENCIAS

No Teatro Monumental, pelo sr. Tomás Ritas, sobre bailados, e no Palácio da Independência, pelo sr. Dutra Faria, no encerramento do curso de jornalismo infantil da M. P., às 18 e 30.

EXPOSIÇÕES

Inauguram-se, às 18 horas, no Grupo «Amigos de Lisboa» e na Casa da Madeira, respectivamente, exposições biblio-iconográficas sobre o Chiado e das paisagens da Madeira, dos Açores e do Continente.

Espectáculo de Variedades

na Casa de Repouso dos Inválidos do Comércio

Na Casa de Repouso dos Inválidos do Comércio, no Lumiar, haverá amanhã, às 16 horas, um espectáculo de variedades, no qual colaboram as artistas da rádio Maria Amália, Sara Lopes da Silva, Mário Cabaço, Pompeu Faria e o quinteto de João Mateus Junior. Em primeira audição, será apresentada a marcha «Inválidos do Comércio», com música de João Mateus Junior e letra de Walda Rod'ies Mateus.

DUAS ESCOLAS

criadas perto de Viseu por dois beneméritos

VISEU, 30 — Graças a uma generosa oferta dos srs. António e Artur de Figueiredo Agostinho ao seu torrão natal, são inaugurados, amanhã, os novos edifícios escolares de Loureiro de Silgueiros e Lajes de Silgueiros. As cerimónias presidirá o governador-civil do distrito, estando também presentes o presidente da Câmara Municipal de Viseu, o director do distrito escolar, etc.

UMA EXPOSIÇÃO

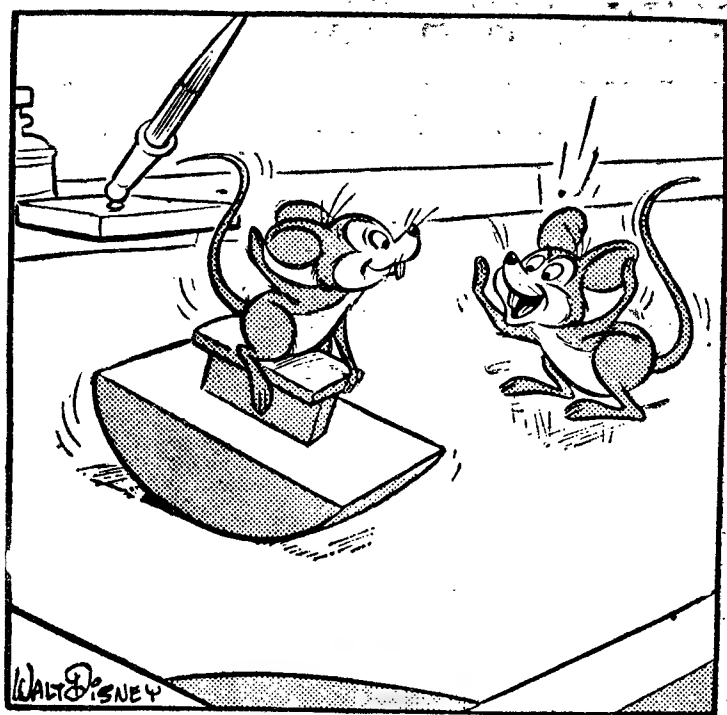
no iate «Elettra II»

A Rádio Marítima Portuguesa, e a Marconi International Marine Communication & C. Lda., que aquela representa no nosso País, promovem, depois de amanhã, às 10 e 30, uma visita ao iate «Elettra II», a bordo do qual há uma exposição da mais moderna aparelhagem electrónica para comunicações de auxílio à navegação. O navio estará atracado à estação fluvial de Belém.

Sindicato Nacional

dos Empregados de Escritório

A nova direcção do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa, que tomou posse no passado dia 25, esteve hoje no Ministério das Corporações a apresentar cumprimentos ao dr. Veiga de Macedo com quem tratou, seguidamente, de vários problemas de ordem profissional.



— Upa! Que bom cavaleiro tu és...

A semana do contribuinte

Código da sisa e do imposto sobre as sucessões e doações, aprovado pelo decreto-lei n.º 41969, de 24 de Novembro de 1958

SISA E SUCESSÓRIO

Com a publicação deste Código, que entrou em vigor no dia 1 de Janeiro de 1959, faz-se a regulamentação da liquidação e cobrança da sisa e do imposto sobre as sucessões e doações, a revisão das taxas até então em vigor, ajustando-se, por subdivisão dos vários escalões de de este último, elaborando-se e criando-se para isso uma nova tabela de aplicação das mesmas, e uniformizou-se ainda em 8 por cento a taxa de incidência da sisa (artigo 33.º).

A fim de os nossos prezados leitores poderem tomar conhecimento de disposições daquele Código, de uso mais corrente, publicamos, a seguir,

SUCCESSÓRIO

Das isenções

A favor de descendentes — as transmissões de valor até 100.000\$00, por cada adquirente, compreendendo-se neste valor a totalidade dos bens recebidos do mesmo ascendente, ainda que adquiridos esses bens em épocas diversas e a título diferente — morte, doação, testamento ou outro meio legal de aquisição (artigo 12.º).

Da incidência

Incide sobre as transmissões a título gratuito de bens mobiliários e imobiliários, considerando-se transmissão, para sujeição a este imposto, a transferência real e efectiva dos bens, e também a simples renúncia a quaisquer direitos já constituídos, e da qual outrem imediatamente beneficie (artigos 3.º e 4.º).

Das taxas

Consideram-se transmitidos para o cônjuge que for parente mais próximo os bens doados ou deixados por testamento (artigo 10.º).

O VII CONGRESSO

de Bureau International Catholique de l'Enfance

As 12 comissões especializadas do próximo Congresso Internacional do B. I. C. E. (Bureau International Catholique de l'Enfance), a realizar em Lisboa, de 29 de Junho a 5 de Julho, trabalham activamente na sua preparação.

Entre as comissões que estão a despertar mais interesse salienta-se a de «Formação Religiosa e Catequese» que será orientada por uma equipa de teólogos de vários países. Esta comissão procurará chamar a atenção dos congressistas para o sentido cristão de certos valores mais particularmente comprometidos na vida profissional e para as disposições espirituais a despertar na criança desde a mais tenra idade.

Todos os esclarecimentos, acerca das comissões especializadas do Congresso podem ser pedidos na Avenida Duque de Loulé, 90, r/c, direito.

dos ao outro cônjuge, ou a ambos, quando comunicáveis (artigo 7.º).

Das dívidas

As dívidas reconhecidas em testamento a favor de herdeiro ou legatário serão havidas por legados, salvo prova documental em contrário.

SISA

Das permutas

Os contratos de permuta de bens imobiliários, qualquer que seja a sua natureza, a sisa será paga pelo permutante que receber bens de maior valor (artigo 7.º, § 1.º).

SISA E IMPOSTO SUCESSÓRIO

Da sujeição a imposto

Para que as transmissões sejam passíveis de sisa ou de imposto sobre as sucessões e doações é necessário que os bens existam ou estejam situados no território do continente e ilhas adjacentes.

Da situação dos bens

A situação dos bens determina-se pelas regras seguintes:

1.ª — Os direitos mobiliários e imobiliários localizam-se onde estiverem os bens a que respeitam.

Os veículos motorizados, navios, aeronaves e material ferroviário circulante consideram-se abstritos ao local do registo, matrícula ou inscrição;

2.ª — Os créditos, ainda que representados por títulos ou constituídos por quotas e outros interesses em sociedades, pertencem ao domicílio do credor, salvo tratando-se dos títulos referidos no artigo 182.º (*), os quais se consideram situados sempre no continente e ilhas (art.º 6.º e § único).

Da responsabilidade pelo imposto

A sisa e o imposto sobre as sucessões e doações são devidos por aqueles para quem se transmitirem os bens (artigos 6.º e 7.º). (**).

Da incidência do imposto

A incidência da sisa e do imposto sobre as sucessões e doações regular-se-á pela legislação em vigor ao tempo em que se efectuar a transmissão (artigo 10.º).

NOTA

Das bens do ausente

A atribuição definitiva dos bens do ausente, ou deixados a este depois de iniciada a ausência, às pessoas chamadas a recebê-los. (**).

Obs. (*) Art.º 182.º

O imposto pela transmissão a título gratuito dos títulos e certificados da dívida pública fundada, bem como das obrigações emitidas por quaisquer outras entidades públicas ou particulares, e das acções de sociedades, com sede no continente e ilhas adjacentes, será pago por avença, mediante dedução no rendimento dos títulos.

AGENDA DOS LEITORES

Do selo de recibo

Os lançamentos de despesas no livro «Caixa» duma sociedade não importam desobrigação de dinheiro, valores ou qualquer objecto, e não estão por isso sujeitos ao pagamento do selo do artigo 141.º da Tabela.

(Da Revista de Direito Fiscal, ano 8.º, p. 44).

A Rússia parece disposta a cancelar o ultimato sobre Berlim em troca de concessões dos Ocidentais

(Continuação da 1.ª página)

ocidentais declaram que a Rússia parece disposta a cancelar o seu ultimato sobre Berlim em troca de «concessões» do Ocidente na conferência de Genebra. A Rússia, porém — acrescentam — ainda não determinou o seu «preço» durante a série inaugural de negociações particulares.

Assim, o ministro dos Negócios Estrangeiros russo estaria na disposição de ceder nos seguintes pontos, que constituem parte de um tratado «provisório» de paz a negociação:

— Aceitação da continuação da presença de forças ocidentais em Berlim-Oeste;

— Garantia de livre acesso dos ocidentais àquele sector berlinense. Os mesmos informadores dizem que Gromyko parecia preparado para isso, durante as sessões secretas de quinta e sexta-feira, com os «Três Grandes Ocidentais». Salientaram, contudo, que Gromyko foi extremamente discreto nas suas insinuações, mantendo a linha «dura» do Kremlin nas actas dos encontros.

Acham que o ponto importante, agora, é o preço que a Rússia pretende para pôr termo à crise de Berlim e para preparar caminho para a conferência de «alto nível». Recordam que Kruchchev, nos seus discursos mais recentes, sugeriu a ideia de uma representação militar russa em Berlim-Oeste, embora apenas «simbólica», ideia até agora rejeitada pelo Ocidente. Há, também, indícios de que se sugeriria a redução recíproca das actividades de espionagem e propaganda em ambos os sectores da cidade. — (A. N. I.).

Houve hoje uma sessão plenária a pedido de Gromyko

GENEVBRA, 30 — Contra o que estava previsto, efectuou-se esta tarde uma sessão plenária da conferência.

Tendo resolvido que as sessões semipúblicas fossem substituídas por reuniões secretas ou «restritas», os ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Quatro Grandes», propunham-se manter, pelo menos enquanto não fosse encontrado terreno mais firme, a conferência num nível de conversações à mesa do café, mas, subitamente, André Gromyko insistiu em que se efectuasse esta tarde uma sessão plenária — a 12.ª — declarando que a Rússia desejava apresentar, oficialmente, o

seu plano para a solução da crise de Berlim.

Nestas circunstâncias, julga-se que esta tarde as conversações entre o Leste e o Ocidente voltaram a desenrolar-se num ambiente de guerra fria, depois de um aparente desanuviamento alcançado nas reuniões restritas.

Ao requerer a convocação de uma sessão plenária, para as 13 e 30 desta tarde, Gromyko teve o cuidado de salientar que a sua delegação exigia que estivessem presentes, também, os «adidos da Imprensa».

Sabendo-se, de antemão, que o plano soviético para a «solução da crise de Berlim» impõe, como condição essencial, a transformação da antiga capital alemã em «cidade livre e desmilitarizada», não pode haver dúvidas de que tenha havido esta tarde mais um duelo de oratória entre Gromyko, de um lado, e Herter, Lloyd e Murville, de outro. — (A. N. I.).

Adenauer está satisfeito

PARIS, 30 — «Sinto-me extremamente satisfeito com as conversações que tive em Washington» — limitou-se a dizer aos jornalistas, o chanceler Adenauer, na breve escala que fez esta manhã no aeródromo de Orly. Acompanha o chanceler federal desde a capital americana, entre outras individualidades, o seu ministro dos Negócios Estrangeiros. Este seguiu viagem para Genebra e aquele, no seu avião, para Colónia. — (F. P.).

A CONFERÊNCIA

de «alto nível»

reunida em Tirana

VIENA, 30. — O Governo de Belgrado anunciou ontem que a maioria dos países do Sueste Europeu pediu, nos últimos dias, autorização para os seus aviões sobrevoarem o território jugoslavo, com rumo à Albânia, o que é interpretado como indicação de que também a Bulgária, a Roménia e a Hungria se encontram presentes na conferência de «alto nível», que, sob a presidência de Kruchchev se está a realizar em Tirana.

A confirmação da convicção de que o principal objectivo da reunião dos dirigentes comunistas é fazer pressão sobre a Grécia e a Itália, para que recusem a instalação, nos seus territórios, de rampas para o lançamento de teleguiados norte-americanos, a agência Tass anunciou hoje que Moscovo formulou novo protesto contra a decisão dos Estados Unidos, de equipar os Exércitos dos seus aliados da N. A. T. O. com armas nucleares. — (A. N. I.).

«Anastásia»

está sã de espírito
mas não se deixa observar

HAMBURGO, 30 — A conclusão dos peritos de Unterlingenhards (Floresta Negra) é que Anna Anderson, que pretende ser a filha mais nova do Tsar Nicolas II, está perfeitamente sã de espírito, podendo apresentar-se ao tribunal civil desta cidade.

«Anastasia» recusou-se a ser examinada por um médico, numa tentativa para se descobrir a origem das cicatrizes que tem nos pés e que, segundo afirma, são a marca de ferimentos produzidos pela ponta das baionetas. Também não aceitou submeter-se ao exame do perito encarregado de verificar os seus conhecimentos da língua russa. — (F. P.).

A visita da princesa Margarida

(Continuação da 1.ª página)

outro cigarro na sua longa boquilha de marfim. E se tiver sede, sabe que lhe servem a sua bebida preferida: um pouco de «whisky» com muita água e sem gelo.

A rainha-mãe anunciou que tencionava acompanhar a princesa ao aeroporto para assistir à largada do avião, de hoje a uma semana. E a princesinha Ana pediu já que lhe permitissem ir também dizer o seu «até à vista» à «tia Margot, que vai para Portugal». Não se sabe, ainda, se será possível fazer-lhe a vontade.

A uma semana antes da partida, Margarida prepara-se activamente para a viagem. E foram já dadas ordens para que a sua ausência seja aproveitada para a renovação e vários arranjos nos quartos que a princesa ocupa em Clarence House. Na velha residência real, que a princesa partilha com sua mãe, os aposentos que ocupa são mobilados com preciosas peças antigas e decorados a cor-de-rosa e branco.

Na sala de estar, a princesa fez instalar dois cestos que são a cama dos seus dois cães — «Johnny» e «Pipkin». Pode dizer-se que são os dois mais constantes companheiros de Margarida em sua casa. E embora habituados já às ausências da dona, que as obrigações do protocolo tantas vezes solicitam, os dois animais dão mostras evidentes de tristeza quando passam muitos dias sem a ver regressar.

Entre 6 e 12 de Junho é certo que percorrerão as salas do palácio procurando a presença da gentil princesa — sem compreenderem por que motivos se demorará tanto tempo longe de casa... — (A. N. I.).

A secretária de Margarida vai dedicar-se ao evangelismo

LONDRES, 30 — Patrícia Parting-

Mussolini ficou na Itália para não cair nas mãos dos Aliados e por preferir ser executado por Italianos

ROMA, 30 — O diário íntimo, no qual Mussolini reuniu, durante largos anos, as suas memórias e impressões sobre os homens e os acontecimentos mais importantes da sua época, existe. Foi o que afirmou o filho mais velho do «Duce», Vittorio, numa entrevista dada ao hebdomadário italiano «Gente», pondo assim um ponto final sobre tudo o que foi dito, até agora, quanto à existência de tal documento.

O precioso manuscrito deve encontrar-se na posse do antigo embaixador do Japão em Berna, Idaka, a quem Vittoria Mussolini o enviou a pedido de seu pai, na véspera do desmoronamento da «Re-

publica social», que o ditador fundou no norte de Itália, a seguir ao armistício de Setembro de 1943.

«Eu sei — declarou o filho do «Duce» — que o embaixador desmentiu ter recebido tal documento, mas estou convencido de que esse desmentido foi dado de completa boa-fé. Nós não lhe tínhamos explicitamente pedido para conservar esse diário mas sim outras coisas, entre as quais aquele já dissimulado. Creio que o embaixador nunca tentou descobrir o que continha o embrulho que lhe fizemos chegar às mãos.»

Indicou, depois, que seu pai o fizera jurar que não seria autorizada a publicação do seu diário íntimo senão 20 anos depois da sua morte. Revelou também alguns pormenores, totalmente ignorados, dos últimos dias do ditador fascista, afirmando, nomeadamente, que no mês de Março de 1945, no momento em que a guerra, em Itália, atingia o seu fim, suplicou a seu pai que se salvasse e anunciou-lhe que estavam aviões prontos no terreno de Ghedi, perto de Brescia, para o levar para Espanha com toda a família.

Mas Benito Mussolini recusou-se terminantemente a fugir e disse ao seu filho:

«Sou o comandante de um navio que se afunda. Quis pertencer à História e esta é agora a minha prisão. A História detem-me e detem-me-a para sempre. Não tenho já salvação possível e terei de seguir o meu destino. A guerra está perdida e desejo ser executado por Italianos. Não quero responder pelos meus actos senão perante o meu povo. Se cair nas mãos dos Aliados, matarei-me, estou certo. Não suportarei ser julgado por estrangeiros.» — (F. P.).

CLUBE DE NEGROS

atacado à bomba
na Inglaterra

LONDRES, 30 — Desconhecidos atiraram, na noite passada, de dentro de um automóvel, que a seguir desapareceu a grande velocidade, uma bomba incendiária para um clube de East End, o «Chicago» depois da meia-noite. Houve um princípio de incêndio que foi dominado rapidamente.

Sendo o «Chicago» depois da meia-noite frequentado sobretudo por Negros, a Polícia inclina-se a ver no atentado uma manifestação do conflito racial que tem provocado incidentes graves no bairro de Notting Hill. — (F. P.).

UM ACIDENTE

originou a 1.ª desistência
nas «Mil Milhas» de Brécia

BRESCIA (Itália), 30 — O automobilista italiano Tarmazzo — vencedor da corrida das «Mil Milhas» de 1958, e que era um dos participantes da prova deste ano, que está a disputar-se hoje, sofreu um desastre quando o seu carro — um «Ferrari» — ao descrever uma curva, perto de Fornovo, a 142 quilómetros da partida, derrapou, desistando-se.

Tarmazzo, que era acompanhado por Giovanni Gerino, não sofreu ferimentos de maior, bem como o seu acompanhante, embora o seu automóvel tivesse ficado bastante danificado.

Em virtude do acidente, Tarmazzo viu-se forçado a desistir de continuar em prova. — (A. N. I.).

A entrevista

com os macacos

astronautas

(Continuação da 1.ª página)

os macacos-esquilos são extremamente sensíveis às mudanças de temperatura. No entanto — prosseguiu — tem-se prestado «alegremente» a ser fotografada por dezenas de fotógrafos, desde que foi pescada do Atlântico.

«Able» passou a noite no Instituto Militar de Pesquisas de Walter Reed, onde recebeu a maior parte da preparação para a viagem extra-atmosférica, e «Baker» no Centro Médico da Marinha, em Bethesda. Hoje, ambas serão apresentadas oficialmente ao público na «conferência de Imprensa», durante a qual, cerca de meia dúzia de cientistas descreverão a sua viagem por meio das informações recebidas na Terra sobre as suas reacções físicas.

As autoridades esclareceram ainda que as duas macacas vão ser atentamente observadas durante o resto da vida, a fim de se descobrir quaisquer efeitos retardatários que venham a sofrer da sua incursão interplanetária, e autopsiadas quando morrerem. Revelaram também que seguirão uma dieta especial. — (A. N. I.).

PRISÕES EM CUBA

HAVANA, 30 — Em vários pontos de Cuba foram presas treze pessoas acusadas de conspiração contra o Governo revolucionário. — (F. P.).

Nas

TERMAS DE LUSO

Especialmente indicadas no tratamento do Artrismo, das Doenças dos Rins e da Hipertensão dotadas de

Balneários modernos, com Emanatório, encontra o

GRANDE HOTEL DAS TERMAS

um hotel de 1.ª classe, que lhe oferece todas as comodidades, com banho e telefone em todos os quartos, o

HOTEL DOS BANHOS

o mais próximo dos balneários, e ainda a

MAGNÍFICA PISCINA MONUMENTAL

O Casino, o Tennis, os deslumbrantes panoramas, o ar da serra e a frescura do arvoredo. Servidas pelas principais estradas e caminhos de ferro, estão recomendadas para:

Tratamento — Repouso — Recreio — Turismo

RIBATEJANO

SAI VATERRA DE MAGOS

Tel. 14

• TODOS OS DIAS •

Aos Almoços, Chás e Jantares

Exibições, Ranchos Folclóricos

excepto às 2.ª e 4.ª feiras

Cozinha Portuguesa

(6.ª. dos)

Subsidiado pelo Fundo de Turismo

Tágide
LISBOA

Os vossos Restaurantes «Music-Hall» oferecem-vos mais um programa de categoria internacional.

PALM BEACH
CASCAIS

O ESCÂNDALO DE JOHN OSBORNE

A última peça de John Osborne acaba de ser estreado em Londres numa atmosfera de escândalo como há muito tempo não há memória. A casa veio abaixo com apupos, vaias e assobios, que quase

e ódio. Revoltante; Risinhos de menino de escola; O maior fiasco dos últimos anos! Uma reacção tão brucha e exasperada, apesar das ousadias que eram de esperar do «rebeld» numero 1 das letras britânicas, não deixou de causar a sua surpresa, despertando a curiosidade do grande publico.

J. Osborne denomina The world of Paul Slickey uma nova comédia musical de costumes. O meio escolhido como alvo principal da sua sátira é o mundo de Fleet Street, o império da informação jornalística, a máquina imponente da Imprensa britânica, que continua a ser a cena de uma rija luta de interesses financeiros.

POR
LUÍS DE SOUSA REBELO

abafaram as vozes dos actores, e, á saída do teatro, Osborne foi mais uma vez vítima do descontentamento da sua audiência.

A crítica, por seu lado, foi implacável e virulenta, apontando inconsistências no protagonista, in-



Slickey, o articulista das colunas mundanas

congruências de intriga e deficiências de toda a ordem na estrutura da peça. A imprensa dominical, que finaliza geralmente os juízos da semana e profere a opinião definitiva, não foi mais animadora e, com excepção do Sunday Times, mais benevolente do que verdadeiramente entusiasta, pode dizer-se que o consenso do publico da estreia e da critica foi solidamente unanime na sua condenação. As parangonas dos grandes quotidianas barraram a primeira página de lés a lés com uma nota ofendida e berante — Espectáculo de sexo

Slickey é o articulista das colunas mundanas, o jornalista das confidências de alcova, sempre a farejar escandalozinhos picantes e sensacionais, que o tornam indispensável junto do director do jornal. Quando há respeitáveis e nobres famílias envolvidas na sua indiscrição, Slickey sabe fazer pagar um bom preço pelo seu silêncio.

Demais a mais este Paul Slickey não é um pobre assalariado da pena, como muitos dos seus colegas mais desafortunados. Ele tem óptimas relações na alta roda, é assi-

Decálogo da boa esposa

1. — Não se queixe a ninguém das suas dores e tristezas. A mulher deve ser forte e silenciosa.

2. — Não se queixe a ninguém das suas dores e tristezas. A mulher deve ser forte e silenciosa.

3. — Não se queixe a ninguém das suas dores e tristezas. A mulher deve ser forte e silenciosa.

4. — Não se queixe a ninguém das suas dores e tristezas. A mulher deve ser forte e silenciosa.

5. — Não se queixe a ninguém das suas dores e tristezas. A mulher deve ser forte e silenciosa.

6. — Não se queixe a ninguém das suas dores e tristezas. A mulher deve ser forte e silenciosa.

7. — Não se queixe a ninguém das suas dores e tristezas. A mulher deve ser forte e silenciosa.

8. — Não se queixe a ninguém das suas dores e tristezas. A mulher deve ser forte e silenciosa.

9. — Não se queixe a ninguém das suas dores e tristezas. A mulher deve ser forte e silenciosa.

10. — Não se queixe a ninguém das suas dores e tristezas. A mulher deve ser forte e silenciosa.

duo frequentador do solar augusto de Mortlake Hall e conquistou um lugar invejável na sociedade, tornando-se o marido de uma das filhas de Lord Mortlake e o amante da cunhada.

A partir deste momento as situações da comédia desenrolam-se, numa ligação frouxa, entre a redacção do Daily Racket e a residência principesca de Lord Mortlake onde há um político conservador pomposo e vazio, que tipi-

(Continua na 3.ª página)

Os dinossauros viveram em Portugal há mais de cem milhões de anos

POR
MANUEL CORREIA

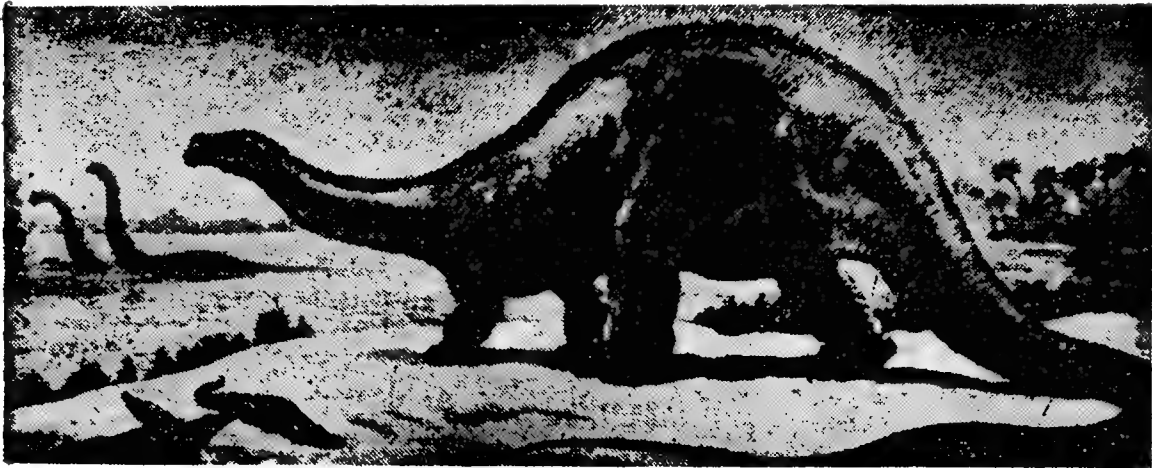
Se um bom detective, além de outros indícios, se aproveita da marca dos passos para seguir a pista de um criminoso, do mesmo modo procedem os cientistas nos seus trabalhos de investigação. Porém, são outros os fins que pretendem atingir. Na Era Primária não

havia homens e se as trilobites, e se os primeiros reptéis se matassem uns aos outros faziam-no sem

receio da alçada de qualquer tribunal.

E como sabemos nós da existência das trilobites? Maria José, sabe o que são fósseis? Pegue num dicionário. Alí mesmo, Leia: «Nome

(Continua na página central)



Brontosaurus. Desenho existente no Museu de História Natural de Chicago — Rptossauo que deixou o seu rasto nas proximidades de Alenquer

magazine

Diário de Lisboa

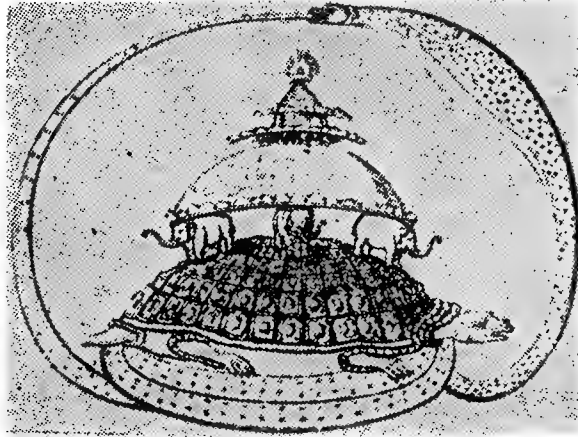
NÚMERO 47

Diário de Lisboa

A Terra nem sempre foi redonda!

- Monte Meru, centro do Mundo.
- A Terra sobre elefantes!
- Este Mundo é uma flor...
- As amazonas belicosas.
- Os povos comiam flores de lótus.
- Gigantes e Pigmeus.
- A Terra metida num baú!
- O Mundo dá muitas voltas...

Todos aqueles que estudaram os rudimentos de Geografia (e até os que não estudaram, diga-se de passagem...) sabem que a Terra tem a forma de uma esfera, ligeiramente achatada nos pólos. O nome científico deste volume é geóide.



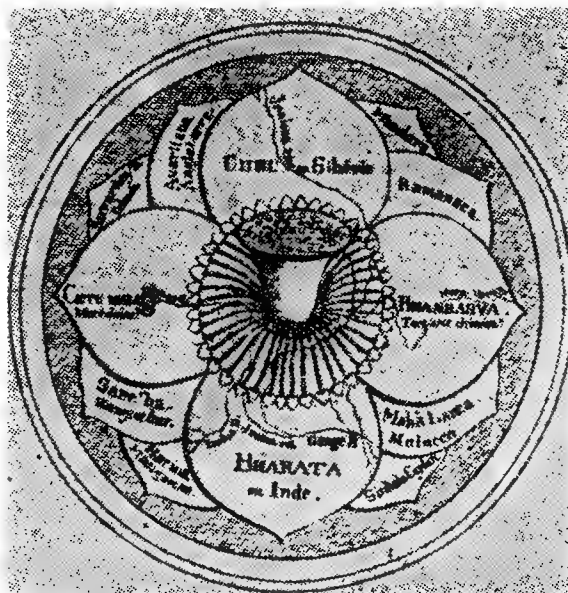
O Monte Meru, a terra e os infernos transportados por uma tartaruga

Os mapas geográficos, com os meridianos e os paralelos, tais como os conhecemos hoje, são relativamente recentes. O primeiro mapa-mundi foi desenhado e publicado em 1700 pelo francês Guillaume Delisle. Entre 1743 e 1761, um outro francês, Bourguignon d'Anville, publicou «O Atlas Moderno», de onde suprimiu tudo o que não assentava em bases sérias.

Imaginem só o trabalho que deve ter tido o cartógrafo e amigo Bourguignon! E' que corriam as mais estranhas versões a respeito deste geóide de má fama que circula no espaço há milhões de anos, sempre á nora como um burrinho bem mandado...

«cow-boys» daquele tempo). Os hipniólogos alimentavam-se a leite de burra. Os «cíclopes», seres com um só olho, tinham fama de gigantes antropófagos e habitavam na região de Skilla. Os Liétrigões, barbudos e arrogantes, habitavam a Sicília. Os Sotófagos, habitantes da África do Norte, alimentavam-se de flores de lótus (actualmente preferem a couve galega). Os Pigmeus viviam, segundo a lenda, perto das nascentes do Nilo. Finalmente, os Cimerianos habitavam os confins do Mundo...

Aqui está o Mundo visto por um poeta que oscila entre o romantismo extremo (os comedores de lótus, que nem o nosso Soares de



A representação da terra segundo os hindus

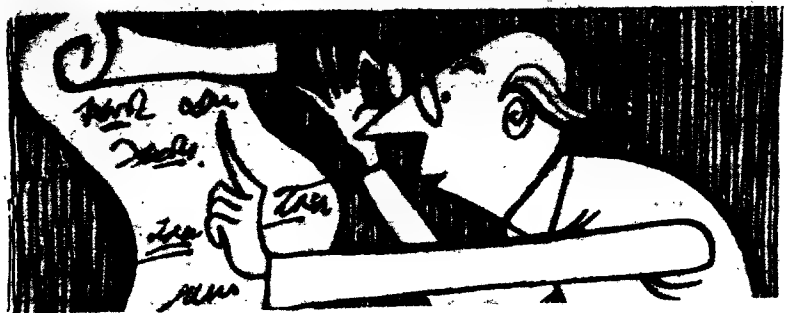
Os hindus representavam a Terra dominada pelo monte Meru, que ficava precisamente no centro da Terra. (Como vêem, a ideia de que cada um de nós é o centro do Universo, vem de longe...). O nosso planeta transportava-se em quatro elefantes, animais sagrados (antes de surgir o circo...), que estavam ali representando os quatro pontos cardiais. Os elefantes, por sua vez, assentavam as patinhas nas costas de uma tartaruga que simbolizava a força e o «elemento permanente», a matéria. Finalmente, uma serpente «aguentava» com a tartaruga. A serpente, isto é, a eternidade, existia no espaço—sustentada era que é que os amigos indianos não nos chegaram

Passos seria capaz de inventar!) e o realismo naturista (os gigantes antropófagos com um olho na testa).

Depois de Homero, a odisséia da Terra não parou. Aeródoto e Ctétrias, no século V antes de Cristo, publicaram descrições de viagens que, durante muitos séculos, constituíram os únicos tratados de Geografia; Hippalus que, por volta do ano 50 da nossa era, descobriu as leis das monções do Oceano Índico; Cláudio Ptolomeu que publicou, no ano de 175, uma Geografia onde, pela primeira vez, a situação dos diversos lugares era dada com a máxima precisão.

No século VI, um viajante egípcio (Continua na 7.ª página)

O CAÇADOR



DE AUTÓGRAFOS

O caçador andava com muita vontade de possuir um autógrafo do grande Vicente VAN GOGH. Em Portugal não há — (que se saiba) — dizia o Caçador — quadro algum do genial pintor. Se conseguir o seu autógrafo já poderei oferecer alguma coisa de VAN GOGH aos leitores de Magazine.

Encontrou o Artista no alto do Olimpo a contemplar as cores do arco-íris.

Cumprimentaram-se.

— Teria grande prazer em que

— Está satisfeito? — perguntou no fim.

— Quase.

— O quê? Quer mais um autógrafo?

— Não. Queria que me dissesse qual o maior desgosto da sua vida?

— O maior... O maior... O maior... É difícil. Todos foram

maiores. Para mim tornava-se mais fácil dizer-lhe as maiores alegrias da minha vida. Quer?

— Quero, pois não hei-de querer...

— Então confesso-lhe que tive

Exclusivo MAGAZINE AUTÓGRAFO N.º 5

Vincent

me desse um autógrafo... — insinuou o caçador dos mesmos.

— O meu autógrafo? Para quê?

— Para o oferecer a milhares de pessoas que o receberiam com grande orgulho!

— Mas vale assim tanto o meu autógrafo?

— Imenso! Se eu o quisesse vender — o que não faço — arranjaria uma fortuna.

Van Gogh olhou com estranheza o interlocutor e puxando duma caneta desenhou o seu autógrafo.

cinco grandes alegrias: a primeira não ser cego; a segunda ver cores; a terceira pintar com elas, pintar sempre, pintar sem descanso; a quarta, saber que há um caminho justo na vida, independentemente das vantagens que nos possa proporcionar e até contra essas vantagens; a quinta, possuir e merecer o amor de meu irmão Theo... Creio que fora disto tudo foi tristeza. Sei que hoje os meus quadros rendem milhões. Serei melhor depois de morto?



VEJA MELHOR EM SUA CASA

com TV

VOLTA Automatic

- * sintonia completamente automática
- * comando à distância
- * grande poder de captação

CONSULTE OS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

SABA

MARCO HENRIQUE

GANHE 100\$00

com um sorriso nos lábios

Afinal de contas este Mundo é muito estranho. Na presente semana a palavra do concurso era LEITE e quem «o» teve foi o vencedor da semana passada, que por tal sinal definiu a palavra ROLHA. Calculam os leitores que recebemos a seguinte e amável carta enviada pela firma C. ROCHA, LDA.:

Ex.ªs Senhores:

Somos fabricantes e exportadores de rolhas e as nossas são muito apreciadas, tanto no mercado interno como no externo, por serem produzidas com cortiças muito finas; nesta conformidade, não desejariamos ficar estranhos ao que foi encontrado como «melhor da semana» para designar a palavra ROLHA, e como tal desejamos oferecer, por intermédio do «Diário de Lisboa», quatro garrafas de aguardente «Colibri», para o vencedor, fazendo notar que as garrafas que contém esta aguardente são tapadas com as nossas rolhas...

Agradecendo a gentilíssima atenção dos srs. C. Rocha, Lda., devemos, no entanto, declarar que não estamos muito certos se o contemplado, como se sabe, o sr. Manuel da Cruz da Costa Junior, que já nos escreveu a «destapada» a sua morada (Rua da Ilha do Príncipe, n.º 10, 1.ª dt., Lisboa), estará muito disposto a garantir que as garrafas de aguardente «Colibri» são tapadas com as rolhas «C. Rocha». Bastase mesmo a ver que ele diga o contrário. Num ar que lhe deu de todas elas que foram... «destapadas com as rolhas «C. Rocha». Isto porque o fado de qualquer garrafa «cheia» é ser destapada.

E porque falamos em «destapada» impioramos ao sr. Manuel da Cruz da Costa Junior que nos informe dos resultados do tratamento de «calices» que vai fazer. Cuidado não fique a procura da rolha, mesmo que esta seja uma finíssima rolha «C. Rocha».

O feliz candidato a dono de uma garrafeira pode ir buscar o seu prémio aos srs. C. Rocha, Lda., Rua de Arroios, 25-C.

(Um parêntesis: olha se a Companhia das Águas se lembrava de oferecer um prémio ao definidor-vencedor da palavra AGUA. O infeliz teria de chamar os bombelros).

O senhor Silvestre Gaudêncio (Unhais da Serra) voltou a abrir a carta para arquivar mais uma cédula centenária. Motivo: esta frase:

O LEITE é a justificação da Mãe e da Mama. (Certos mamões é que se não justificam...).

Claro que se não justificam! Mas não será o nosso prezado leitor um desses? Assim a açambarcar as tais centenárias, até parece um daqueles grandes colecionadores de Conselhos de Administração.

O sr. José Pereira da Guia (Santarém) esteve quase a dar no vinte (aliás, no cem); perdeu por ter falado um pouco de mais, como os nossos leitores podem verificar:

Leite — afirma — é o denominador comum dos mamíferos, nos primeiros tempos de vida. Em certa espécie, porém, alguns viciam-se, não largando mais o «aleitamento». Esses viciados designam-se, como se sabe, por «mamões». Claro que na altura em que chegam a «mamões» já não bebem leite. Gostam mais — e muito mais — de sumo do Banco de Portugal.

São eles, os leiteiros e as crianças os beneficiados. Os crescidos já só o bebem tingindo-o de café. Como o diz o nosso habitualíssimo leitor (e paciente, pois espera uma carta há bem dois meses) E. Läss, de Coimbra:

LEITE é aquilo com que se fazem os «garotos».

E é. Quanto aos leiteiros, informa o sr. Fernando Simões, de Lisboa, que o

— LEITE é a cal dos «leiteiros». Qual cal?

O sr. Ricardo Lemos, também de Lisboa, envia as suas melhores saudações aos leiteiros com estas palavras:

LEITE é um líquido sem gordura e com muita água, destinado a «engordar» os leiteiros.

E o sr. E. M., de Moscovide:

LEITE: líquido branco que depois de muito batido e lhe serem extraídos o soro, a manteiga e o queijo, ainda serve para engordar muita gente.

Lá diz o rifão: «Guardado está o bocado para quem se há-de engordar».

Segundo o sr. Rui Carlos Vieira (Lisboa):

LEITE é uma mistura de água e leite em que, no parecer inocente dos leiteiros, a água se transforma inteiramente em leite.

Eis o que se pode designar por Prémio Nobel da Leitaria. Tanta sorte só a Selecção Nacional de Futebol. Comunica-nos a estes respeito, o sr. Lino Ribeiro (Lisboa), o seguinte:

LEITE — o melhor «tónico» da Selecção Nacional de Futebol, quando se apresenta física e tecnicamente inferior à turma adversária. Desta vez confiavam demais nas vacas suíças... e ficaram los-grados. Na Suécia, por azar, deram-lhe arroz... de bacalhau.

Comidas indigestas, na verdade. Falta de leite. O reverendo Frei Lucas (Lisboa), bem o afirma:

LEITE? É vida! Tê-lo é bom, mas ter leiteira... é formidável!

E o leite é tão importante que o sr. Manuel Neves pode bem afirmar que o

LEITE é tão alimentício, tão alimentício que a Suíça vive só a custa dele.

Claro que também os desprotegidos-lácteos:

LEITE — lembra o sr. Rui Lemos (de Lisboa) — é um líquido que apesar de branco e opaco muitos não vêem.

E em contrapartida há os que

levam tudo. A propósito desses portentos escreveu o sr. Boaventura Mendes dos Santos (Carapinheira, Montemor-o-Velho), estes versos:

LEITE, alimento ideal de muitos meninos-bem: até à escola, da mãe, depois, de vaca ou de cabra, de burra ou de outro animal.

Deve ser a eles que se refere o sr. Alvaro Machado (Porto):

— Leite é o vinho dos rapazes modernos.

E o mal das crianças. Como o observa o sr. Carlos Alberto da Costa Paula (de Condeixa):

LEITE? Bebê-lo é tirar a mama a um milhão de crianças.

E, com este aviso nos ficamos hoje.

Próxima semana? Vem a palavra

MACACO

As respostas devem estar em MAGAZINE, Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 6 de Junho.

E de novo agradecemos ao sr. C. Rocha, Lda., pela sua gentileza, lamentando, porém, que o sr. Manuel da Costa Junior não demore a «destapar» as garrafas e a deixar voar o «Colibri».

disco da semana

Fernando Farinha («o Miúdo da Bica»)

Flor da Romaria ■ Menina do rés-do-chão ■ Lamentos ■ Grande verdade ■

PARLOPHONE LMEP 1005

Em 1937, Fernando Farinha que — ainda só tinha 8 anos — já era conhecido como «O Miúdo da Bica», ganhava um concurso entre miúdos

cantadores, representando cada um o seu bairro, e os entendidos diziam dele: «Este «miúdo» canta melhor o Fado do que muitos graúdos que por aí andam... Oxalá não mude com a idade...».

Mas Fernando Farinha não era apenas um caso vulgar de intuição precoce, e não estacionou no seu desenvolvimento artístico, ao contrário do que acontece à maioria dos chamados meninos-prodígio. A medida que os anos passavam, e que ele ia deixando de ser miúdo, as suas qualidades de cantor iam surgindo mais evidentes, acumuladas pela experiência, com a ajuda do seu natural talento.

A voz do «Miúdo da Bica» que foi ouvida com tanto agrado quando ele, aos 9 anos, começou a cantar no «Solar da Alegria» e no «Retiro da Severa»; que aos 10 anos, o fez entrar, como atracção, para o Teatro, onde conquistou fartos aplausos, e que, aos 11, foi pela primeira vez gravada em discos, fazendo dele o mais novo artista português que gravou no nosso País — essa voz, com o correr dos anos, foi ganhando nova sonoridade e maior valor.

Este novo disco de Fernando Farinha prova-nos que ele foi um «miúdo» que cresceu como homem e cresceu ao mesmo tempo como cantor — para ser mais artista.



Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.

VEJA O QUE SABE ESTA SEMANA

CAMPEÃO DE VOCABULÁRIO

Já ouviu falar em inglês, francês... básico. Idioma básico é o mínimo de palavras e de regras gramaticais necessárias para um cidadão se fazer entender. Mas terá algum jeito que o leitor diga:

— Sim senhor! Custou, mas foi: Já sei o português básico.

É um pouco forte, não acha? Mas seja franco: que esforços fez para saber da sua língua materna um pouco mais do que o básico? Fez muito, é o que responde? Então dá licença que ponha os seus conhecimentos à prova? Eu prometo ser imparcial na classificação. Se me apresentar de 8 a 10 significações certas, dou-lhe 18 valores; com 5 a 7, 15 valores; finalmente, de 4 para baixo, a nota não pode ir além dum novêzito, mesmo que o leitor arranje uma cunha.

Veja lá então se sabe o que quer dizer:

1—CALHETA: Recipiente para azeite ou vinagre? Estalo? Recife? Enxada estreita?

2—TURRA: Combate? Ensaboadela? Pancada com a testa? Teimosia?

3—PALMILHAR: Fechar na palma da mão? Fazer mão baixa sobre um objecto? Medir palmos? Andar? Pôr palmilhas em meias?

4—ESCANIFRADO: Alto? Antipático? Irritado? Escanzelado?

5—LORIGA: Liga? Correia dupla para sustentar o estribo? Elmo? Couraça?

6—CONUBIO: Aliança secreta? Intriga? Casamento? Conspiração?

7—PECHA: Indecência? Nódoa? Defeito? Remanichise?

8—TUMIDO: Mothado? Inflamado? Atestado? Inchado?

9—ESVURMAR: Atarrachar? Verrumar? Espremer pus duma ferida? Moer o bicho do ouvido?

10—EMPEDERNIDO: Gelado? Empedrado? Feito de pedra? Insensível?

QUEM DIZIA A VERDADE?

Havia (ou ainda há) uma certa ilha que possuía um espantoso condão: os seus naturais eram negros

e os brancos que para lá fossem tornavam-se negros. A vista ninguém os distinguia, pois eram absolutamente iguais. Dava-se, todavia, mais outra particularidade extraordinária: os negros de origem diziam sempre verdade; os brancos tornados negros diziam sempre mentira. Portanto, quem tivesse oportunidade de averiguar quem falava verdade entre dois ilheus que respondiam de maneiras opostas à mesma pergunta — podia saber quem era o branco de origem e o negro de origem.

Ora um dia o capitão Smith passou mesmo junto à costa da ilha no seu pequeno veleiro e vendo um preto sentado num rochedo gritou-lhe:

— Eh lá! Tu és branco ou és preto?

O interpelado respondeu qualquer coisa, mas o vento não deixou chegar a resposta ao destino.

Smith era um homem de ideias. Mais adiante, noutro rochedo, encontrava-se outro homem.

— Eh lá! — berrou o capitão — Que é que disse aquele sujeito?

— Disse que era preto — foi a resposta.

Smith estava já disposto a acreditar nela quando se lembrou que o homem podia bem mentir. Tinha de perguntar a mais alguém a mesma coisa. E assim fez. Por acaso, uns metros à frente, num rochedo, viu deitado um outro negro:

— Eh camarada! — perguntou Smith — Sabes dizer-me o que aquele teu conterrâneo, aquele mais distante, disse?

— Sei, sim senhor — garantiu o homem — Ele disse que era branco.

— Obrigado — exclamou Smith, muito contente com a sua pessoa. E o leitor também está contente?

Já descobriu quem disse a verdade e era, portanto, preto? Se não descobriu, procure numa página de soluções. Mas tente puxar pela cabeça...

Se descobrir, pode montar escritório de detective.

QUAL? ONDE FICA?

1—Qual é o mais vasto dos mares interiores? O Mar Negro? O Mar Báltico? O Mar Mediterrâneo?

2—Onde fica o Mar Azul? Na Costa Azul? Nos Mares do Sul? No Mar da China?

3—Onde fica o Mar Amarelo? Na Califórnia? No Mar do Norte? No Mar da China?

4—Onde fica o Mar dos Sargãos? Em Taiti? Nas Molucas? No Oceano Atlântico, próximo dos Açores?

Cada resposta certa um ponto. 3 pontos — e você é um ás de geografia; 2 pontos — e é apenas valet; com 1 ponto — nem é bom falar: estragava o jogo...

VÍTIMAS DE ACIDENTES DE VIAÇÃO

Vamos enumerar algumas personagens históricas ou da lenda que morreram de acidentes de viação. Veja se descobre em que circunstância:

1—Icaro: desastre de automóvel? de avião? de moto? de barco? Por derretimento dum asas com que voava?

2—O príncipe D. Afonso, filho de D. João II: corrida da légua? Natação? Equitação?

3—O imperador Frederico Barbaruiva: ciclismo? táxi? natação?

SÍMBOLOS DE...

As pessoas que a seguir citaremos são símbolos de qualquer coisa: valentia, estupidez, ciúme, amor, etc. Veja o leitor se descobre o sentimento que pertence a cada uma:

1—CONSELHEIRO ACÁCIO: Ironia? Brutalidade? Estupidez? Vacuidade?

2—OTELLO: Complacência? Gula? Ciúme? Tédio?

3—SOROR MARIANA: Misticismo? Ira? Maldade? Amor?

4—PENÉLOPE: Constância? Intriga? Volubilidade? Castidade?

O MAIS PEQUENO

Qual o golfo da Europa que é tão pequeno, tão pequeno que se escreve apenas com uma letra?

MEDO

CINOFobia é medo das sogras, dos patrões, dos chineses ou dos cães?

AILUROFOBIA é medo dos Bantus, das cançonetistas da rádio, dos apertos ou dos gatos?

OFIOFOBIA é medo das injeções, das cobras, dos exames ou da leitura da grande imprensa?

ANDROFOBIA é medo dos andrajos, de dar esmola, de ficar pobre ou dos homens?

ENOFOBIA é medo de dizer «ena», de comer de mais, de chorar ou do vinho?

Existência de zonas de pressão. Sobe a olhos vistos a temperatura. Uma certa bonança que perdura e pode ser verdade ou ilusão...

Há, no entanto, certa ondulação e nuvens baixas. Mas a brisa é pura. Uma chuvada ou outra mais segura já nada pode contra o Sol de Verão.

A neblina desfaz-se de manhã por acção de um anticiclone quente fortemente centrado em MacMillan.

A massa de ar que ia faltando, avança. O temporal recua francamente. Previsão para amanhã: mantém-se a esperança.

ALFA

O escândalo de Osborne

(Continuação da 1.ª página)

fica o seu partido e a sua classe na defesa constante da pena de morte e da necessidade do castigo corporal.

Numa tentativa ambiciosa de cobrir o vasto campo da propaganda e do noticiário jornalísticos ao serviço das ideias aceites e estabelecidas para consumo do grande público o autor dispersa-se, visando muitos alvos ao mesmo tempo. No entanto a sua verve de marcada inspiração popular atinge em cheio os pretensiosismos ridículos, os lógos irritantes do «modo de vida britânico» da Inglaterra de 1959. Osborne surge com um furor rancoroso os inspectores de impostos, os filmes de guerra na versão dos estudiosos de Ealing, os cantores sentimentais com um sotaque norte-americano, que devem muito do seu êxito ao auxílio do microfone. Vergasta com uma ferocidade deliciada as adolescentes de olho humido e revirado que desmaiam á passagem dos seus ídolos canoros, e não poupa a vaidade das «debutantes» doidinhas pelo Frank Sinatra, já que agora acabaram as apresentações na Corte.

O seu sarcasmo desvia-se, depois contra as imbecilidades do courrier du coeur das revistas femininas, contra o frenesim propagandístico da imprensa anglo-saxónica sobre sensacionais mudanças de sexo, e aproveita a maré para ridicularizar certo aspectos da moda que se esfumam numa zona desconcertante de ambiguidades hermafroditas. Levado pela corrente tumultuosa da sua própria irritação, o autor não pára e atira algumas pontoadas bem merecidas á moderação política dos Trabalhistas e ás suas concessões a uma popularidade fácil. Finalmente volta-se contra a última coqueluche britânica — o delírio do cha-cha, o êxtase languido dos grandes salões de baile, o romantismo desmiolado e idiota dos vocalistas.

Uma sátira que pretende fazer o julgamento de uma época e do modo de vida de uma civilização corre o risco de se abafar sob a vitalidade turbulenta que a anima. Osborne não conseguiu evitar este escolho e surpreendeu um público pouco dado á reflexão na obra de arte, a qual está habituado a considerar como mero entretenimento ou passatempo. Ao mesmo tempo as suas ousadas iconoclastas chocaram os bem-pensantes, em especial quando pôs em cena um ministro anglicano a pernejar o rock'n'roll num funeral pomposo. Houve quem falasse em sacrilégio, e repudiasse a cena como descaída e absurda.

Todavia a intenção do A. é clara. O cerimonial religioso com a sua emblemática sacral nada mais representa a seus olhos do que um manto de falsos dourados com que se almotofa o cinismo, a hipocrisia, o vazio e a ausência de valores da época. No fundo é este afinal o objectivo visado pelo autor: revelar a bancarrota de ideais, a confusão e a loucura dos nossos dias na Inglaterra de 59.

Chamar comédia musical ao World of Paul Slickey foi, talvez, um dos erros de Osborne, pois a peça apresenta defeitos evidentes — largas tiradas de diálogo, com uma parte musical que não fica no ouvido —, e arrisca-se ainda a uma comparação desfavorável com dois dos maiores musicais da última década agora em exibição em Londres (My Fair Lady e West Side Story). Por outro lado o protagonista é uma vítima das circunstâncias e do meio ambiente, mas não está suficientemente caracterizado para despertar a nossa simpatia.

O escrever uma sátira sobre Fleet St. é uma ideia que já estava em embrião em Look back in anger no protesto azedo de Jimmy Porter contra o tédio da grande imprensa dominical. Osborne fez bem em abordar o tema e, quaisquer que sejam as inconsistências e deslizes técnicos da sua obra, ela assinala-se no teatro britânico como uma autentica criação de vanguarda pelo tom da sinceridade de rebelde, a franqueza rude e, particularmente, a actualidade crítica de observação.

Foi uma tal audácia que os pluri-miticos profissionais e os respeitáveis críticos académicos não puderam tolerar. De outro modo será difícil explicar o clamor histérico que se levantou em toda a imprensa, essa imprensa sábia e erudita que parece ignorar a tradição herdada por Osborne: o movimento literário de 1930 com W. H. Auden, Christopher Isherwood e Stephen Spender. O World Paul Slickey é, com efeito, mais uma paródia no estilo de 30 do que uma comédia musical segundo os padrões convencionais. Este facto não diminui, de modo algum, o seu valor intrínseco, mas poupava-lhe argumentos ociosos e aborrecidos.

O juízo final há-de vir, porém, do grande público, que já assegurou, pelo menos, marcações parciais semanas, e todas as noites aplaude com gosto o desempenho vivo de um elenco jovem e azougado.

LUIS DE SOUSA REBELO

Era isto mesmo que ela queria para a filha...

... e conseguiu-o em poucas horas, utilizando a

BUSCH

máquina de tricotar simples ou super-automática

De grande facilidade de manejo e executando rapidamente todos os trabalhos de «tricot»

BUSCH

tem ainda a grande vantagem económica de se poder transformar em duas máquinas

Consulte os Representantes

AGENCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45



Vão fazer cem e dez anos que nasceu Basil Zaharoff, perdão! Sir Basil Zaharoff.

Isso não acontece com este nome Zaharoff. E porquê?

As modernas gerações, certamente, nunca ouviram falar dele. Mas quem viveu nos princípios deste século não terá por certo ainda esquecido essa figura estranha que jogava com a vida de milhares de pessoas com uma repugnante insensibilidade. Para ele, ape-

por CARLOS MONTEIRO

nas uma coisa contava: vender a sua mercadoria — canhões, metralhadoras, carros de assalto, submarinos, etc. As mãos que a empunhassem ou dirigissem eis uma coisa a que ele se apresentava totalmente indiferente. Os fins que essa mercadoria servisse também não lhe importavam grandemente — desde que os milhares entrassem no cofre...

Chamado, em certo período da sua vida, o «europeu misterioso» Zaharoff era fabulosamente rico e adulado pelos próprios soberanos de certos países. Exerceu, nos destinos do mundo contemporâneo, uma influência tal que ela está entrando já nos domínios da lenda...

Durante muito tempo ignoraram-se as suas origens, de que ele não falava nunca. Guardava ou não guardava — conforme isso beneficiava ou não os seus negócios — um segredo. De 5º não

A sua vida de pequeno comerciante parecia finalmente estabilizada. Mas Zaharoff era ambicioso — e um dia desapareceu em condições misteriosas.

gostava de falar. Era até com um secreto prazer que deixava pairar a sua volta um halo de mistério, de sensação. Afinal de contas, para certos negócios misteriosos nada melhor do que um indivíduo misterioso...

Sabe-se, porém, que nasceu em 1849, em Mughla, aldeia encravada na serra, em plena Anatólia. Seus pais, Basileios Zaharoff e sua mãe Helena, eram gregos que para escapar à perseguição religiosa dos turcos, haviam procurado asilo entre os ortodoxos do Oriente. Quando a tempestade amainou, regressaram à sua antiga residência de Tattavia, o bairro grego de Constantinopla.

A vida, para eles, corria cheta de

ZAHAROFF

UMA FIGURA MISTERIOSA



Este é Basil Zaharoff — perdão! «sir» Basil Zaharoff

As dificuldades. Além do filho, Basil, tinham mais três filhas a sustentar. A infância dos quatro irmãos ficou para sempre marcada por essas dificuldades. Zaharoff não a recordará nunca — uma única vez...

O filho de Basileios e de Helena dava mostras de uma inteligência fora do vulgar. Isso chamou a atenção de um compatriota rico que tomou a seu car-

nhando uma notável desenvoltura no manejo de idiomas que mais tarde de muito lhe serviriam.

Mas a saúde do jovem Basil começava a ressentir-se. A fama da sua actividade, entretanto, corria, e chegou aos ouvidos do tio materno, Sevastopulo.

Este possuía um importante estabelecimento de tecidos em Galata, o bairro do cais. Estava idoso e sonhava com alguém que pudesse encarregar-se do seu negócio, continuá-lo. Por que não encarregar disso o seu sobrinho, de cuja inteligência e actividade todos diziam maravilhas? Sempre seria melhor entregar a casa, a qual dedicara toda a vida, em mãos de estranhos.

Escreveu-lhe. Propunha-lhe o emprego em condições tão vantajosas que Basil não hesitou — e a sua vida de comerciante ia começar... Uma vida que durante três anos, foi calma e próspera — e que parecia para sempre estabilizada. Pelo menos, Basil mostrava-se contente com a sorte. Sob sua direcção, o estabelecimento conheceu um progresso sem par. O tio esfregava as mãos de contente...

Mas certo dia, Zaharoff desapareceu. O tio pôs as mãos à cabeça: Basil levava consigo todo o dinheiro em caixa...

(Continua)

A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO

UM CAVAL

fala de cruza

Por AUGUSTO DA

selho: o que, nos semelhantes feitos e que tanto relevam, não devia assi de ser; por que neste negócio, pela casa (influência, decisão) que já têm feito em vossa vontade, certo é que quem vos nelle aconselhar em contra-dicção, mais poerá escandalo que contentamento em vossa alma.

E porque isto me parece mais cumprimento que se faz a nossas pessoas, que necessidade de nosso conselho neste feito: e também porque sei, sendo eu fora deste reino, que Vossa Mercê, em vida d'El-Rei, meu Senhor e Padre, que Deus haja, tendo com meus irmãos e sobrinhos sobre este caso conselho, fostes aconselhado que esta guerra se não devia fazer.

No entanto, apesar de se tratar de um «cumprimento feito às suas pessoas», nem D. Pedro nem D. João deixaram de cumprir o seu dever: e os seus discursos são duas das mais excepcionais manifestações de superior cultura e espírito crítico que existem na nossa História.

D. João — o injustamente esquecido Infante D. João — começa por separar dois campos irredutivelmente adversos: o siso e a cavalaria: «Senhor. A mim parece que siso e cavalaria não convêm em todo; porque as suas regras são mui desvairadas: que a do siso proíbe deixar o certo pelo não certo, e a paz pela guerra, enquanto que a regra da Cavalaria muitas vezes o aventura, e aconselha pelo contrário».

O leitor que hoje conta no seu activo cultural a leitura do D. Quixote, deve ter presente, e só assim atinará com o seu imenso signifi-

cado, que e... tas no ano... de Cervante... século e me... desta mane... quanto o l... cava entre... e esclareci...

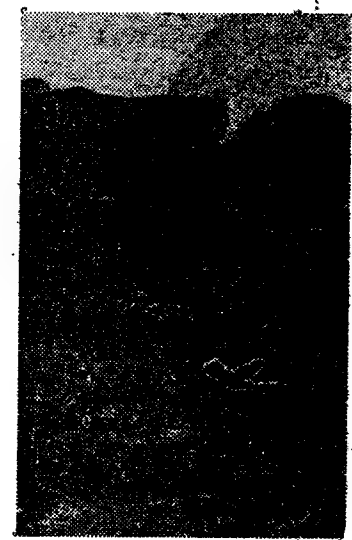
«E por... direi... memóri... que exis... cipais, a... sas do... (deven... por ser... da, por... proveito... gado. S... fende a... e a gne... a m... serviço... grande... prece... pedis... manifest... ne que... poder... vomes... mentes... o que... causa... minação... em tal... (infim... cordia... encome... e a v... guerra... dição, a... de sede... desveste... Hoje não... sunto mais... tinuando n... lize, tem e... a nu o m... de cruzada...

OS DINOSSAUROS

(Continuação da 1.ª página)

dado aos restos de plantas e animais sepultados nas diversas camadas terrestres anteriores ao período geológico actual.

As muitas mutações a que foi sujeita a Terra desde a sua formação até aos nossos dias, as muitas fases porque a vida passou desde o aparecimento das vorticelas, ficaram escritas nas camadas geológicas que os movimentos da crosta terrestre obrigaram a falhas, e cavalgamentos e escorregamentos sepultando os animais que nelas viviam. E a pressão fez com que lá deixassem o rasto da sua passagem; e as escavações a que o homem procedeu na sua sede de desvendar mistérios contribuiu para que a sua existência se tornasse patente aos nossos olhos.



As pégadas dos Megalosauros deixadas nas rochas do Cabo Mondego chegavam a ter sessenta centímetros de comprimento

Só estes indícios possibilitariam o estudo da vida nas Eras geológicas anteriores ao Quaternário.

Tudo isto para vos dizer que o chão em que ficamos os pés, foi pisado, há cento e trinta milhões de anos, pelos animais de maior corpulência que até hoje existiram: os Dinossauros.

Foram os geólogos Nery Delgado e Carlos Ribeiro, que, há pouco mais de cinquenta anos, descobriram os Dinossauros e hoje conhecem-se a sua passagem por Alenquer, Figueira da Foz, Foz do Arelho, Lourinhã, Praia de Santa Cruz, Peniche, Cabo Mondego e Cabo Espichel.

Uns dentes encontrados aqui, uma tibia ali, um bocado de coluna vertebral, mais ossos e peúgas descobertos em diferentes locais levaram à reconstituição desses tão afastados habitantes da orla marítima portuguesa.

Um espólio de trinta dentes, vinte e tal vertebras, duas jarras e a marca das patas nos terrenos calcários de Cabo Mondego, ergueram a nossa frente o Megalosaurus. Os achados de Alenquer e Lourinhã fazem-nos acreditar a existência, nestas paragens, do Brontosaurus, monstro que atingia vinte metros de comprimento e chegava a pesar trinta mil quilogramas.

Eram animais de pescoço comprido e longa cauda e de cabeça pequena. Tinha um cérebro minúsculo.

Na Praia da Areia Branca foram encontrados fósseis de um monstro de maiores proporções ainda o Brachiosaurus. Pesava cinquenta toneladas e o seu umero media cerca de dois metros de comprimento.

Outros fósseis levaram à identificação dos Omosauros, descritos num trabalho do notável geólogo que é G. Zbyszewsky, de que nos servimos para fabricar estas linhas. «Tinham o crânio pequeno, dentes pequenos e numerosos, e maxilares terminados em bico corneo.

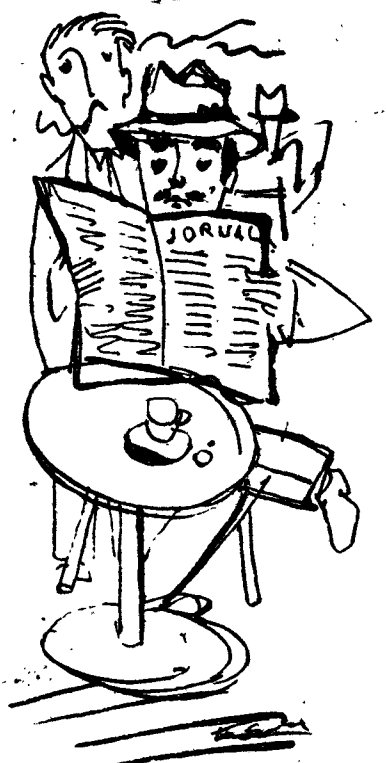
O cérebro... quando do... tuais: de... mas. O co... do era... de sete... seguit... tro grande... seiras eram... sos de um... vezes maior... primário... de sete... gir nove... lento, dev... membros... O pescoço... te, o que... dar com a... Estes for... co. Agora... lhões de... médio. Fo... mento dos... uma altura... e cinco met... mais volum... cles anterior...

Reconstitu... era corneo... bico. Patas... da até ao... ter o equilí... bros anterí... terminados... NO Cretá... a Norte dos... rios. Eram... tinha a cor... Os membro...

POSTAL ILUSTRADO

Um dia na praia: escuso de explicar como é.

A gente perde a noção do tempo que a nós, cidadãos, nos vem só por intermédio do relógio. Se ele nos falta, estamos no mató sem cor-



da. A civilização traz destas limitações. O progresso, dando-nos a bussola, tira-nos a orientação se nos tirar a bussola.

O camponês olha para o Sol, com a mão a fazer de pala. Ou nem isso: toma o pulso ao corpo alongado ou contraído das suas árvores e diz: são tantas horas. Mas na cidade não há tempo de ver as sombras. E, verdade seja dita, também quase não há sombras. Mas há relógios, aí está. Tudo resolvido.

No dia que passei diante do mar o tempo apanhou-me desprevenido — e por aqui me sirvo! Tanto fiquei sabendo se passaram minutos

Por MANUEL AGRA

se passaram séculos. Podia muito bem ser. Há lendas assim. E tanto sabia eu se estava em terra ou no planeta 981 da constelação de Hércules. Sabia lá dessas ninharias! Sabia que havia sol, e mar, e pérolas desgarradas e multicores dentro dos meus olhos, e uma nuvem de circo, mesmo por cima de mim, a fazer de todos os bichos com uma perfeição, uma graça...

Quando a luz do dia foi rareando, a realidade começou a tomar corpo. As preocupações. A reunião em Cenebra. O problema da paz que todos os homens simples querem, da guerra que todos os homens temem. A situação na Argélia, o problema do Japão e da Alemanha que principiam a levantar a grimpia... E tantos, tantos problemas que preocupam as consciências que não dormem o sono pesado das injustiças e das mentiras.

E aqui que a necessidade do jornal acorda. Que dirá o jornal? O

Mensageiro da Maratona que novas traz desta vez? Já nem é necessidade. Mas vício. Falta o jornal, falta o equilíbrio. Estamos no cabo do fim do mundo. Quanta vez se percorrem as folhas rapidamente, uma vista de olhos como se diz. Jornal posto de banda. Desilusão. Nada de novo... No dia seguinte, o mesmo jogo. A mesma ansiedade. A mesma instabilidade, até vir o periódico. O «informativo» como o meu avô ainda dizia.

No comboio, enquanto não chego a Lisboa, vou lendo os títulos do jornal do meu vizinho. Não sei quem a Soraya, não sei quem o Sherlock Holmes, e o fenómeno dos irmãos siameses, a actriz de cinema mostrando o seu talento, isto é, as pernas, o vestido da noiva do príncipe japonês e o retrato da mana dele com este felizado aqui, de olhos de amêndoa doce...

E o resto? Sim, Berlim, Genebra, Argélia, África, a Coreia, o Vietman, a Formosa? Bem, evidentemente, o espaço não pode dar para tudo. E há uma teoria segundo a qual a maioria das pessoas se interessam mais pelos encantos das «vamps» do que pelos seus próprios problemas.

Melhor que a lâmpada de Aladino

Em 1879, Thomas Edison inventou uma lâmpada eléctrica que podia manter-se acesa durante 79 horas. Foi um recorde, como calculam.

Pois hoje, um laboratório de pesquisas dos E. U. A. conseguiu uma que, segundo os engenheiros americanos, manter-se-á acesa... durante 100 anos.

O TEMPO DE D. DUARTE

AVALEIRO

cruzada (2)

AGUSTO DA COSTA DIAS

...antes
a, não
neste
tência,
o em
quem
contra-
andale
sa al-

...mais
a nos-
de de
to: e
do e
Mer-
senhor
tendo
rinhos
fostes
rrra se

...tratar
suas
m D.
o seu
ifesta-
ppirito
a His-
esque-
omeça
eduti-
a ca-

...e que
em em
são
o siso
o não
a, en-
avala-
ura e

...o seu,
Quil-
assim
ignifi-

...codo, que estas palavras foram di-
tas no ano de 1438 e que a novela
de Cervantes foi feita pelo menos
século e meio mais tarde. Apenas
desta maneira se poderá avaliar
quanto o Infante D. João se colo-
cava entre os espíritos mais cultos
e esclarecidos da Europa.

«Para fundamento do que
dizei — prossegue ele no seu
memorável discurso — acho
que existem quatro cousas prin-
cipais, a cujo fim todas as con-
sas do mundo se devem fazer
(devem obedecer): a primeira,
por serviço de Deus; a segun-
da, por honra; a terceira, por
proveito; a quarta por prazer e
gosto. Segundo estas, o siso de-
fende esta passagem (a África)
e a guerra, e que Vossa Mercê
a não deve fazer: quanto ao
serviço de Deus, diga que tão
grande feito, como este que em-
preendeis, não se pode fazer sem
pedido (imposto) encoberto ou
manifesto a vossos vassallos; ora
ne que cada um houver de des-
pender de sua fazenda, além de
vossos fretes, soldos e manti-
mentos ordenados, se verificará
o que digo: que não pode ser
cousa mais contrária às deter-
minações dos Sanctos Padres,
em tal guerra, nem mais ímiga
(inimiga) das Obras de Miséri-
córdia, que sobre todas vos são
encomendadas (recomendadas),
e a vós muito mais, porque a
guerra, de sua qualidade e con-
dição, mata de fome o farto, e
de sede o que tem de beber, e
desveste o vestido».

Hoje não se diriam sobre a as-
sunto mais nobres palavras. E con-
tinuando na sua agudíssima aná-
lise, tem estas palavras que põem
a nu o miolo do chamado «espírito
de cruzada»:

«Ainda deveis, Senhor, consi-
derar, em caso que vossa tenção
e de alguns outros seja servir
a Deus nesta guerra, que essa
(guerra) não é de todos: porque
uns irão por desejo de honra
(de façanhas de cavalaria e das
vantagens materiais consequen-
tes), outros com esperança de
ganho, e os mais, que são piões
e gente miuda (o povo), por que
o repairo que tinham ganhado
para suas mulheres e filhos, o
levam consigo para não tornar,
e não lhes fica a esperança de
seus suores e trabalhos em que
se mantinham: e estes (o povo)
irão arrengando, forçados de
vosso medo, sem alimpeza e li-
berdade das vontades, o que (re-
fere-se à liberdade) em tal guerra
de necessidade (por força)
se requer; pois, Senhor, quem
matasse mouro com tal tenção
(arrengando), não pecaria me-
nos que se fosse cristão: pelo
qual, dar ao Demo tantas al-
mas (de portugueses cristãos),
certamente mais deve ser des-
serviço que serviço de Deus».

Repare o leitor: a guerra de-cru-
zada não é de todos; é mesmo de
uma minoria: os seus principais
factores irão por desejo de honra
ou de lucro; e o povo irá à força.
Estas palavras e as com que vou
terminar o artigo de hoje foram
consideradas «pouco menos que he-
réticas» por Zurara (cronista da
nobreza):

«E ainda, Senhor, se por doc-
trinas e ensinanças de Jesus
Christo e de seus Apóstolos nos
havemos de reger, esta guerra
dos mouros não está muito certa
se é dela servida; sei, porém,
que a Santa Escripura, por prê-
gações e virtuosos exemplos de
vida os manda converter: e se
por outra maneira Deus fora
servido, permitira e mandara
que em seus erros e damnada
contumácia uzáramos de nossas
forças e ferros, até serem con-
vertidos à sua fé; e isto não vi
nem ouvi que se achasse em au-
thentica Escripura».

Eis das mais belas palavras que
o espírito cristão, não só naquele
tempo nem só entre nós, mas em
toda a parte e em todas as épocas,
ditou.

OS EM PORTUGAL

O cérebro era cem vezes mais pe-
queno do que o dos crocodilos ac-
tuais: devia pesar cerca de 70 gra-
mas. O corpo deste Estegossauri-
deo era trapezoidal. Possuía no dor-
so duas filas de grandes placas os-
seas, seguidas na cauda por qua-
tro grandes espinhos. As patas tra-
seiras eram movidas pelos impul-
sos de um ganglio sagrado, vinte
vezes maior que o cérebro. O com-
primento do animal era de cerca
de sete metros. O peso devia atin-
gir nove toneladas. O andar era
lento, devido à disparidade dos
membros anteriores e posteriores.
O pescoço era inclinado para a fren-
te, o que obrigava o animal a en-
dar com a cabeça próxima do chão.

Estes foram animais do Jurássico.
Agora um salto de setenta mil-
hões de anos. Estamos no Cretácio
médio. Foi o período do apareci-
mento dos Iguanodon, bípedes com
uma altura oscilável entre quatro
e cinco metros. O seu crânio já era
mais volumoso do que o das espé-
cies anteriores. O maxilar inferior

era corneo e desenhado como um
bico. Patas com quatro dedos, cau-
da até ao chão que ajudava a man-
ter o equilíbrio do corpo. Nos mem-
bros anteriores tinham cinco dedos
terminados por garras.

No Cretácio Superior viveram
a Norte do Mondego os Pterosauri-
os. Eram voadores e o seu crânio
tinha a configuração do das aves.
Os membros anteriores acabavam

em quatro dedos, um dos quais se-
gurava uma capa semelhante à dos
pequenos morcejos ainda hoje exis-
tentes.

Eis os animais que em Portugal
povoaram as margens dos rios e
das lagoas e os pantanos de tão
remotos tempos. De então para cá
muito se transformou: a configu-

ração dos mares e continentes, a
fauna, a flora. Depois as condições
climáticas foram-se adaptando até
ao aparecimento do bicho homem
que de etapa em etapa, na ansia
de superar-se, de descobrir-se a si
próprio, vai continuamente rou-
bando ao desconhecido certos se-
gredos que outrora diziam ser dos
deuses.

MANUEL CORREIA

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

Solidão

Neste mundo em que nos gre-
lhámos uns aos outros o
que há de mais incontável e infi-
nito são as más companhias. Quan-
do digo isto garanto que não me
preparo para rimar uma letra de
fado. Estou a pensar noutra coisa.
A pensar nesta coisa extraordiná-
ria: apesar de tudo, hoje é mais
difícil andar só do que mal acom-
panhado. O andar só, «aquele soli-
tário andar por entre as gentes»
que o Poeta encarecia, é imo que
se vai perdendo. A solidão está a
morrer. Morre todos os dias um
pedaço. Será perda que se chore?
Que representava a solidão?

A solidão era a fronteira do
Estado de cada indi-
víduo, a sua garantia de auto-
nomia, que podia romper por sua
livre vontade para se relacionar
com outros Estados, quero dizer,
outros indivíduos, mas que podia
preservar se queria e sempre que
queria usufruir a sua própria e soli-
tária companhia, os seus pensa-
mentos, sentimentos, projectos e
anseios.

Nesta solidão tão cara aos nos-
sos avós, aprofundava o
homem, eu podia aprofundar ideias

acumulada em horas de solidão.
Nessa altura o convívio — indis-
pensável conduto da existência hu-
mana — era rico, porque também
a solidão era rica. E até rica à to-
lerância.

Porquê, a tolerância? A minha
ideia é esta, e os le-
tores avaliarão da sua verdade:
eu penso que quem vive momentos

Ai dão,

de solidão, quem aprecia como um
supremo bem o convívio consigo
próprio e a benfazeja solidão, há-
de por força respeitar a dos ou-
tros. Já se reparou que o que me-
lhor ouve os argumentos do alheio
é o que melhor sabe estar calado,
é o que recolhe na sua solidão, pa-
ra melhor as apreciar, as opiniões
de outrem?

Hoje quase se perdeu o hábito
de ouvir as razões do
alheio: umas vezes por não se ter
ideias; outras por se ter ideias em
excesso, coisa que sucede com
aqueles felizes mortais que têm

que nunca mergulharam raízes na
solidão. Antigamente havia o há-
bito da tertúlia — uma das fór-
mulas humanas e diárias da coexis-
tência pacífica; ia-se para ela com
a riqueza de horas de meditação
solitária, sem o castigo, a expiação
da hídria de mil cabeças das telefo-
nias dos vizinhos, dos automóveis
dos vizinhos, dos ruidos dos vizi-
nhos, sem a obsessão de um traba-
lho exaustivo, o único que pode,
nos dias de hoje, garantir a conti-
nuidade do pão quotidiano. Na es-
cravidão dos tempos em que vive-
mos, a saltar de um emprego para
outro, uma hora de solitário repou-
so seria o único tratamento capaz
de nos ressarcir do esforço violento
a que nos submetemos.

Tal solidão, porém, já quase não
existe. No apregoar de «slo-
gans» de toda a espécie, desde os
políticos aos publicitários, o ruído
tornou-se a congestão dos ouvidos.
No silêncio procurado da sua casa
o cidadão é perseguido por eles: o
lar tornou-se o baldio onde os vizi-
nhos e os desconhecidos radiófo-

Ai dão!

nicos (por meio da telefonia dos
vizinhos) despejam o seu entulho,
numa convivência forçada e inde-
jada. Fugindo de casa, um sujeito
procura a solidão dum recanto onde
se esparguem as severas tábuas
dum banco de jardim. A seu lado
sentou-se alguém. Alguém que
transporta qualquer maleta boju-
da. E dessa maleta dispara-se uma
recomendação publicitária contra a
prisão de ventre ou os defluxos
catarrais. Depois, mudando de lin-
fa, uma voz soluçante entorna o
copo de três de um fado.

Lá se foi a solidão! O sujeito
ergueu-se e, de cauda
entre pernas, vai oferecer resigna-
do os ouvidos a todas as sonorida-
des com que queiram lancetá-lo.
O martir Sebastião reproduziu-se
aos milhares. Só não é venerado.
Não tem culto. Tem ruidos — em
casa, nas ruas, nos cafés, nos eléc-
tricos, nas camionetas. Tem discurs-
os. Tem conselhos por todos os la-
dos, como se fosse um atrasado men-
tal; ungentos políticos infalíveis,
injeções publicitárias, semicupios
folclóricos, sinapsismos de fados,
massagens de «rock'n roll». E' su-
jeito a um constante bombardeio
que lhe destrói a sua solidão indi-
vidual, condição de cidadania livre.

Conheço um septuagenário que
toda a vida foi ho-
mem de sizo. As telefonias dos vi-
zinhos, dos netos, dos bisnetos de-
ram-lhe, porém, uma volta ao mlo-
lo. Começou a empreender nos
anúncios. Deu em cismar que che-
gara a velho e que já não tinha
valia para ninguém. De um dia pa-
ra o outro apareceu, de subito, mul-
to risonho. Que seria, que não se-
ria — e aparece o velho com uma
caixa de cartões de visita. Em cada
cartão vinha escrito: JACINTO
MENDES CALIXTO. Desde 1880.

Resultado dos anúncios, da In-
quisição do ruído.
Terá que transformar-se o Mundo
em manicómio?

DIOGENES



criar em suma — que é um fenóme-
no solitário — desbravar-se, enrique-
cer-se, forma de tornar mais uteis
e saborosas as relações que manti-
nha com o seu semelhante.

Estou-me a lembrar dos gran-
des vultos das nossas
letras do século passado. Gostavam
de reunir-se, de conversar (Her-
culano á porta da Casa Bertrand,
os «Vencidos da Vida», á roda de
meia duzia de pratos temperados
de bom humor), porém, para essas
reuniões, para esses festivais de
conversa, levavam muita riqueza

ideias imortais, indiscutíveis e in-
falíveis. Em ambos os casos su-
cede o mesmo fenómeno: desconhe-
ce-se que outros podem pensar de
maneira diversa. Desta maneira se
cria uma mentalidade sem raízes
individuais, em que o cérebro fun-
ciona como uma sala de excelentes
condições acusticas (pronto a fazer
eco do que os mentores dizem), ou
então uma mentalidade belicista, or-
todoxa, ruidosa, parente próxima
da gírfonola ou do papagaio.

Mas sempre o mal é o mesmo:
mentalidades de superfície

O amor entre os selvagens

Não é de hoje nem de ontem falar-se
de amor. E' de sempre. E é de toda
a parte do Mundo em que vivemos.
Mas nas pessoas ditas civilizadas, o
amor tornou-se um sentimento algo
complicado. A infidelidade paga-se com
a morte, com o tribunal, com o repu-
dio da sociedade, etc. Paga-se; quando
não com o sangue...

Entre os selvagens tudo é mais sim-
ples. Nem se gastam rios de tinta pa-
ra festejar o amor, nem se procura des-
crever-lo com termos complicados e
pouco verdadeiro, nem se morre de
amor. Nem há memória de alguém tu-
bercularizar pelo ente amado!

Não, o amor é uma coisa simples.
Amase uma ou muitas mulheres, com
o mesmo sentimento simples com que
exortam os maus espíritos — com um
ritual que nada tem de especial.

A maneira de resolverem, entre si,
os pleitos amorosos é o mais simples
possível. O marido enganado procura
o rival feliz e exige-lhe uma reparação
que quase sempre se traduz por um
belo boi.

Parcece que entre os selvagens o gado
é muito mais apreciado que a fidelida-
de das mulheres. O marido pode levar

a esposa a prevaricar, apenas com o
sentido da indemnização — que esta
nunca falha, o rigor e observância das
leis gentílicas é grande.

Nos tempos que vão correndo, o ne-

gocio não seria de todo mau, se entre
os civilizados se adoptasse o costume
de traduzir o amor, não em belas pa-
lavras vazias de sentido, mas... por
vacas.

A vida é o dia de hoje

ANTARCTICO

O regresso da terceira expedição
polar soviética tomou proporções
de uma verdadeira festa popular,
nacional. O cinema, a televisão e
inumeráveis reportagens sobre a
vida dos sábios que passaram um
ano nos gelos do Antártico. fize-
ram deles heróis mais populares do
que os ídolos desportivos no Oci-
dente.

A «Prayda» consagrou uma pá-
gina inteira a um artigo do chefe
da expedição, Tolstikov. Este con-
ta como atingiu, com os seus com-
panheiros o ponto mais afastado

das costas do continente antártico,
chamado «polo da inacessibilidade».
A 26 de Julho, os sábios sovié-
ticos viveram sob a temperatura
mais baixa jamais registada: 87,4
graus negativos (a temperatura
média do mês de Agosto foi de 71
graus negativos).

Tolstikov insistiu na estreita
colaboração que manteve com as
estações polares americanas, aus-
tralianas e francesas. Revelou mes-
mo que um americano passara al-
gum tempo na estação polar e que,
em troca, um soviético participara
nos trabalhos do centro meteoroló-
gico da estação «Pequena Améri-
ca».

Reconstituição do Brachiosaurus — o monstro da Praia da Areia Branca,
que tinha uma altura igual á de sete homens

era corneo e desenhado como um
bico. Patas com quatro dedos, cau-
da até ao chão que ajudava a man-
ter o equilíbrio do corpo. Nos mem-
bros anteriores tinham cinco dedos
terminados por garras.

No Cretácio Superior viveram
a Norte do Mondego os Pterosauri-
os. Eram voadores e o seu crânio
tinha a configuração do das aves.
Os membros anteriores acabavam



SAIBA COMER

A CAÇA BRAVA Alguns conselhos

Denomina-se assim toda a espécie de animal selvagem comestível. A caça apresenta uma carne em função do seu modo de existência. Pode, pois, variar de qualidade e de sabor para uma mesma espécie, conforme os animais vivem num meio mais ou menos favorável; também segundo a sua alimentação quer dizer, se comem erva mais ou menos perfumada.

A carne da caça é mais rija que a dos animais domésticos.

Há duas espécies de caça: de pelo e de penas.

Entre os primeiros temos a lebre, o coelho bravo, etc.; entre os segundos: a perdiz, a galinhola, o pombo bravo, a codorniz, etc.

A carne da caça endurece durante a carreira prolongada pela caçada, mas torna-se tenra por um começo de decomposição, ao mesmo tempo que toma um certo odor, torna-se mais comestível. Este começo de decomposição tem de ser muito vigiado, para que a carne não entre em putrefacção, a todos os títulos de temer. A putrefacção conhece-se pelos traços esverdeados ou azulados, sobretudo nas pregas das asas ou no ventre e por um cheiro desagradável. Não acredite que a perdiz se deve comer com o dedo no nariz... Todo o alimento pouco fresco pode ser perigoso para uma boa saúde.

A caça é de digestão difícil e se estiver muito decomposta pode mesmo provocar um envenenamento. Nunca deixe de comprar a caça muito fresca, pondo-a depois em condições de ser comida.

Para conservar a caça brava durante alguns dias, deve pô-la em lugar fresco depois de a ter esvaziado e tapado muito cuidadosamente todos os orifícios naturais e os que se fizeram, com papel gorduroso. As aves, devem tirar-se os olhos, o bico e a pele da garganta. Muitas vezes para ser comestível, a caça deve ser marinada, isto é metida em vinha de alhos.

Como proceder? Da seguinte maneira:

Por os pedaços da caça num prato. Deitar por cima pedaços de cebola, louro, ramos de salsa, alhos partidos, sal, pimenta fresca. Deitar azeite e algumas gotas de conhaque. Deixar macerar durante algumas horas, voltando de vez em quando.

Se o animal é muito grande preparar a marinada da maneira que segue:

Num decilitro e meio de azeite, deitar 50 gramas de cenouras, 50 gramas de cebolas partidas, 2 dentes de alho, 1 a 2 ramos de salsa, louro, 4 a 5 grãos de pimenta, 7 decilitros de vinho branco e 15 de vinagre. Ferver durante meia hora. Deixar arrefecer e deitar por cima dos pedaços de carne, previamente temperados com sal e pimenta e outras especiarias se gostar e postos na terrina. Conservar em local fresco. Voltar de vez em quando.

para obter boas compotas

—O recipiente onde se fazem as compotas deve ter o dobro do volume da compota que se quer aí fazer.

—Para que os frutos conservem o seu aroma, é preciso que a cozedura seja bastante rápida; mas atenção: mexer sempre, para que não «peguem».

—Não utilizar fruta muito madura (a acidez da fruta permite a destruição mais rápida e mais segura dos micróbios).

—Os frutos não devem estar tocados, nem mordidos por insectos, nem melados. Os frutos caídos ou tocados devem ser aproveitados em marmeladas, que se consumam imediatamente.

—Empregar, de preferência, o açúcar branco cristalizado ou em pó. O açúcar amarelo, pode modificar o gosto e aspecto da compota e até fazê-las fermentar.

—As compotas são melhores e ficam mais bonitas, fazendo pequenas porções de cada vez.

—Regra geral, para obter compotas que durem muito tempo, deitar o mesmo peso de fruta e de açúcar.

—Para dar à compota um gosto acidulado (sobretudo se são de frutos pouco ácidos, como as cerejas, pêssegos, etc.) juntar-lhe um pouco de sumo de limão ou mesmo vinagre.

—É impossível determinar o tempo de cozedura de uma compota. Varia segundo a intensidade do calor e da água que os frutos contêm. Normalmente, podemos dizer que a compota está pronta quando, mergulhando a escumadeira na massa e retirando-a depois, as gotinhas coalham.

—Só se tira a espuma uma vez e no fim da cozedura.

—As vasilhas em que irá guardar-se as compotas, devem ser lavadas com cuidado, escorridas mas nunca enxutas com pano. Deixá-las secar, invertidas sobre um pano limpo e seco.

—Nunca deixar arrefecer as compotas no recipiente em que foram feitas. Deitá-las imediatamente nas vasilhas onde ficarão (pousadas num pano dobrado em quatro), em pequenas quantidades de cada vez.

—Encher as vasilhas até acima, pois o arrefecimento fá-las baixar.

—Não tapar as vasilhas antes que as compotas estejam completamente frias. Esperar 24 horas, pelo menos, protegendo as vasilhas da poeira com um pano fino, ou folhas de papel branco.

—O meio mais simples para tapar compotas é: mergulhar rodela de papel vegetal em glicerina, colocá-las sobre a compota e recobrir com outro papel ou celofane.

—Antes de arrumar as compotas, espere algumas horas, de modo a evitar que pedaços de papel não tenham colado.

—Etiquetar as compotas indicando a espécie de fruta de que foi feita, assim como a data. Não escrever no papel que as cobre, mas sim em etiquetas gomadas ou coladas com clara de ovo.

—As compotas devem ser defendidas da humidade, do calor e da luz excessiva. Vigia-las, de tempos a tempos.

—Se as compotas cristalizam, fazê-las ferver durante 10 minutos, com sumo de limão.

—Se as compotas fermentarem ou criarem bolor, retirar a parte de cima, voltar a cozer, durante um quarto de hora e meter em vasilhas completamente limpas.

—Se as compotas ficarem excessivamente líquidas, é porque lhes falta pectina: voltar a fervê-las com geleia de maçã.



SALADA COLORIDA (para oito pessoas)

Uma couve-flor
Um raminho de salsa
Um molho de rabanete
4 cenouras novas
4 ovos
100 gramas de azeitonas pretas
100 gramas de ervilhas

Cozer a couve-flor, os ovos e as ervilhas. Cortar as cenouras cruas em fatias muito finas; descaroçar as azeitonas, cortar os rabanetes em flor. Num prato de ir à mesa, colocar a couve; em volta, raminhos de salsa ou folhas de alface bem frescas, montinhos de ervilhas, os rabanetes em flor, as azeitonas pretas. Cortar os ovos em metades no sentido da largura, tirar as gemas e meter dentro, um rabanete inteiro. Cortar as gemas em bocadinhos e salpicar ou ralá-las por cima da couve-flor. Temperar com azeite e vinagre.

É uma tão bela e colorida salada que pode ir a uma mesa de cerimónia.

FRANGO EM MOLHO CREME (para 4 pessoas)

1 frango inteiro
50 gramas de farinha
50 gramas de margarina
1 copo de água fria
1/2 litro de vinho branco
Cogumelos (se quiser)
2 gemas de ovos

Cozer o frango inteiro num molho composto das 50 gramas de margarina e na farinha, bem misturados, ligados a pouco e pouco com a água e o vinho. A cozedura deve levar tempo suficiente para deixar tenra a carne e em fogo muito lento. Juntar os cogumelos. Logo que a ave está cozida, tire-a para um prato aquecido. Ligar o molho com uma chavena de natas e duas gemas ou apenas com as gemas; colocar os cogumelos em volta do frango e passar o molho pelo passador por cima do frango, rodear o prato com rodela de limão.

Servir com a salada acima ou com:

SOBREMESA DE MORANGO

1/2 chavena de manteiga
1/2 chavena de açúcar
2 claras
1 chavena de morangos esmagados

Bater o açúcar com a manteiga até a mistura estar branca e espumosa (o melhor será prepará-la sobre água quente, em banho-maria. Quando vir que atinge a consistência desejada, tirar da água quente

e deitar os morangos esmagados e as claras batidas em castelo bem firme. Deitar em taças, ou numa só taça, e meter no frigorífico ou em local bem fresco.

Faça chuva ou faça sol

Já

pode lavar e secar a roupa

com a

**ALBA
CYGNUS**

... A máquina que

LAVA

E

SECA

A ROUPA...



Com

ALBA-CYGNUS

LAVAR

POUPAR

Três receitas

COMO CONSERVAR O QUEIJO

O queijo de pasta mole, deve ser conservado a baixa temperatura, ao abrigo de correntes de ar. Quando

do ainda não estão bem curados, guardá-los por alguns dias a uma temperatura que ande pelos 12 graus.

Os queijos de pasta seca, conservam-se ao fresco num pano húmido e um papel sulfurado.

Há poucos recipientes que servem para a conservação dos queijos. A queijeira de vidro pouco ventilada, permite o rápido desenvolvimento de bolor. Os metálicos não têm este inconveniente, mas deixam perder o aroma. As caixas de plástico são boas para os queijos muito gordos.

SAIBA DEFENDER OS SEUS ALIMENTOS, SE QUER SABER O QUE COME

Se não tem frigorífico, utilize os chamados guarda-comidas, aqueles armários de rede que preservam dos insectos.

Há que notar que este armário deve estar numa casa arejada bastante, ou fora de casa desde que lhe não batam os raios solares.

Mas estes armários têm o grande inconveniente de ser poeirentos; por isso se recomenda protegê-los interiormente com uma tela metálica, que será lavada toda as semanas.

Para campismo há pequenos guarda-comidas em matéria plástica, muito úteis para preservar das moscas.

BATATINHAS NOVAS À PROVENÇAL (para 4 pessoas)

1 quilo de batatas novas
Banha de porco

Raspar, lavar e enxugar as batatas. Uma caçarola deite uma boa colher de sopa de banha e logo que esteja quente, deite as batatas, deixando tomar cor, mexendo sempre com uma colher de pau, durante 20 minutos. Tirar toda a gordura e voltar a deitar as batatas na frigideira, juntando alho novo, salsa, sal, pimenta e mexer constantemente durante 5 minutos sem deixar pegar. Servir quente.

(Nota: Não tendo banha de porco, que dá melhor sabor, use azeite ou mesmo óleo; mas nunca manteiga).

Soluções da página III

CAMPEÃO DE VOCABULÁRIO:

1—Enseada estreita. 2—Pancada à testa, teimosia. 3—Pôr palmilhas nas meias. 4—Escanzelado. 5—Couro. 6—Casamento. 7—Defeito. 8—Inchado. 9—Espremer pus. 10—Insensível.

QUEM DIZIA A VERDADE?

Disse a verdade o ultimo. O ultimo era, portanto, o branco. Vejamos as razões: se o primeiro interrogado fosse branco que responderia? Como só dizia verdade diria: sou branco. No caso de ser preto só diria mentira; diria, nesse caso: sou branco. Temos então que a resposta teria de ser sempre a mesma: sou branco.

Foi o que afirmou o ultimo e não faltava a verdade.

QUAL? ONDE FICA

1—O mar Mediterrâneo. 2—No Mar da China. 3—No Mar da China. No Oceano Atlântico, perto dos Açores.

VÍTIMAS DE ACIDENTES DE VIAÇÃO

1—Por derretimento das asas de cera com que voava no espaço. 2—equitação. 3—Natação.

SÍMBOLOS DE...

1—Estupidez, vacuidade. 2—Ciúme. 3—Amor. 4—Constância.

O MAIS PEQUENO

É o golfo de W, na Holanda.

MEDO

1—Medo dos cães. 2—Medo dos gatos. 3—Medo das cobras. 4—Medo dos homens. 5—Medo do vinho.

SABE COMER QUEM SABE ESCOLHER

nos restaurantes

BELO HORIZONTE

Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30442

SOLAR BOÊMIO

R. dos Correios, 125-129—T. 26277

A GAIVOTA

L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21558

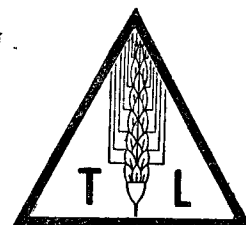
FLOR DE SÃO PAULO

Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 26017

TODAS AS VANTAGENS DA COZINHA CASEIRA

e dum serviço rápido e económico

Uma representação



PARA A COMODIDADE E A ECONOMIA DO LAR MODERNO

EM EXPOSIÇÃO E VENDA NOS STANDS DE

Variações sobre temas actuais

POR
ALFREDO BRAZ

Nenhum falso optimismo pode já impedir-nos de reconhecer que vivemos sob o signo da doença mental, até porque se algumas vidas ainda subsistem teriam sido completamente dissipadas pelas estatísticas oficiais vindas agora a público. Foi este o primeiro grande mérito do «Ano Mundial da Saúde Mental», iniciado no passado mês de Abril, que se outro maior não tiver ficado, pelo menos, como o primeiro brado de alarme sobre o enorme perigo que a todos ameaça.

O último número da revista da U. N. E. S. C. O., inteiramente dedicado a este assunto, fornece sobre a actual extensão das doenças mentais alguns elementos verdadeiramente apavorantes e que autorizam a concluir ser este, sem sombra de dúvida, o mais importante de todos os problemas sanitários do nosso tempo. Informa-nos assim a citada revista que o número de doentes mentais hospitalizados é de 2 milhões e meio na Europa e 600 mil nos Estados Unidos da América. Somente doentes hospitalizados, note-se bem, porque a proporção de indivíduos que sofrem de transtornos da personalidade é muitíssimo maior. De cada doze crianças nascidas hoje nos Estados Unidos, informam ainda as estatísticas, uma sofrerá, em qualquer momento da sua vida, alguma enfermidade mental suficientemente grave para requerer hospitalização, mas o número daquelas que virão a sofrer transtornos mentais menos graves é muitíssimo maior.

Não conheço em pormenor o programa de trabalhos do «Ano Mundial da Saúde Mental», mas permito-me esperar que a atenção dos seus organizadores incida principalmente na profilaxia das doenças mentais. A sua tarefa essencial terá de ser a investigação das causas profundas do mal para em seguida tentar debelá-las, porque sem isso pouco ou nada se conseguirá. Mas não será abordando o problema de um ponto de vista exclusivamente psiquiátrico — e a revista da U. N. E. S. C. O. parece marcar uma nítida tendência nesse sentido — que se conseguirá solucionar. São indispensáveis os esforços

conjugados de psiquiatras, psicólogos e sociólogos, visto que cada vez se torna mais evidente a motivação social da generalizada nevrose contemporânea.

A nevrose de um indivíduo provém, segundo o psicanalista alemão Karen Horney, dos sentimentos de isolamento, de hostilidade, de medo e de diminuição da confiança em si próprio. Ora, alguém duvidará de que a sociedade contemporânea está organizada de molde a provocar a eclosão destes sentimentos geradores de nevroses? Quem poderá negar o estado de isolamento em que vivemos, a tensão virtualmente hostil entre as pessoas, a insegurança, o medo e o sentimento de impotência individual em que todos estamos mergulhados?

O factor básico que, na nossa civilização engendra a hostilidade entre as pessoas é, sem dúvida, o princípio da competição individual, que faz do êxito de uns o fracasso de outros. Todos os tipos de relações sociais, e não só as económicas, estão afectadas pelos germes dessa rivalidade destruidora, suficiente só por si para explicar a grande crise moral e mental do nosso tempo.

E' evidente que quando o único valor apreciado é o êxito e se pretende fazer acreditar que o sucesso depende exclusivamente da eficácia pessoal — quando ele realmente depende de tantos motivos inconfessáveis! — o indivíduo que fracassou sentirá inevitavelmente diminuir a confiança em si próprio. A consequência da frustração social não poderá, pois, deixar de ser um estado de neurose, até mesmo quando o fracasso tenha os mais nobres motivos e signifique uma sábia inadaptação às imperfeições da vida. Será talvez por isso que os intelectuais estão de tal modo sujeitos à neurose e, como escreveu Arthur Koestler, «um fabricante de armamentos pode possuir uma consciência perfeitamente limpa, mas um pacifista terá pelo menos um brilho de culpa nos olhos».

E' bem conhecido o processo utilizado pelos cientistas para produzir neuroses e perturbações psicopatas nos animais de laboratório.

Começa-se por treinar o animal para reagir a certos estímulos e, em seguida, criam-se situações em que tais reacções se tornem impossíveis. Após várias infrutíferas tentativas para reagir da maneira pela qual foi treinado, o animal sofre um desequilíbrio nervoso e as suas acções tornam-se anormais. Uns animais transformam-se de gregários em solitários, outros dão com a cabeça em portas fechadas até caírem exaustos, mas todos eles deixam de reagir de modo normal a qualquer estímulo, mesmo ao mais simples e familiar.

Haverá assim uma grande diferença entre o processo como nos laboratórios são engendradas as nevroses nos animais e como a maneira de viver social as provocam nos homens? Não são também os jovens educados na sugestão de vi-

verem de acordo com belos ideais, como sejam: combaterem sem temor a injustiça, não se humilham diante de ninguém, resistirem às afrontas à dignidade humana, amarem os outros como a si próprios e depois não são eles colocados perante situações em que a fidelidade a estes princípios educacionais só poderá constituir um terrível «handicap»?

Quanto ao medo, outro dos sentimentos geradores de nevroses, é impossível deixar de reconhecer que ele constitui hoje o próprio clima da nossa civilização. O grande escritor norte-americano Norman Mailer diz que a «América sua medo por todos os seus poros». Mas não é só a América, é todo o Mundo que vive mergulhado nesse clima deletério. Medo de tudo, da contaminação e da morte atómica, do universo concentracionário, de todos os nossos semelhantes, da nossa própria consciência, do futuro dos nossos filhos. Revivemos nesta época de espantoso avanço científico o pavor terrífico do Ano Mil num próximo fim do Mundo, com a agravante de não se tratar desta vez de um medo pueril mas do fundamentado receio de que num mundo de loucos a loucura prevaleça e venha a utilizar todo o poder da ciência para extinguir a vida no nosso planeta.

Encontrar a maneira mais adequada de recuperar para a sociedade os enfermos mentais, é sem dúvida tarefa bem meritória dos psiquiatras; mas cabe aos psicólogos ver em que medida será possível a seres humanos suportar os violentos embates da vida moderna: a velocidade emocional, as músicas históricas, a publicidade agressiva, as películas aterrorizantes, a literatura morbidamente pessimista, o noticiário sensacionalista, em suma, tudo aquilo que diminui a resistência física e moral, cria estados de nervosidade extrema e instiga a tensão hostil e a violência. Cabe ainda principalmente aos sociólogos indicar por que caminho deverá orientar-se a vida social, mostrar que o homem não é um animal completamente gregário, como os carneiros, nem totalmente

solitário como os tigres e que, por conseguinte, qualquer solução proposta deverá ter em conta dois elementos distintos da essência humana: um social, outro individual. Não pode haver dúvida de que uma ética que leve em conta apenas um destes elementos será incompleta e pouco satisfatória. Mas cuidado, senhores sociólogos, porque ter em conta estes dois elementos não é o mesmo que preconizar, como muitos fazem, uma sociedade de carneiros governada pelos tigres.

* * *

Vi há dias, num dos nossos jornais diários, uma curiosa fotografia de Salvador Dali, com o seu incrível bigode, a equilibrar na «genial» cabeça um chifre de rinoceronte. Que grande palhaço! Suponho que nunca o cabotinismo de um artista atingiu tais proporções. Mas o que mais me surpreende é o facto de Dali ter sido tomado a sério por um artista tão grande como o Federico García Lorca, que com ele privou intimamente e lhe chegou a dedicar uma bela ode.

Sempre que deparo com um artista deseioso de se distinguir pelo ineditismo das suas atitudes, recordo o seguinte aviso de Nietzsche: «A ênfase da atitude não pertence à grandeza; quem precisa de atitudes é falso... desconfiem de todos os homens pitorescos».

Ressalvo, como não pode deixar de ser, as crises de originalidade juvenil, embora tendo em conta que essas crises, quando manifestadas fora da idade própria, podem muito bem significar atraso mental...

Mas voltando ao Dalizinho, diz o mesmo jornal que ele foi recebido em Paris, na tal festa para a qual se treinara no equilíbrio do chifre de rinoceronte, com uma saraivada de tomates. Que mal empregados! Para tão asqueroso cabotinismo, só ovos podres!

A TERRA NEM SEMPRE FOI REDONDA!

(Continuação da 1.ª página)

cio, Cosmas Indicoplastes demonstrou com a maior gravidade e com enorme cópia de informações, que a Terra é quadrada e se encontra metida, juntamente com outros astros num grande baú... Quem pusesse esta teoria em dúvida, arriscava-se a muito...

A descoberta da Terra progrediu a passos de gigante a partir do século XIV, altura em que a bússola surgiu na Europa. Atribui-se a invenção dela a um marinheiro italiano, um tal Flávio Gioia, em 1303. Mas a famosa enciclopédia chinesa publicada em 121, menciona já o fenómeno do magnetismo. Um tratado chinês sobre a declinação viu a luz do dia em 1112. De onde se prova que os Chineses levavam um grande avanço na matéria.

A bússola permitiu aos homens conhecer a Terra tintim por tintim. Esta Terra que já foi quadrada, chata como um disco, que hoje é redonda e que não se sabe o que será amanhã, porque o Mundo dá muitas voltas!

De subito, em frente de um posto telegráfico, ouve-se a cantoria duma codorniz, tchru, tchru, tchru. Encaminhou-se para lá, cauteloso. O pássaro manhoso, ladino, largou na direcção do ribeirinho que passava ao lado dumas silvas, por um caminho de piornos. Quando António Moreno ia a atirar, ouviu-se um tiro e o chapéu voou-lhe.

—Alto lá! — disse. — Anda por aqui alguém!...

Ao seu lado direito apareceu Afonso Linho, o reideiro das courelas das Cortiçadas. E ria-se, o jagodes, com a aventura.

—Foi vossemecê quem disparou?! — perguntou António, mostrando o chapéu furado das bagadas de chumbo e uma cara assustadíssima.

—Fui, sim senhor, mas não o bia. São coisas que aconteceram!...

—Ai, são? Vossemecê não me via num caminho destes, plano e desimpedido?

—É como lhe digo, não no bia!...

Certos caçarretas que vêm à caça, em descobrindo uma peça, perdem as estribeiras, atiram de qualquer forma. Não se importam com as consequências. Tanto se lhes dá que esteja á frente um monte de estevas, como a figura de um homem. O preciso é acertar, satisfazer a bruta ideia da posse, entalar o peçoço da ave na «cinta», para alardear presença. Aquela cavalgadura, se fosse beber água a uma fonte, ou saltasse uma vala, em pleno descampado, nem deixava a espingarda aberta, com certeza. Era tipo muito capaz de se atravessar em frente dos companheiros, ou então, quando uma «linha» estivesse reunida para o almoço, tirava os cartuxos ao pé dos parceiros, quando o deveria fazer a mais de cinquenta metros. Um homem destes era sempre perigoso, devia ser submetido a exame antes de lhe entregarem a responsabilidade de uma arma.

—Com que então você não me via?

—Pois não, ora essa!

—Se atirasse um pouco mais abaixo, matava-me, e depois?

—Ora, paciência, logo se bia como me habia de safar!...

—Você quer festa, seu bicho do mato?!

—E então onde está a dúvida, seu alentejano duma figa?...

—Precisavas um tiro na rabadilha, meu pássaro bisnau! Vai-te embora, galego, vai-te embora que eu turvo e dou cabo de ti!

Antes que António Moreno se precavesse, já Afonso Linho levava a arma á cara e dizia, espumando da boca:

—Ai, Jesus, se não fosse cá por coisas, mandava-te prós anjinhos!...

E recuava, de olhar torvo, na direcção de uma lomba, a caminho de casa.

António Moreno, calado estava, calado ficou, a modos que hipnotizado com a maluqueira do valdevinos. Estaria maluco o homem, ou não?...

Já o outro tinha desaparecido, quando caiu em si: «Espera, o caifaz ameaçou-me, quis provocar-me... Das duas, uma!...»

Agarrou no chapéu, a ver as chumbadas. Uma, duas, três... Ainda contou doze, o chapéu ficara destruído, desistiu da empreitada. Por um centímetro, qual, por um milímetro, se tanto, adeus vida. Quem pagava, agora, o prejuízo? Eh! Pôs a espingarda em cima duns cardos e correu, de chapéu na mão, á procura do malfetor. Subiu o pequeno cabeço e espreitou para baixo. Nem viv'alma. Não se avistava ninguém. A planície dormia na sua paz bendita. O mariola desaparecera, sem deixar rastro, como se a terra o tivesse engolido.

Sentou-se na leiva, adormentado com a paródia. Ainda o chamou:

—O' Afonso! O' Afonso!...

HÁ sete meses, nada mais, nem nada menos. Há sete meses que morava naquele ermo, em companhia da irmã. O primo mandara-o chamar da provincia. Mas as saudades moíam-no. Germi-nava em si um louco desejo de voltar á vila. Nunca de lá tivesse saído!... Pouca gente conhecia ali, sentia-se desamparado. Os Alentejanos, agora o sentia bem no fupdo do sangue, eram uma raça diferente, não tinham sina de aventureiros, tomavam um acrisolado amor á terra natal. Só aquela história bisonha do homem do Norte, casado e com filhos, a meter-se no caminho da sua irmã Jacinta, rindo e cantando, lhe dava uns assomos de nervos que o faziam, ás vezes, pensar em paus e navalhas. Muito barulho, muita lambança, mas no fim, falassem-lhe ao coração, pronto, venciam-no depressa. Raios partissem o feitio que tinha!... Mas o mctivo da sua abalada fora esse, e a seara. Talvez mais a seara perdida... E a mana, para lhe quebrar os ímpetos, ainda lhe dissera uma vez, ao jantar:

—Oh Tóino! O homem não é bom da cachimónia, mas tem cautela. Não é só a mim que ele olha com aqueles olhos de goraz. A Berta e a Sabina também se queixam do mesmo. E' a maneira dele... Deixa-o, Tóino, no fim, não passa de um palerma!...

Ficara sossegado com a advertência da mana. Tirou-se-lhe, naquele instante, do pensamento, a dúvida.

Uma manhã, enquanto não chegava o comboio da 1 hora, pegou na caçadeira e foi á caça. Corria o mês de Janeiro, taciturno e friorento. O céu estava zimbado de nuvens e só ao longe, por cima de um «monte», o sol tentava romper a espessa camada de névoa. Mal se descia a rua principal, perto do Chafariz, acabavam-se as casas e a grande planície, como uma triste aguarela de Inverno, mostrava-se enfeitada de orvalho.

Para a oficina do sr. Rigoberto, tac, tac, tac, caminhavam pelo carril, os

Era o interesse do Império

Há cenas comoventes! Imagine-se uma destas:

Uma sala de estilo império; dentro dela um homem pequenino, de expressão tirânica, uma mulher seis anos mais velha do que ele (que ronda a quarentena) e um cavalheiro funcionário da corte. Em palavras apressadas, quase balbuciantes, o homem pequenino revela à senhora que o interesse da nação exige que eles se divorciem: que

a imperatriz nos braços quando ela perdesse os sentidos. Um sujeito chamado Bausset. A cena era de partir o coração e com receio que isso lhe sucedesse, numa época em que a cirurgia cardíaca estava tão atrasada, Napoleão tomou um porte rígido e bradou:

— «Não procureis comover-me. Gostarei sempre de vós, mas a política não tem coração, só tem cabeça. Dar-vos-ei cinco milhões por ano e a soberania de Roma».

A proposta era tentadora, mas Josefina estava ocupada com as

POR
PEDRO SENNA

suas lágrimas e não podia ocupar-se de outra coisa ao mesmo tempo. Não respondeu, portanto, o que levou o imperial esposo a despedir-se com estas palavras de múltiplas interpretações:

— «Saiba que este divórcio será um episódio na minha vida. Que ceda na minha tragédia».

E saiu. Josefina nunca sentira pelo esposo uma daquelas paixões assolapadas que fizeram o prestígio literário de Penélope: viuva do general conde de Beauharnais, casara com Napoleão quando este iniciava a sua rápida ascensão nos céus da fama, onde ela não se importava mesmo nada de subir também; tiveram dois dias de lua-de-mel, pois ao ter-



— «Olhe que me está a apertar muito...».

A comédia comoveu imenso o imperador. Levou-a a sério, coisa que acontece facilmente aos grandes comediantes: e como era profundamente amigo dos filhos do primeiro casamento de Josefina (Eugénio e Hortência Beauharnais) acumulou-os de benefícios. Em 15 de Novembro de 1809 há uma grande reunião nas Tulherias: na sala do trono acotovelando-se reis, rainhas, duques, marqueses, condes de ambos os sexos um chispas de foias e de cores: uma exposição de araras cortês!

Sentado ao lado da consorte

coroada, mas sobretudo que ela jamais daviu dos meus sentimentos e que me considere sempre o seu melhor e mais afectuoso amigo».

Sentou-se. Era uma cena de comover as pedras da rua! Josefina levantou-se, por seu turno, e discursou para que a comédia ficasse completa:

— «Com a permissão do nosso augusto e amado esposo, devo declarar que não albergando nenhuma esperança de ter filhos que possam satisfazer as necessidades da sua política e o interesse da França, muito me apraz dar-lhe a maior prova de dedicação que

Um divórcio no alto nível

jamais se viu a face da terra...

Era exigir muito do seu orgulho feminino; tombou desfalecida na poltrona: e então a cerimónia tornou-se ainda mais comovente quando uma viril voz de homem barbudo continuou a ler o resto do discurso:

«Tudo devo à sua bondade: foi a sua mão que me coroou e, do alto deste trono, não recebi senão provas de afecto e de amor do povo francês... A dissolução do meu casamento em nada mudará os sentimentos do meu coração: o Imperador terá sempre em mim a sua melhor amiga... Um e outro nos sentimentos gloriosos pelo sacrifício que fazemos a bem da pátria».

Estava encerrado o mais importante dos actos da comédia; ambos os principais actores a tinham representado o melhor possível. A diferença que nos separa desses tempos pode o leitor avaliá-la se se recordar como as coisas se passaram com o xá da Pérsia e a Soraia. Não há dúvida que caminhamos para a simplicidade...

— «Só Deus sabe quanto semelhante resolução me custou. Não existe, po-

Napoleão
Josefina

Assinatura de Napoleão e de Josefina no processo do divórcio

rém, nenhum sacrifício acima da minha coragem desde que se demonstre que ele é para bem da França...

Apenas tenho que me louvar pela dedicação e ternura da minha bem-amada esposa. Quero que ela conserve a sua posição e o título de imperatriz

ÚLTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL

A VIDA DE
JOANA D'ARC

leia

ERICO VERÍSSIMO

(não pode deixar de ler)



dois filhos de Afonso Linho. Traziam o almoço dentro de um cesto e assobiavam uma cantiga, para espantar o frio.

António Moreno, enquanto se distanciava, ia pensando: «Não se deviam mandar as crianças para as oficinas logo que saíam da escola, era tirar-lhes o gosto e o amor pela Natureza. A mocidade precisa de ar e de bom sol, que são meia manutenção. Deviam explicar-lhes a utilidade das árvores e a pureza do céu e da terra; ensinar-lhes, primeiro, as letras, como é que nasce um rio, como é que cresce uma seara, e a conhecerem-se uns aos outros, na harmonia da vida. Já são diferentes os costumes dos camponeses, cujos pais ensinam aos filhos os seus ofícios maiores, porque no campo não há escolas adiantadas. Agora um rendeiro de courelas agarrar nos moços e mandá-los a aprender a serralheiros, se já se virá! O mundo andava às avessas! O nortenho, pelos vistos, era um desenraizado, abandonara a terra natal com a ambição escondida na cabeça. Vendo ao longe os caminhos, as glebas ardendo de sede a ser regadas, no futuro, pelos canais das novas albufeiras, os trigos a ser ceifados por máquinas, o Nortenho pensou, lá na sua portentosa imaginação de profeta, que um bom mecânico depressa aprende a guiar um carro de motor, é uma espécie de médico daquela geringonça, sabe pôr um parafuso no seu lugar, serrar uma chapa, desenhar uma roda e então, vá de mandar os filhos para uma oficina. Não se perdia nada, os moços haviam de aprender a ser poupados e dar a guardar aos pais o dinheiro que fossem ganhando no trabalho, para depois, quando chegassem à homens, serem contratados para os barcos ou para as fábricas novas. Se isso não acontecesse, facilmente se punham em cima de um tractor, ou de uma ceifadora mecânica, e eil-os a pular na vida, à frente dos filhos dos camponeses, que estes, lá pensavam, muito belamente, nos seus dias parados, sem vocação para aventuras de hortas e pomares, que é vício de quem não tem nada que fazer. O Alentejano não gosta de pensar muito no seu destino. Deita-o para trás das costas. Amparado ao lema de que a própria distancia dos longes lhe guarda a prudência e o futuro, tanta terra à vista, tanta fartura desperdiçada, natureza nua onde o humus ferve na secreta abundância duma apetecida promessa, ele fica preso ao seu quinxoso, à sua courela, venha quem vier com fantasias de hortinhas e jardins, que o seu enleio é namorar uma boa seara de trigo, de aveia ou de cevada, que foi para isso que o deitaram ao mundo. Ainda lhe custa a acreditar no valor milagroso das tais albufeiras. Elas virão, não virão? A terra alentejana, mais do que nenhuma, tem necessidade de água. Será o trigo, depois, mais grado e saudável? Enfim, o sol e a chuva ainda são os grandes beneficentes. E como pode o Alentejano acreditar secamente nessas ucharias das águas presas em lagos, se vive esquecido pobre de haveres — e farto de promessas?...

Tudo isto estava exacto, que viessem as águas artificiais, para bem da grei, desde que um rapaz de doze anos, não fosse mandado para a escuridão de uma oficina. Era cedo. Ainda era cedo, senhores, tiravam às crianças o estímulo precioso da inocência, a afeição natural pelo seu semelhante. Estavam em muito boa idade para aprender a ler nos livros, para saltar os valados, ir aos grilos e cheirar as flores, que é assim que se aprende a ser um homem, honesto, amigo dos pais e defensor da Pátria.

António Moreno encalhou numa pedra. Ia caindo. Distraiu-se dos seus pensamentos. Palmilhava mais de dois quilómetros, e à sua frente voava um rico bando de perdizes. Ainda apontou a espingarda, zaranza, mas as aves já tinham ultrapassado um pequeno cabeço, longe do quadrante da arma.



silêncio dos teus passos que se afastam

Senti o eco dos teus passos
e os teus sapatos rangerem num nervosismo
mal contido...
senti desceres as escadas encostado ao corrimão
debruçado sobre as palavras
que te custaram toda uma noite de insónia,
mas que no momento preciso
se esfumaram pelo intervalo dos teus dentes
como o fumo quente
dos teus horríveis cigarros...
e então aconteceu o silêncio
feito de mil ecos de mil passos que se afastam,
feito do barulho de pedradas
nos vidros duma janela que se estilhaça,
ecos que se sentem, não se ouvindo,
do barulho que se ouve
e se não sente...
e eu senti o eco dos teus passos
que se afastavam no silêncio...
o gargarhar confuso dos teus sapatos
que se sumiam lá ao longe
no horizonte esverdeado dos meus olhos!

por maria do rosário villa



A décima hora...

Noite quente de Junho. O suor das quatro paredes do meu quarto, convidava a sair, em busca de qualquer outra mais amena temperatura. Desci a escada, aquela velha escada que todos teimavam em chamar «de caracol».

Estalaram em protestos, os carunchosos patamares.

Parei para olhar o velho relógio da Torre: sempre redondo, sempre certo a contar os instantes dos seus dois braços enfeitados, que a Natureza transformara em dois fracos enfemros, de manchas amareladas a quebrarem a cor quente do seu ferro ressequido.

Ninguém sabia quantas gerações o haviam invejado, quando já vizinhas da morte, olhavam aquele círculo

POR
JOSÉ MANUEL CARVALHO
MARQUES

branco, branco como o tempo que se escoava a cada maquinal movimento dos seus dois ramos.

Hoje a «patine» dava-lhe um ar de grande monumento, o que tornava feliz aquele eterno sonambulismo vertical.

No meio da sinfonia de sorrisos, de preocupações de personalidades em luta, de encontros e cumprimentos, um homem estava ali, contra a parede. Vestia todo de negro. A face devorada pela idade era um montê de rugas.

Numa delas encaixara um monóculo que, as luzes indiferentes e avidamente apaxionadas, de doces Primaveras, ou luzes brancas das crianças louras, ou as vermelhas e brutas luzes crepusculares, haviam feito brilhar.

Ele vê todos, mas ninguém parece vê-lo...

Papéis brincam no vento e a sua bengala diverte-se a tentar prendê-los entre a sua ponta e as pedras do passeio.

Despreocupado como os outros, perco-me na tonalidade fria dos anúncios luminosos que fazem a rua de mil cores. Passam os carros no seu silêncio feito de faróis berrantes.

Subitamente o doloroso grito de borraça ferida no asfalto, rasga de emoção o «brulho» da multidão sem sono...

Um baque surdo. Ruído de vidros que estalam gente que corre e nos faz correr. Não há gritos mas respirações ofegantes e corações sufocados em vertigens.

Rompo a custo a curiosidade dos que haviam acurrido.

Lá estava ele, o desconhecido de luto. Mãos crispadas nos velos dos paralelepípedos negros, o corpo horizontal, branco... quieto...

Alguém lhe ergueu a fronte. Estava lívida, salpicada de gotículas de suor, mas não tinha sangue, ou sombra alguma de sofrimento a prejudicar a sua serenidade. O relógio, lá muito acima, bateu dez espaçadas badaladas.

Nada a fazer, disseram as mãos carinhosas que lhe limpavam a testa, tão baixo que quase ninguém ouviu.

Mas ele estava perto, demasiadamente perto...

Abriu os olhos: pela primeira vez desde há muitos anos, mil olhos lhe davam atenção. Quis falar. Sorriu, mas devia ter para cima de 250° de febre...

Pareceu cansar-se do olhar do Mundo. Encerrou o seu e sem um gesto, mergulhou no alçapão das estrelas...

Diário de Lisboa



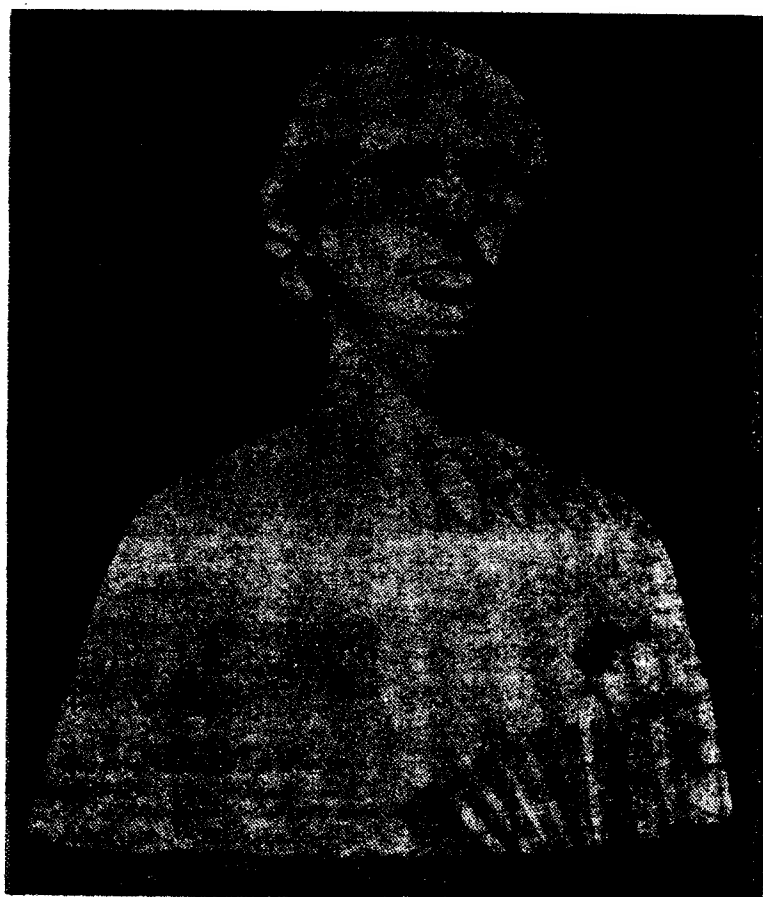
30-5-959

108

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castilho e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida
para a Rua Luz Soriano, 44 a 46 — LISBOA

CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE



Ele é célebre humanista italiano da Renascença, autor
do livro «O Príncipe»

As respostas devem estar em Juvenil até ao próximo dia
6 de Junho, acompanhadas dos habituais elementos: nome
completo, morada, data de nascimento, número de ficheiro, no
caso de o terem já, e indicação dos artigos que mais lhes agra-
daram no suplemento desta semana.

Como sempre, além dos prémios habituais, haverá um pré-
mio especial para o melhor trabalho sobre o escritor desta
semana.

VINHO VINAGRÃO

Era uma vez um lavrador que pagava mal aos jornaleiros e lhes dava pouco e mau comer.

Por isso ninguém queria trabalhar para ele e como o lavrador sozinho não pudesse dar conta da terra, esta cobria-se de urtigas e de cardos.

Ora é triste ver uma terra coberta de ervas más.

—Ná, assim não pode ser. Tenho de ir por aí fora a ver se encontro alguém que possa ajudar-me.

Foi por uma estrada e deu com um preto sentado a pensar na sua triste vida.

—Olha lá, estás desempregado?

—Si siô.

—Queres trabalhar para mim?

—Si siô.

E o negro lá foi. Cavou tanto que logo nessa manhã chegou ao pé do pessegueiro.

—Ao jantar pergunta-lhe o amo: —Onde vais, preto?

—Ao pé do pessegueiro, meu amo.

O lavrador põe-lhe sobre a mesa pão rolão e vinho vinagrão.

A' ceia torna-lhe o lavrador a perguntar:

—Onde vais, preto?

—Ao pé do pessegueiro meu amo.

E deu-lhe para a ceia pão rolão e vinho vinagrão. No dia seguinte, volta o lavrador:

—Onde vais, preto?

—Ao pé do pessegueiro, meu amo.

(Continua na ultima página)

Naquela invernososa tarde de Maio — tratava-se, na verdade, de um Maio pouco florido, nada para graças — Basílio e o nosso célebre detective Pararraios encontravam-se sentados à mesa do café pacato... — Então, meu amo, já despachou a «encomenda»? — perguntou o ajudante sorvendo um gole do café. — Sim respondeu o detective. — A «encomenda» já chegou ao seu destino. É este o primeiro dia de repouso que conheço de há uns meses a esta parte. — O meu amo toma as coisas demasiado a sério — criticou Sôpito. — Que lhe importava a si que o tempo parasse? Não era nada connosco! Pararraios sorriu... — Pois aí é que está o mal de algumas pessoas: pensarem que nada é com elas. Enganam-se. Aço-

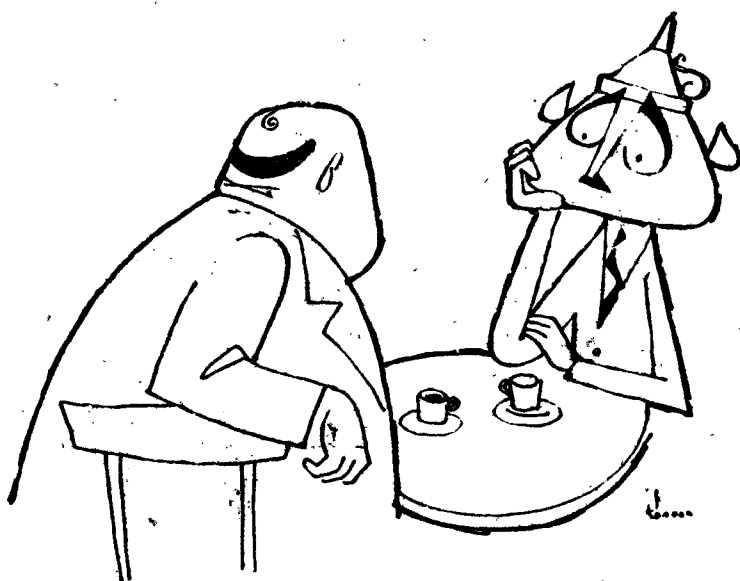
venil que o acompanhavam na última etapa de aventura, foram da mesma opinião: sim, só havia uma solução! Destruir essa e todas as máquinas infernais que pretendam mergulhar o Mundo no horror do Apocalipse! Destruir o tempo? Absurdo!!! Criminoso!!! O tempo é a vida, porque vida sem tempo não se consegue! Pararraios ficou assim com o encargo de destruir a máquina diabólica. Arquitectou imediatamente o seu plano: deitá-la ao mar, em local de grande profundidade, onde as redes dos pescadores não chegassem... A água salgada deterioraria o perfeito mecanismo — as areias do fundo sepultá-lo-lam — o silêncio cobri-lo-lam com o seu manto impenetrável... — Ninguém me acompanhará — ordenou Pararraios. — Desculpem,

bater, dirigiram-se ao café pacato, onde os encontramos no início desta crónica. Chegava precisamente o rapazinho dos jornais, Comprou o «Diário de Lisboa». Nele, duas notícias chamaram a atenção do detective.

mentais. A sua última preocupação consistia em que seu marido inventasse uma máquina de prolongar o tempo. A verdade é que o dr. Don O Doel deixou, há vários anos a investigação científica. A segunda notícia vinha do Ha-

drilha internacional, se entregava ao contrabando de pérolas. Segundo declarações prestadas, afirmou ser possível um contrabando em larga escala daquele artigo. «Eu mesmo fiz a experiência — declarou — passando a alfandega de

O mistério da bengala de bambu (XXV)



cem países com determinado objecto das mesmas dimensões escondido na minha bengala oca, que um grupo de pequenos «gangsters» chefiados por um louco, me arrancou em Lisboa.

— Compreendes? — e Pararraios sorriu, piscando um olho — Querem fazer crer que o tal pequeno objecto era inofensivo...

Neste instante, um homem de feições descompostas, aproximou-se da mesa do detective:

— É o grande Eusébio Pararraios?

— Eu próprio. E o senhor?

— Arlequim Fogueiro.

— Bem sei, o sábio que prepara as viagens aos mundos distantes...

— Isso mesmo. Ainda bem que o encontrei senhor.

— Porquê?

— Porque um perigoso criminoso acaba de fugir da Terra dentro de um foguetão construído por mim.

Pararraios levantou-se. «Mau, mau!» rosnou Basílio, que via rir todos os sonhos de tranquilidade e bife.

A aventura que desejávamos contar terminou aqui. A que se segue é ainda mais sensacional. Mas isso é outra história, como veremos...

F I M

As aventuras são como as cerejas

ra, tudo é connosco! Cada um de nós tem responsabilidades numa pézinha que se levanta a milhares de quilómetros de distância.

Basílio fitou o ano. «Compreendeu-me, finalmente!» — pensou este. Mas o pensamento do ajudante fora outro: «Está doente. Mas uns meses de repouso vão-lhe fazer bem».

Que «encomenda» era aquela a que Basílio se referia? Conta-se em duas palavras.

Após se ter apoderado do cubo de marfim, que encerrava a máquina de fazer parar o tempo, Pararraios manifestou desejo de a destruir. Todos os «Amigos» do Ju-

mas faço questão. Que para sempre se ignore onde repousa a máquina da morte...

Dirigiu-se a Cascais onde alugou um barco a motor. Andou pelo mar alto o dia todo. Quando regressou, deu uma palmada alegre nas costas do ajudante:

— Hoje acompanho-te. Vou comer um bife — se não for muito grande, evidentemente...

Basílio ganhou de emoção...

— Meu amo! Começou agora a achar gosto na vida! Escrevo esta data no seu canhenho!!

Foram. O detective comeu uma rodela de carne e bebeu um copo de vinho. Estava eufórico. Para re-

Uma, era de Nova York: «No município de St. James, faleceu a viúva do sábio Don O Doel, que há meses dava mostras de distúrbios

vre, França, e informava ter caído ali nas malhas da Polícia um japonês, um tal Sum Wl... que há muito tempo, a serviço de uma qua-

Concurso da semana

Gente Nossa



Junto à amendoeira em flor em flor apertado a um coração fala de vida e de amor e de amor o dobrar do acordeão.

Semeia pelo caminho no caminho que vai da serra para o mar o alegre corridinho corridinho de saltar e de bailar...

Há naufrágios, isso há isso há. Passa lá o conserveiro. Mas a alegria por lá essa, lá nunca desce do poleiro!

Vá não esteja triste, moço lindo moço!, venha cá ao pé de mim. Venha cá! Se o dia é nosso — e bem nosso! — erga o pé e bata assim...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, à seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

A resposta deve estar na nossa Redacção até ao próximo sábado, dia 6 de Junho.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO JUVENIL N.º 147: I — GENTE NOSSA; II — GRANDES FIGURAS DA HUMANIDADE: EDGAR POE

VENCEDORES

1. — Amigo 1457 — Mário Martins do Carvalho (Lisboa).
2. — Amigo 197 — Alexandre Gastão Fomes Guerreiro (Faro).
3. — Amigo 1612 — José Manuel Marques (Lisboa).
4. — Amigo 1613 — António Wollosky (?)
5. — Amigo 943 — Alice Vassalo Pereira (Lisboa).
6. — Amigo 1439 — Maria José Palla e Carmo (Lisboa).
7. — Amigo 1614 — Maria José Castroga (?) Inês (Lisboa).
8. — Amigo 1454 — Olga Maria Correia Martins (Lisboa).
9. — Amigo 1602 — Maria Rita Pereira (Lisboa).

PRÉMIOS

- 1 e 2 — «O ANAO», de Par Lagerkvist, de ESTUDIOS COR.
3. — «ISABEL», por André Gide, de ESTUDIOS COR.
4. — «PASCOA FELIZ», por Rodrigues Miguéis, de ESTUDIOS COR.
- 5 a 9 — «O GARDEM-PARTY», por Katherine Mansfield, da PORTUGALIA EDITORA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE EDGAR POE:

10. — Amigo 1539 — Heitor Fernando Ferreira da Silva (Porto).
16. — «A VIDA DE TOULOUSE LAUTREC», por Lawrence Hanson, de ESTUDIOS COR; «VIGDIS, A INDOMAVEL», por Sigrid Undset, de ESTUDIOS COR.

NOTA AOS PREMIADOS: os Amigos de Lisboa podem levantar os seus prémios na Av. de Roma, 78, 2.º Esq., todos os dias úteis, das 9 às 19 horas, excepto aos sábados que só o poderão fazer até à 1 hora da tarde. Os prémios estão às ordens dos premiados, 5 dias a partir desta publicação.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 1446 — Maria Esmeralda Moreira da Costa: Aqui tens o teu numero. O teu irmão não estava inscrito. Fica agora com o numero 1458.

Amigo 59 — Dunia Rosales Viagas (Faro): Não nos é possível publicar os trabalhos premiados por falta de espaço. Em geral são trabalhos muito extensos.

Amigo 1612 — José Manuel Marques (Lisboa): Não estavas inscrito. Nem sei se o teu nome será este. Por vezes assinam de tal maneira ilegível, que não podem ser inscritos, pois falta logo o principal elemento. Manda dizer se o nome é bem este.

Amigo 1613 — António Wollosky (?): É favor mandar a morada.

Amigo 856 — Francisco José Fernandes: A primeira vista tens razão; mas só a primeira, pois já sabes, tu que és dos amigos «velhos», a falta de espaço com que lutamos e a imensidade de trabalhos que semanalmente recebemos (Portugal é um País de escritores). Manda uma fotografia do entrevistado, o mais depressa possível, sim? O que fizés

da critica aos trabalhos não é justo, pois não há parcialidades no Juvenil. Muitas vezes o silêncio sobre certos trabalhos quer apenas dizer que a critica não interessaria. É difícil de explicar, mas nem todos aceitam, da mesma forma, a sinceridade. Nem mesmo quando dizem apreciá-la...

Maria do Céu Alvares da Guerra: É muito pouco o que dizes de ti. Manda a idade, morada, ocupação. Só com estas indicações, poderás ficar inscrita.

Amigo 357 — Fernando Tavares Rodrigues (Porto): Lamento o que sucedeu ao livro. É possivelmente, o outro extraviou-se. Manda dizer que livro era, para te mandarmos novamente pois de certeza ele foi mandado. Julguei que a tua família tinha ficado em Lisboa e que, portanto, seria mais fácil mandar-to sem o perigo de o perder.

Amigo 1573 — José António Cartaxo Vicente (Lisboa): É favor indicar os livros a que te referes. Temos em nosso poder «Os Pioneiros». Se quiseres aparecer, será mais fácil deslindar a confusão.

Livros que devem ser levantados! Dos amigos Paulo de Almeida (Lisboa), devolvido; Luís A. da Silva (Lisboa), devolvido. Luís Fernando dos Santos (Torres Vedras), sem morada. Maria Emilia Rodrigues, idem; Maria Matilde Pessoa de Figueiredo, idem; Candido Augusto Carneiro, idem; Natália de Sousa e Costa, idem; Vítor João Lourenço de Araújo, idem; Maria Teresa de Oliveira Lemos, idem; Maria do Céu Alvares, idem; Jaime Teixeira da Silva, idem; Luís Marques Ribeiro, idem; José Alves, idem; António Veiga Esteves, idem; Manuel Pena Costa, idem. Os amigos de Lisboa podem levantar estes livros, na Avenida de Roma, 87, 2.º, esq., todos os dias úteis das 9 às 19 horas, excepto aos sábados que só o poderão fazer até à 1 hora. Os da província devem mandar as moradas completas.

Os amigos premiados nos três últimos concursos devem levantar os prémios, o mais depressa possível, para evitar confusões. Os da província seguiram todos. É favor acusarem a sua recepção.

Crítica do João

— Ora viva, amigo João!
— Viva...
— Tão seco?

— Tenho cara de barómetro?
Ih, como ele vinha! O melhor seria evitar as conversas supérfluas e atacar logo o assunto, isto é, a critica aos trabalhos dos nossos amigos. Amanha logo, querem ver!

— Então que temos nós hoje para criticar?

— Criticar não é bem o termo.
— Pois?

— Ralhar. Ralhar é o que eu vou. Sou todo ouvidos. Como se chama o amigo autor do trabalho?

— António Henriques Damião.

— E o trabalho dele?

— «Futuro ou derrota».

— Cotação literária?

— Bem, para começar, devo dizer que não vem a propósito, neste caso, fazer uma critica quanto ao aspecto, digamos, «exterior» do trabalho. É o conteúdo dele que me interessa agora.

— Mas tu sabes que o conteúdo não é independente da forma.

— Sei muito bem.

— E que a forma...

— Mas dessa forma nunca mais acabo! O que eu quero é criticar o ponto de vista do Henrique Damião em relação à luta dos homens por uma vida melhor, mais digna de chamar-se vida...

— Então que dizes ele?

— Ora escuta: «Todos nós lutamos e temos esperança num mundo melhor, mais belo, onde a Paz e a felicidade andem de mãos dadas».

— Mas...

— Ouve... «Sinto e creio que a vida, tal como a levamos presentemente, não está bem. O pobre, o burguês, o filó-

sofo, o intelectual, o pintor, o escultor, todos os homens ambicionam o tal mundo de Paz e de felicidade. Nunca o encontrámos».

— Não apoiado!

— Cala-te e ouve primeiro: «Porque lutamos? Porque temos esperança num mundo melhor? Sei que esse mundo, o mundo bom, jamais existirá. Creio em todos os que lutam e sonham, eu próprio luto e sonho com eles, mas zere-mos desiludidos».

— Que te parece?

— Devo dizer que citei as frases mais significativas.

— Percebi. Que te parece a opinião do António Henriques?

— Quero ralhar com ele. Se não acredita naquilo por que luta, então porque luta? É como se dissesse: «luto sa-

um dedo que me diz que o futuro tem muita esperança no Damião. O futuro, meu amigo, forja-se no presente, já o dizia Vítor Hugo que, mesmo de barbas brancas nunca chegou a velho — porque nunca perdeu a esperança no futuro... Pelos vistos, tu pensas muito nele — é porque o amas. Isso vale muito, acredita. O resto virá por acréscimo.

Outra vez Joana d'Arc

No primeiro inquérito que fizemos aos nossos jovens amigos verificámos que Joana d'Arc era um dos heróis favoritos das raparigas portuguesas. Com efeito na resposta à pergunta:

— Qual o teu herói preferido? O nome mais vezes repetido era o da Donzela de Domremy.

Todas essas nossas leitoras já este ano tiveram o prazer de encontrar um belo livro sobre Joana d'Arc, ou melhor, sobre a vida em França no tempo da grande heroína. Agora passar a ter à sua disposição um livro sobre ela. O autor é bem conhecido da nossa juventude: Erico Veríssimo. Isto quer dizer que, além de uma «VIDA DE SANTA JOANA», os nossos leitores terão mais uma oportunidade de ler um grande livro, um grande romance.

A «Vida de Santa Joana», de Erico Veríssimo é mais um volume da Coleção «Livros do Brasil», editada por Livros do Brasil, Lda.

O «Diário de Lisboa Juvenil», publica-se para ti, aos sábados

ver as
A d
cara: i
mate, a
gode e
— Na
mesmo

agressiv
como u
Nesse
seu lad
do gan
das br
azuis, q
se em l
o lado
Fingind
Turquid
agarrou
relampa
a sua l
grande
cheio
auma m
Do al
lhaçar
ninguém
das am
cota: i
— Oll
gemada
— Est
ninguém
— Val
A cad
o punh
ovo, c
inutilm
que as
abrigar
contin
portou
uns ar
Lanc
ras ris
Para a

cavalch
dolo, q
felizes
gens e
anos p
ovos d
dados
tros, f
— An
a vitór

Depoi
«Cartas
Mansfi
ba de r
mesma
Os ne
conhece
grandes
confian
terão e
seus gra

iro
ava
gum
mon
em
eu
cia
i de
(IV)
ob-
es-
que
era-
ran-
atos
Que-
men-
de
u-se
ios?
para
es...
e o
nho-
ntro
por
mau,
ruir
de e
con-
gue
isso
os...
O
lori
Lia-
lva
nar-
tem
ruas,
Fi-
usto
sa e
enço
de
Ceu
da
eiro,
nio
ena
boa
na
to-
ras,
ode-
pro-
das
ul-
er os
vel,
pro-
vivor
em
oro,
t o
par-
no
nho
male
rés-
e
ize-
um
as
os-
era
ste
car
rc,
ça
po-
do
em
tri-
na,
A
de
me
e,
tri-
ne
is,
da.

O «Diário de Lisboa Juvenil», publica-se para ti, aos sábados



O ouvir o insulto, Lançarote riu com gosto, o que mais excitou a raiva do adversário: — Anda cá baixo — desafiou Turquino — Tens andado á minha procura léguas e léguas para quê? Vá, poltrão, desce que quero ver as tuas valentias.

A danação descompunha-lhe a cara: estava rubro como um tomate, a espuma salpicava-lhe o bigode e a pera.

— Não demores — teimou, ao mesmo tempo que erguia o pulso

podemos descansar nem um momento enquanto o perigo não for vencido. Todos temos, por isso, de ocupar o nosso posto. Apenas surja uma escada, nós temos imediatamente de alvejar os que a transportam: nesse género de ataque é que reside o nosso maior perigo, uma vez que as portas estão defendidas com toda a segurança. Outra coisa, amigos, que é preciso nunca perder de vista: como somos poucos, necessitamos de nos poupar. Isto é: em vez de se tornar um herói, trai o seu dever de aquele que se expuser ao perigo sem precisão. Os homens são bons enquanto estão vivos, acreditam. Mortos, só deixam o luto e a dor.

Todos os jovens o aclamaram de

O CERCO DO CASTELO

agressivo. Quero ver-te a meus pés como um rafeiro.

Nessa altura, Lançarote notou a seu lado, no chão, um grande ovo de gansa, daquelas gansas normandas brancas de neve e de olhos azuis, que viviam ás dezenas, quase em liberdade selvagem, por todo o lado do castelo e imediações. Fingindo não o perder de vista, Turquino abaixou-se lentamente, agarrou o ovo e, rápido como um relâmpago, arremessou-o com toda a sua força á cara do inimigo: o grande ovo acertou-lhe mesmo em cheio entre os olhos, alastrando numa massa amarelada.

Do alto do cubelo souu um estilhaço de gargalhadas. Não havia ninguém que não se debruçasse das ameias e não afliesse a sua chacta:

— Olha um valentão tratado a gemadas!

— Estás bonito, barbudo! Assim ninguém te resiste.

— Vai lavar a cara, sujo.

A cada chalaça, Turquino erguia o punho cheio de pasta de ovo, com a outra mão tentava inutilmente limpar a cara: vendo que nada conseguia é desajeitando abrigar-se da chuva de troças que continuava a cair-lhe em cima, esmoreceu o cavalo e sumiu-se entre uns arbustos, ao longe.

Lançarote viu-se rodeado de caras risonhas, sobretudo de jovens. Para a juventude, a «resposta» do

lirantemente. Muitos tinham aperecido ao notarem, de longe, que o famoso cavaleiro da Távola Redonda dizia qualquer coisa de muito importante aos companheiros da mesma idade. Mal se extinguíram os últimos aplausos, um moço al dos seus dezasseis anos, de grande porte, esbeto como uma vergasta de salgueiro, avançou de braço estendido, a pedir silêncio, e exclamou com voz grave:

— Nós só desejamos que nos ensinéis, senhor Cavaleiro Lançarote. Dizei, pois, que tudo faremos conforme nos ensinardes.

Lançarote sorriu para o moço e disse:

— Deveis, antes de mais, fundar um grupo neste sector. Ele fica á vossa guarda. Será o «Bauarte da Juventude».

Um grito de alegria acolheu esta ideia. O cavaleiro ergueu o braço e quando tudo se acalmou, prosseguiu:

— E agora, amigos, o necessário é dividirem tarefas. Quem é o vosso chefe?

— Svein! — gritaram todos, apontando para o jovem que se dirigira a Lançarote. Svein!

— Pois bem, Svein! fica a teu teu cargo esta torre do castelo. Deves responder por ela como pela tua honra, como pela menina dos teus olhos, como pela tua mãe.

— Sim, meu senhor — murmurou o jovem, baixando a cara para

— Eu, senhor?
— Sim, tu.
— Ah, meu senhor, se o quero...
Pois se o quero...
— Então, vou armarte cavaleiro, Svein, agora que sobre os teus ombros pesa a responsabilidade de uma parte da vida de todos nós. Chamemo-nos com a mão até ele. Svein ajoelhou, comovido, de cabeça baixa. Desnudando a espada e encostando-a á cabeça do jovem, Lançarote disse:

— Em nome do rei Artur e da rainha Genebra e de todos os cavaleiros da Távola Redonda e do Santo Graal eu te armo cavaleiro. Que socorras os fracos. Que protejas as mulheres e as crianças e os velhos e os doentes. Que persigas a mentira e o que plantas em todo o lado a flor da lealdade. Que o teu corpo não peça descanso enquanto puder ser útil a alguém. Que ames a liberdade e a defendas contra os opressores e os tiranos. Que tenhas coração não bata pela inveja. Que saibas perdoar ao que errou sem maldade. Que sejas cavaleiro. Amen.

Todos os presentes haviam ajoelhado, sonhando, comovidos, com a hora em que um grande cavaleiro descendo a espada nua sobre a sua cabeça lhes diria: «Que sejas cavaleiro. Amen».

Assim se mantiveram todos no mais profundo silêncio, só modestamente pelos gritos dos assaltantes.

— Adeus, companheiros! — exclamou Lançarote. Este baluarte é vosso. Deixo-o entregue á vossa valentia! Adeus!

E acenando com a mão calçada de guante de ferro, partiu para onde mais era necessária a sua presença.

Ficando sós, Svein escolheu imediatamente os que deviam dirigir cada tarefa: Canuto ficava a vigiar os caldeiros de pez a ferver, de modo que chegassem sem causar perigo até ás ameias; Alfredo, comandaria os grupos encarregados de lançar esse pez pelas muralhas abaixo; Gertrudes tinha a seu cargo dirigir as que tratassem

POR TROTE

dos feridos; Ingeborg acandilhava um grupo de corajosas frecheiras; Bede estava atento, com os seus subordinados, a qualquer tentativa de escalada dos muros.

Já todos se encontravam a postos quando Turquino Mão-de-Ferro chegou a toda a brida. Em vão procurou com a vista o cavaleiro Lançarote: o que distinguia fugitivamente, nos intervalos das ameias, eram cabezinhas de jovens. «De jovens? perguntou para si. Sonharei?». Firmou-se melhor e seus lábios arreganharam-se num

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS BOCA E DENTES COMO no DENTISTA

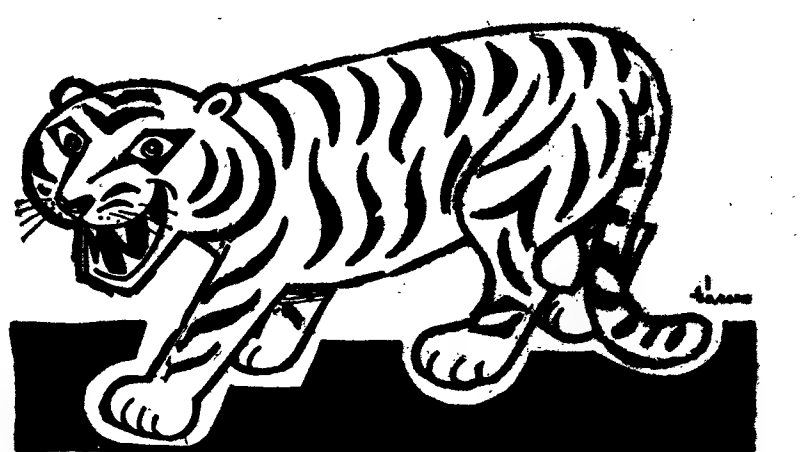
Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS (1)

É curioso deitarmos uma vista de olhos pelas bocas dos diferentes animais — assim encontraremos uma diversidade de bocas que nos dá a ideia da sua forma de alimentação.

Os carnívoros representam a maior parte dos animais caçadores: os herbívoros, a maior parte dos caçados. O carnívoro, como o homem, mantém-se neutro... entre os outros dois, comendo de tudo. Come uns e outros, ainda por cima.

A grande maioria dos animais caçados, herbívoros, tem os lábios fortes e os caçadores têm dentes compridos e cortantes, mandíbulas fortes e fortes músculos mastigadores.

Os caçados, têm boca mais pequena, os lábios adaptam-se á presensão do alimento e os dentes, em vez de cortar, raspar, trituram e amas-



sam. As mandíbulas são fracas e menos poderosas, porque não são obrigados a agarrar, com força o inimigo nem a carregar com ele, muitas vezes, a grandes distancias.

Já viram, no Jardim Zoológico ou no circo, o leão bocejar? Repararam na grande boca que nos mostra até á garganta? Pois bem, todos os membros da sua família, têm assim uma bocarra imensa — por isso podem matar animais muito mais corpulentos que eles, com um só fechar de boca. Entre os fortes e salientes caninos, os carnívoros possuem dentes pequenos, no intervalo das presas, de modo a não atrapalhar o serviço destas; parecem apenas destinados a auxiliar o agarrar da presa. Os restantes dentes, de superfície irregular, com bordos cortantes, destinam-se a arrancar a rica carninha das pobres vítimas e cortá-la miudamente, de forma a facilitar a deglutição. Também podem moer os ossos, para aproveitar o tutano que têm dentro.

O tamanho das presas, dentes carnívoros, está em proporção, não com o tamanho do seu possuidor, mas com o dos animais que devem caçar. O gato doméstico, que também pertence a esta família apreciadora de carne fresca, mas que só caça ratos e pássaros, tem as presas muito pequenas; o leão, o tigre, o leopardo, pelo contrário, que têm de caçar o que apanham á mão — por vezes animais muito grandes — possuem grandes e fortes presas, muito aguçadas de forma a espetá-las na pobre vítima.

A língua dos carnívoros é muito curiosa e vamos ver porque. É muito áspera, tão áspera no leão e no tigre, por exemplo, que pode com uma simples lambidelha, rebentar a pele do homem. A língua assim áspera tem uma razão de ser: agarrados aos ossos, ficam ainda muitos e belos bocados de carne fresca. A língua raspa, então, os ossos, tirando todos os pedacinhos de carne, até detetá-lo completamente lizo.

O gato também se serve da língua para lavar-se. E como não podem beber igualmente aos cavalos ou outros animais de lábios maledocéis, e também porque não podem morrer de sede, penetram a ponta da língua dentro do líquido, e com uma volta de cima para baixo, empurram o líquido para trás. E não julguem que tal processo é lento. Isso sim, é rapidíssimo, um gato esvazia um prato de leite enquanto o dono esfrega um olho. Ou ainda mais depressa...

O cavalo que, em seus antepassados tempos de vida, era um animal caçado, por dever de officio, ou por amor á tradição genealógica, conserva o mesmo método de alimentar-se; tornada animal doméstico, come do mesmo modo que outrora quando pastava pelas ravinas. Porque tem necessidade de arrancar as ervas de que se alimenta, a boca do cavalo fica na extremidade da cabeça — enquanto os olhos e as orelhas ficam na outra extremidade. Enquanto comemos, mantêm-se alerta contra os ataques inimigos.

Os dentes, que não precisam de rasgar a presa, mas sim mastigar sementes e ervas, são feitos para mastigar e triturar o alimento. Os lábios grossos e firmes evitam que o alimento caia de boca quando tritura, pois os maxilares têm um movimento especial de um lado para outro e não de cima para baixo, como os animais não ruminantes. Os dentes da frente, os incisivos precisam ser fortes e grandes, para cortar a erva; mantêm-se por isso muito apertados e de bordo excessivamente cortante, exactamente para cortar um molho de erva de uma só vez, e não de uma a uma, o que — estão vendo — seria muito lento e perigoso, para o cavalo selvagem.

A CONVERSA DA SEMANA (ÚLTIMAS NOTÍCIAS)

Em resposta á nossa pergunta sobre o Inquérito que queremos dirigir aos nossos jovens Amigos, recebemos os seguintes pareceres:

Maria José Valente Perfeito (Amigo n.º 6 e quintanista do liceu) prefere que o Inquérito seja publicado por inteiro e não pergunta a pergunta. Entretanto promete-nos referir-se, na próxima semana, e mais vagarosamente, a todos os assuntos da nossa primeira «Conversa da Semana».

Joel Eduardo Hasse Ferreira (Amigo n.º 169 e quintanista do liceu) considera mais vantajoso publicar-se uma pergunta de cada vez, pois ataremos mais tempo para pensar e responder mais em cada uma e responder acertadamente. Todavia um Inquérito apresentado de uma só vez também tem as suas vantagens: assim muitos Amigos responderão a todas, o que pode não acontecer se lhe apresentarmos uma de cada vez.

Flores é a espera que os nossos leitores nos respondam, a fim de tomarmos uma decisão sobre o assunto.

Na próxima semana publicaremos interessantes alvites e críticas dos nossos Amigos e um extenso depoimento de Rui Carlos Correia Vieira (Amigo n.º 1601). Em virtude de, por lapso, não se ter publicado no passado número «A Conversa da Semana», hoje acumulam-se as respostas e desta maneira não nos chega o espaço.

E até para a semana!



cavaleiro ao adversário era um modelo que gostaria de seguir. Que felizes se sentiam todos! Os pagãos e donzéis de doze a dezasseis anos porfiavam em descobrir mais ovos de gansa e punham-nos cuidadosamente ao lado uns dos outros, junto ás ameias.

— Amigos! — disse Lançarote — a vitória há-de ser nossa, mas não

esconder o rubor que nela se espalhava. — Este baluarte vale a minha vida.

Tinha dito isto com umas maneiras simples e modestas que ainda mais surpreenderam Lançarote: — Resposta de cavaleiro — comentou. E queres ser cavaleiro, Svein?

O moço fitou-o estremunhado:

«GARDEN-PARTY»

Depois da reedição do volume das «Cartas» da celebrada Katherine Mansfield, a Portuguesa Editora acaba de reeditar o livro de contos da mesma autora «Garden-Party».

Os nossos leitores mais velhos já conhecem, pelo menos de nome, esta grande escritora — um dos maiores contistas de todos os tempos. Agora terão oportunidade de ler dois dos seus grandes livros — as «Cartas» e «Garden-Party». Neles encontrarão uma subtilíssima arte de contar, uma natureza superiormente poética e de rara originalidade.

Estamos certos de que a leitura, quer de um livro quer do outro proporcionará um altíssimo prazer aos nossos leitores — sobretudo ás raparigas. No género de «diário», de confissões íntimas, «Cartas» é um dos livros excepcionais que temos lido.

ANEDOTAS

A ESCOLA E O AUTOMÓVEL

— Ah, se a escola fosse um automóvel! — sonhava um pequeno cácula da primeira classe.

— E porquê? — pergunta um companheiro.

— Porque no automóvel se passa da primeira para a segunda e da segunda para a terceira sem exame.

A CONVERSA DA SEMANA

Ultimamente tivemos dois o primeiro da visita de alguns amigos. Desta vez tivemos a companhia de Margarida Loza, o Agostinho Macedo, o José Carlos Junça de Moraes, o Suroto, e Ana Maria Cunha. Assim se nos proporcionou um belo caso de conhecermos uns amigos, de conversarmos durante um período com eles, de sabermos algumas coisas de que faziam, de que pensavam fazer, das dificuldades que encontravam à sua frente. Com a Margarida e o José Carlos tive oportunidade de conversar com mais vigor e senti uma profunda alegria em os haver conhecido: são jovens conscientes e cheios de seriedade, que podem realizar belas coisas.

Muito agradável nos será a visita de mais amigos e eu espero-lhes, desde que combinassem a hora, na cidade de Lisboa.

A Margarida Loza escreveu-me as seguintes palavras:

A propósito do livro (um prêmio), lembrei-me agora dos concursos: acho que francamente vocês facilitam-se demasiado. No caso das Gigantes, por exemplo, até ao penúltimo parágrafo a gente ainda estaria incerta (digo estaria, porque quem conhecesse o retrato de Gaudin já não teria mais dúvidas), mas ao falar de Van Gogh, das longínquas ilhas dos Mares do Sul, vê-se logo que é ele. Qualquer pessoa que ouvisse falar em Gaudin, pode não saber nada acerca dele, excepto que foi companheiro de Van Gogh e viveu numa das ilhas dos Mares do Sul. Quer-me parecer, de facto, que os concursos são mais para divulgação cultural do que para inquérito cultural. Absolutamente certo, mas acho que, enfim, são fáceis demais.

Na «Gente Nossa» o nome de Ovar está lá escrito; que esforço precisamos nós de fazer? Acho que assim desaparece o valor desportivo, digamos do concurso. Lembrei-me agora que, outro dia, ao falarmos sobre escaladores do Everest, no Instituto Britânico, um colega perguntou ao professor porque é que os escaladores do Everest, em vez de irem a pé não utilizavam helicópteros. Claro que o Mestre respondeu que isso não era desportivo.

Com o concurso é o mesmo problema, parece-me. E por que não fazer uma renovação nos concursos? Acho, claro, que deve haver um, mais erudito, e outro mais simples e embora acho estes muito interessantes (os Gigantes, principalmente) sempre seria uma coisa fresca. Ou talvez, se não renovar totalmente, pelo menos entreter com outro género diferente. Eu é que devia propor alguma coisa, mas é difícil.

Poderiam ser, por exemplo, perguntas sobre coisas diferentes, ou uma reprodução de um quadro para dizer o que representa e quem é o autor; ou uma poesia, para se dizer o século a que pertence, ou de vez em quando uma coisa de ordem mais científica.

Que gostamos os nossos amigos sobre esta questão?

O problema para nós resume-se da seguinte maneira: arranjar para todas as semanas um concurso que instrua, obrigue a um esforço, MAS NÃO SEJA DEMASIADO DIFÍCIL, pois escorregará os concorrentes. Pensou-se em fazer dois concursos: um bastante fácil, para os novos (ou para os que não acertaram com o mais difícil...); outro, exigindo conhecimentos, para os mais velhos. Aqui está a gênese das Gigantes da Humanidade e do Concurso das páginas de dentro.

A mim parece-me que os Gigantes se facilitaram, de facto, um pouco, mas o remédio é fácil. Gostáramos que os nossos jovens leitores se pronunciassem sobre as sugestões da Margarida Loza.

Gostáremos também de ouvir opiniões sobre este assunto.

A tarde em declínio já e o poeta no alto do seu pedestal. Duas realidades a que não posso furtar-me. Com lástima.

O tempo vai na ladeira demastada à pressa, o maroto! Quando nos apanha distraído, acelera o com-

A casca de laranja

passo e por aqui me sirvo. Quando vamos a dar por isso, estamos mais velhos umas horas e sem saber como nem porquê.

Agora vejamos o poeta, todo bem posto, todo aperlado! Apetece dizer-lhe: Vem daí, ó mano, vem descer comigo o Chiado elegante!

A figura que ele não botava! As meninas iam olhá-lo interessadas e ele, não querendo ver, a achar ao mesmo tempo tudo maravilhoso e tudo natural — passando da redondilha à canção e ao soneto dantino com uma destas «soupleses»...

Penso eu: tu que foste pobre e pedinte e tudo; que passaste fome, frio, o diabo a setel! Que passaste por ladrão e andaste em púrrias e balbúrdias por esses becos e travessas—tu que penaste ofensas e

masmorra a mando de um qualquer Tios Secos — o agiota mais forte do que o poeta, pois como houvera de ser o Sociedade Mercantil! — como é possível que te deixasses pôr lá emriba, todo pinoca, todo elegante! E tão baixi-

nho, num pedestal tão rasteiro! Isto vou eu pensando e o pensamento não pára aqui senão por conveniência minha. O sol aperta. Tiro uma laranja do bolso. Descasca-a à maneira de quando não tinha medo dos micróbios, isto é,



ferrando primeiro uma dentada e entregando depois o resto da faina à unha do polegar.

Arranco a primeira casca e fico a pensar para onde arrumá-la. Na indecisão, aproxima-se de mim, cantarolando, um «gavroche» lisboeta, dos milhares deles que há para aí, de sobejo. Para o assobio mesmo à minha frente. O assobio, porque o sorriso inocente esse continua na cara magrizona onde a cruz do adesivo marca a subida e a queda do calvário.

—Dá-me as cascas? — pergunta. Começo por não entender. Ou de

POR
MANUEL AGRA

outra maneira: a achar tão monstruosa a história que não entender ainda é o mais cómodo.

—Não percebo — respondo-lhe.

As cascas?

—Sim, as cascas da laranja. Não as quer para nada, pois não?

O menino mande o falso orgulho às urtigas. Mas a situação não se explica como de repente começa a soltar-se para mim. Sou eu, em vez dele, que me sinto diminuído.

—Ah, bom! — e rio —. Eu também gosto das laranjas mas se quiseres podemos dividi-las ao meio. As laranjas e o resto, valeu?

—Barril! Arreia a trouxe. Dividimos a laranja. O sumo escorre-lhe pelo sorriso, pinga-lhe do queixo.

—Que tal?

—É doce que se farta! — exclamou o «gavroche».

É. Mas a laranja pica que tem demónios!

RESCALDO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA JUVENIL

A EXPOSIÇÃO DE SACRIFÍCIO

Abriu a Exposição!... Há gritos, palmas, assobios, piadas, abraços, críticas, etc., etc. Sim, os dois que com tanto cuidado armaram o casulo, deixaram-se vencer nos últimos minutos.

Como? Porquê?

1.) Para se fazer uma Exposição (que se chame Exposição) devem vários indivíduos unir-se e formar o casulo. Este tem que ser bem acabado, e depois devem colocar-se as «telhas» com cuidado, para não se partirem, e dizer depois no fim: «Abriu a Exposição».

2.) Portanto os dois indivíduos do casulo (um tal que é escritor, jornalista e mais coisas, e outro que é artista, dos bons) sózinhos, (os bibliotecários ajudaram... também) não podiam aguentar o peso do casulo.

Conclusões:

1.) O casulo saiu fraco!...

2.) O casulo saiu imperfeito!...

Em resumo, dirão todos: «O casulo não presta».

Presta sim, digo eu. E presta mesmo.

Ora vejamos: Suponhamos que os dois indivíduos do casulo eram muito unidos (e eram mesmo) e que conseguiram levar à construção do casulo (e conseguiram mesmo).

Perguntou-se nos jornais, quem queria habitar o casulo, e vieram muitos (a falta de habitações é enorme) habitá-lo, e felizmente que assim aconteceu.

E a obra não saiu tão imperfeita como se diz. Ora vejamos o que disse o tal...

...Sim, o tal que era jornalista, escritor, (agora crítico) e também, etc., etc.

Ele entrou, olhou e viu!...

Viu os quadros do Louro Artur, onde este artista nos mostra nos dois desenhos que apresenta — Coveiro e Fuga — um vivo exemplo da sua incerteza, motivado certamente pela sua loura idade. Mas dá-nos um estilo próprio, vistoso e totalmente novo. O óleo de «Os Ateus», tem uma boa composição e mostra-nos (ainda que muito simplesmente) traços surrealistas. Cala, calma, não saia ainda o sapateiro da chinela, e faça depois «sapatos» todos mal feitos, e rotos. «O Pensamento», «A locomotiva», e «O Velho Tocando Guitarra», são igualmente dignos de destacar-se.

O tal jornalista... (perdão, crítico)... continuou...

Viu no Oliveira Guimarães, quatro desenhos aguarelados, que são para o futuro do artista, um verdadeiro estímulo. Continuar (hão-de aparecer habitações), que esse estilo, como o do Louro Artur, é digno de evidenciar-se.

No Figueiras, destaca-se o «Divisionismo», que está realmente bom; as três naturezas mortas embora não estejam excelentes, são dignas de ver-se.

João Luís Ramos, é talvez um dos artistas que mais se evidenciam, especialmente na «Marinha da Costa de Caparica», que está incomparavelmente bom; a «Natureza Morta Alentejana» (eu achei-o melhor que o anterior) mostra mais a vista o interessante estilo do artista.

No óleo de Orlando José — outro jovem que promete — vê-se uma interessante composição. Não se compreende, contudo, a ideia deste pintor ao fazer o quadro.

Merece também referência a excelente aguarela de Malheiros, assim como a boa composição do jovem que se assina por Campeão.

Estão, ainda que num plano mais inferior, interessantes, os trabalhos de Tavares da Silva, Louise Russell, Alberto Lázaro e Susette.

...O tal que era tudo (crítico, jornalista, escritor, etc., etc.) saiu entusiasmadíssimo. Os habitantes do casulo tinham deitado por terra aquela tal teoria dos «senhores idosos» de que os jovens actuais, nada valiam.

Na verdade, os dois homens do casulo tinham cumprido. (parece impossível, não parece?).

P. S. — Queria lembrar que as idades dos expositores variam entre os 15 e os 19 anos, salvo um (não me recordo o nome...) que parece já ter ultrapassado a casa dos vinte.

por JORGE CORREIA - DIOGO (16 anos)

PALAVRAS LEVA-AS O VENTO

Sem querer de qualquer forma meter foice em seara alheia, isto é, entrar nos domínios que pertencem ao crítico João, posso dizer que por diversas vezes tenho reparado já no exagero com que muitos dos colaboradores juvenis se servem do verbo *ser* nas suas tentativas literárias.

Mas não fiquem desanimados,

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS

pois esse constitui um dos grandes escolhos de quem se dedica à literatura e talvez não se contem pelos dedos os maiores escritores que conseguiram evitá-lo sempre com êxito.

E o mal não se encontra só na língua portuguesa. André Maurois, logo na primeira página de um dos seus livros emprega em oito linhas o verbo *être* nada menos que sete vezes!

Mas nem sempre, deve frisar-se, o emprego do verbo *ser* constitui fraqueza estilística. Alguns grandes escritores servem-se dele para darem maior relevo a determinada expressão, mais graça, mais sabor popular, mais naturalidade. Assim

procede não raras vezes Almeida Garrett em especial na sua obra «Viagem na Minha Terra» que todo o aspirante a literato deve ter por livro de cabeceira. Outras vezes usa-se como artifício literário, a fim de vincar bem uma ideia. O povo conhece muito bem esse artifício e emprega-o com fartura nas suas quadras e provérbios. De igual forma o conhecia bem Luís de Camões ao escrever o seu célebre soneto:

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente
é um contentamento descontente
é um não querer mais do que bem querer.

Mas uma coisa é servirmo-nos dele e outra muito diferente cairmos nele como numa armadilha. O emprego imoderado do verbo *ser* ou do verbo *ter* (e falo só nestes por serem os mais frequentes) não pode deixar de dar uma ideia de debilidade estilística — que nenhum leitor, ainda o mais compreensivo, perdoa...

Tanto mais que a nossa língua possui riqueza bastante para substituir aqui e ali o verbo *ser*. Uma lista ao acaso: *acompanhar, acontecer, causar, consistir, custar, des-*

cender, estar, existir, ficar, haver, ocorrer, passar, pertencer, produzir, proteger, servir, suceder, valer, achar-se, encontrar-se, tornar-se...

Vem talvez a propósito terminar a crónica de hoje com as palavras com que Agostinho de Campos terminava uma das suas lições sobre o mesmo assunto:

«SEJA como FOR, é preciso não SERMOS distraídos a respeito do verbo SER, que é muito metedico. Assim é que é. É que o estilo tem de SER variado e não SENDO assim. É fácil SER-SE acusado de monotonia estilística, o que não é agradável. Isto é a pura verdade, não é?».

Vinho vinagrão

(Continuação da 1.ª página)

O lavrador ficou desconfiado.

—Então o preto não vai além do pessegueiro? Aqui anda mistério.

Foi espreitá-lo. Viu-o atirar a enxada para longe e dizer:

—Teu amo só te dá pão e vinho vinagrão. Deita-te para aí enxadão!

E punha-se a dormir á sombra do pessegueiro.

O lavrador pensou naquilo e no outro dia ao jantar pôe-lhe um bom ração de carne e um grande copo do melhor vinho da sua adega. A seguir foi espreitá-lo e viu-o despir o casaco, levantar a enxada e dizer:

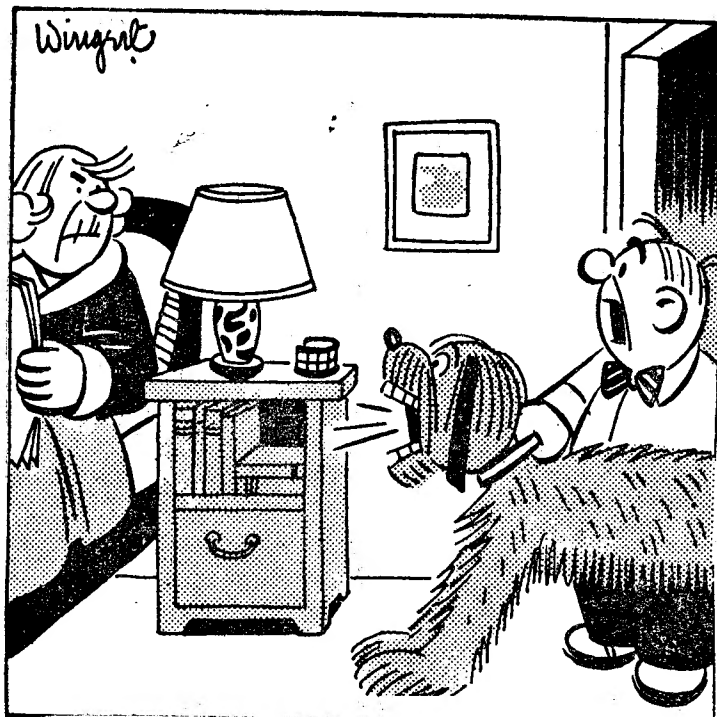
—Teu amo dá-te bom vinho e bom pão. Trabalha para aí, enxadão!

E começou a dar com tanta alma que ao vir da noite a terra estava cavada e pronta para levar a semente.



O RISO DA SEMANA

Medo do cão



— Não se assuste que não é para si que ele está a ladrar. É que ele não pode ver uma dentadura.

UMA VEZ POR OUTRA

Lisboa de outros tempos

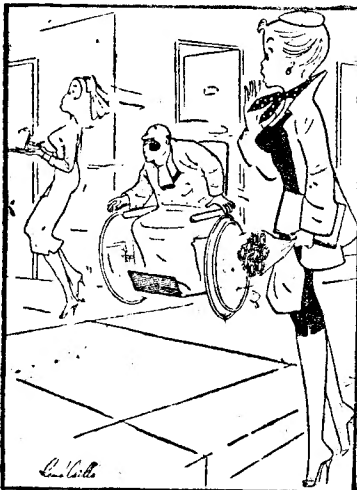
Era nos últimos anos da monarquia e, duas coisas, sobre todas, preocupavam o País: a política e o automóvel, que há pouco fizera o seu advento e já começava a dar que falar pelos desastres que ocasionava. Dias antes do episódio que vamos referir tinha morrido num desses desastres o dr. Artur Leitão, governador civil de Leiria.

O caso que vai contar-se é absolutamente verídico, apesar do seu carácter anedótico. Não corresponderá a verdade em pequenos pormenores, datas, nomes de pessoas e coisas, etc., mas, no fundo, é a perfeita expressão da verdade.

No Parlamento debatia-se um caso da mais alta importância, o contrato dos tabacos talvez, se bem podemos recordar. A agitação era grande e, quando cheirava a escândalo, as galerias do Palácio de S. Bento, enchiam-se, a deitar por fora, principalmente de republicanos que ali iam à caça de argumentos para a sua propaganda.

A certa altura, parece que devido à intervenção dum deputado da oposição, as galerias manifestaram-se ruidosamente e o presidente interrompeu a sessão, mandando evacuar-las.

O ETERNO FEMININO



— Oh! Arô!...

O público saiu e alguns dos republicanos presentes foram solici-precupavam o País: a política e tar aos deputados seus correligionários entrada para a Sala dos Passos Perdidos, a ver em que paravam as modas. Entre eles encontrava-se o dr. Artur Leitão, velho republicano de Coimbra, falecido há poucos anos e que toda Lisboa conhecia, amigo inseparável de Rocha Martins, inflexível republicano e homem de arrogantes e desconcertantes atitudes.

Ao fim de quase duas horas de intervalo, que já devia ter acalmado os ânimos, o presidente reabriu a sessão, mas determinou que se conservassem fechadas as galerias, a fim de evitar novos tumultos. Artur Leitão ansiava por assistir ao debate, mas, não podendo entrar nas galerias, de onde fora despejado momentos antes, não hesitou em ir instalar-se na galeria privativa dos antigos deputados e dos governadores civis de então, que estava deserta.

Não tardou, porém, que o presidente da Câmara, o conselheiro Pizarro, se não estamos em erro, o lo brigasse. Admirado por ver ali uma cara desconhecida chamou o contínuo da presidência e encarregou-o de investigar quem seria aquele antigo deputado ou aquele governador civil que ele nunca tinha visto. O contínuo tratou imediatamente de se desempenhar da sua delicada missão e abrindo a porta que dá para a tribuna, com aquela urbanidade de pessoa habituada a lidar com as mais altas personalidades do regime, interpelou o dr. Artur Leitão:

— Desculpe V. Ex. mas o senhor presidente manda perguntar quem é V. Ex. para estar aqui nesta tribuna?

— Ora essa, respondeu Artur Leitão com aquele panache que lhe era peculiar, eu sou o dr. Artur Leitão, falecido governador civil de Leiria!

— Queira V. Ex. desculpar, acudiu o contínuo, é que o senhor presidente não conhecia V. Ex.

E, voltando à sala, elucidou o presidente:

— Está muito bem. É governador civil.

E Artur Leitão assistiu tranquilamente ao resto da sessão memorável na sua qualidade de falecido governador civil de Leiria.

A. F.

Variações em Sol

Este ano não há Verão!
Pronto! Já está resolvido,
Mas há uma nova estação
Chamada Variação
Que é este Maio florido.

Não há frio nem Inverno,
Primavera também não,
Mas neste tempo moderno
Vive a gente neste inferno
De usar shorts ou gabão.

Florescem no campo as matas,
Abre o olho o girassol,
Mas vai a gente p'ras as praias
Elas, coitadas, de saias
E cá nós de cache-col.

É o tempo que anda a mangar
Num permanente despique
E a gente sempre a hesitar
Sem nunca poder marcar
O dia do piquenique.

Cá pela minha vontade
Acabava a mangação.
Que isto ou há moraldade
Ou no campo e na cidade
Temos de ter sempre V'ção.
A. F.

Hóquei

Parece bem demonstrado
Por equipas bem idóneas
E é por certo bem seguro
Que do hóquei o futuro
Está mas e nas colónias.

Perguntar por perguntar

Ha porventura alguém, sem ser os médicos, que venda saúde?

Se o pão fresco é quente porque é que uma tarde quente não é fresca?

Se o futebol se joga com os pés, como é que se ouve dizer que este ou aquele jogou com inteligência? Em que ficamos?

É possível que um preto veja tu do cor de rosa?

A AMIZADE DELAS

— Estou a envelhecer, lamentava-se aquela pobre senhora que já passara dos 35 anos. Dia a dia me vou pondo mais feia.

— Ó filha, acudiu logo a amiga, isso não é possível, não, não é possível...

Restaurante Tripa-Forra

Comunica aos seus estimados e habituais clientes que tem os seus salões reservados, amará, para um jantar de casamento, não podendo por esse feliz acontecimento servir os fregueses que todos os dias lhe dão de comer.

NO CIRCO



— Esteja á sua vontade, m.elle que não me tira a vista do espectáculo...

Baile de caridade

— Tens que me deixar ir ao baile. É uma festa de caridade. Se não vou morro, juro-te.
— Sufa, acudiu logo o marido. Seria o cúmulo da caridade.

Optimismo

Ele era um optimista. Não tinha medo dos raios porque filosofava: — Se em toda a minha vida de 70 anos nunca me caiu em casa a sorte grande, porque diabo hei-de ter medo que me caia uma faisca?...

NO RESTAURANTE



— E para acompanhar o que é que vai ser?

DEFINIÇÃO

A bengala é um guarda-chuva nudista.

A verdade dos provérbios

Diz-me com quem andas que eu quero saber as manhas que eles têm.

Quem corre por gosto não cansa... os outros.

Não ná amor como o primeiro que a gente esquece.

Se a inveja fosse tinha todo o mundo era careca.

É dos carecas ricos que elas gostam mais.

Quem tem amores não dorme só zinho.

Fia-te na virgem e corre e verás o trambulhão que apanhas.

Todo o mês volta outra vez, mas a gente, ás vezes, é que já cá não está.

O que não se faz em dia de Santa Luzia faz-se no outro dia se ainda for a tempo.

A justiça do director

O director era uma fera para os seus subordinados, e para o publico, mas, quando alguém recorria para ele queixando-se de que o seu assunto não se resolvia e que isso o estava prejudicando grandemente, já se sabia que era sempre atendido e de aí o dizer-se que embora ríspido e antipático o director era dotado dum grande espirito de justiça e ninguém em vão apelava para ele. Só depois se descobriu que aquilo não era nada espirito de justiça, mas apenas aproveitar a ocasião para dar um cheganço ao subordinado pouco expedito.

A volta ao Mundo (3)

Bélgica

SUPERFÍCIE — 30.547 quilómetros quadrados.
POPULAÇÃO — 8.351.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Bruxelas, capital (1.340.000 habitantes); Antuérpia (800.000); Liège (445.000); Charleroi (282.000); Gand (230.000).

GOVERNO — A Bélgica é uma monarquia constitucional. O poder executivo compete ao rei, auxiliado pelo Conselho de Ministros responsáveis perante o Parlamento — Senado (175 membros) e Câmara dos Representantes (212 deputados eleitos em sufrágio directo). O rei Balduino sucede ao seu pai, o rei Leopoldo, ainda vivo, após uma crise que ameaçou a própria dinastia.

CLIMA — A Bélgica encontra-se na divisória dos climas frios da Europa, com uma média de 10° centígrados. No Verão a temperatura extrema é de + 37° e no Inverno é de - 29,8° c.

ESCRITORES — Como a Bélgica tem duas línguas, tem igualmente duas literaturas. Desde a independência política, em 1830, os escritores mais notáveis: Emile Verhaeren (1855-1916); Maurice Maeterlinck (1862-1949).

ARTISTAS — A arquitectura na Bélgica tem monumentos notáveis, como a catedral de S. Gúdula, em Bruxelas, no gótico. Na arquitectura moderna, igualmente são notáveis as construções, como a Bolsa e o Banco Nacional, em Bruxelas, e o Palácio da Justiça.

Na pintura há nomes universais: Jan Van Eyck (1386-1440); Roger Van der Weyden (1390-1464); Hans Memling (1435-1495); Quentin Metsys (1460-1531); P. P. Rubens (1577-1640); Jordaens (1593-1678); Van Dyck (1599-1641); Brueghel (1532-1569); David Teniers (1610-1690). Na escultura, François Duquesnoy (morto em 1646); Arnout Quellin (morto em 1668).

INDÚSTRIA — A indústria da Bélgica está muito desenvolvida. Conta 250 mil estabelecimentos industriais, heles trabalhando 1.010 mil operários. Aço, fibras, vidros, adubos, maquinaria, rendas, tecidos.

CAMINHOS DE FERRO — A rede ferroviária é de 14.234 quilómetros.

OROGRAFIA — Os pontos mais altos do território belga são, nas Ardenas, o Burauque Michel (675 metros) e Botrange (791 metros).

RIOS — O principal curso de água é o rio Mosa, com 925 quilómetros.

LÍNGUAS — As línguas faladas são o francês e o flamengo.

RELIGIÃO — A maioria dos Belgas são católicos.

EDUCAÇÃO — Há na Bélgica 4 universidades oficiais e 2 particulares. A educação primária é obrigatória.

MOEDA — A unidade monetária é o franco belga.

HERÓIS NACIONAIS — A Bélgica, desde a sua independência, tem como personagens culminantes na sua história, Leopoldo II, o rei que consolidou o país e lhe deu o Congo; e Alberto I, que defendeu a independência na primeira guerra mundial.

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

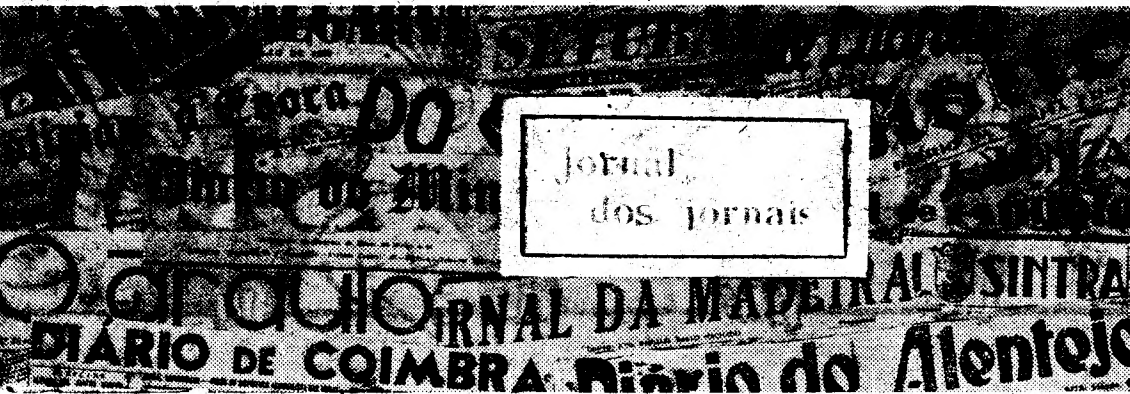
Greta Garbo

Em 1905, nascia em Estocolmo, na Suécia, uma rapariguinha a quem foi dado o nome de Greta Gustafsson.

Largo futuro lhe estava reservado e a sua biografia é bem conhecida dos cinefílos seus admiradores, que são aos milhares. Todos lamentam que a Bela Adormecida desaparecesse da tela. Contratos astronómicos procuram tentá-la, mas ela resiste sempre.

Rodeado de mistério, não se conhece bem as razões porque Greta Garbo não é entrevistável.

Há talvez 16 anos que não faz um filme. A solidão a que se entregou é filha dos seus sentimentos, mas tudo isso lhe dá publicidade. Nas raras ocasiões em que aparece em qualquer festa ou restaurante, interrompem-se as conversas, porque todos a querem admirar.



Paraíso de crianças a bordo de um navio de guerra

É verdade que um navio de guerra se pode transformar num paraíso para crianças. É verdade, porque tivemos ocasião de o verificar ontem, ali no Cais Gorrão, a bordo do «Newfoundland». Num gesto difícil de classificar, porque ele não foi apenas simpático, mas extraordinário, inedito mesmo, entre nós, a tripulação dos navios de guerra ingleses, surtos no nosso porto, deram ontem à cidade de Lourenço Marques uma lição estupefata de como a paz pode vencer a guerra, com uma facilidade espantosamente humana.

O que foi feito para matar, transformaram os marinheiros ingleses em parque infantil, em mundo de maravilhas e de inocência. Vejam só, aqueles homens treinados para a guerra, que de uma hora para a outra podem ser chamados a entrar em luta de morte aberta com outros homens, porque isso lhes foi ensinado, transformados em «piratas de brincar», verdadeiros piratas no traje e até nas adagas e nas palas negras sobre os olhos, recebendo as crianças

e acompanhando-as a todos os folguedos em que transformaram as baterias de combate.

«Piratas» velando pelos pequenos de hoje, e homens de amanhã, que se baloçam alegremente sobre os canos das peças antiaéreas, que fazem aboragens para o gasolina que os leva de passeio pela baía, que lhes oferecem uma sessão de cinema, que lhes servem café com leite e torradas, bolos e refrigerantes, que lhes proporcionam inesquecíveis momentos de sa alegria.

É verdade, leitor. O «Newfoundland» deixou de ser arma de guerra para se transformar num paraíso de poesia, paz e sossego, durante algumas horas.

Pelo que vimos, e pelo que pensamos ver, para além do gesto extraordinário daqueles homens treinados para «tudo», pela lição que ontem ofereceram aos homens de boa vontade, agradecemos. Obrigado, pois, em nome das nossas crianças, dos homens de amanhã.

(«Notícias», de Lourenço Marques).

Memorial

Há uns quinze dias foi inaugurado, ali para os lados do Depósito de Água, um pequeno bairro de 12 casas — o «Bairro de Santa Bárbara». Trata-se de uma iniciativa particular, e essa duzia de habitações destina-se exclusivamente a mineiros, que têm como avalista a empresa concessionária das minas de lenhite do Espadanal.

No entanto, quisemos aqui registar este acontecimento. As casas são simples mas decentes, e têm um ar tão lavado e são tão alegremente batidas pelo sol, que, para os seus humildes habitantes, comparadas com as barracas onde viviam, são quase palácios.

A entrega das casas deu origem a uma festa de comovedora simplicidade. Presentes os habitantes do novo bairro, com o seu meio cento de crianças, e alguns vizinhos e amigos. Depois de ter abençoado as habitações o reverendo pároco da freguesia disse algumas palavras apropriadas e o sr. engenheiro director da mina também falou como de amigo para amigos.

E foi tudo. Mas que belo seria que surgissem mais bairros seme-

lhantes a este, que permitissem que acabassem definitivamente essas imundas barracas e paróios que enzoalhavam a nossa terra e diminuíam os que neles têm de viver — se é que isso se pode chamar viver.

(O Riomaioense, de Rio Maior).

O preço dos géneros

LAGARES DA BEIRA — Realizou-se o mercado mensal com larga concorrência tendo por isso sido feitas muitas transacções. Os géneros foram vendidos aos preços seguintes: queijo da Serra, entre 16 e 25\$00 o quilo; requieijos, cada 2\$00; ovos, duzia 8\$40; carne de lombo de porco 24\$00 o quilo; cabrito, quilo 16\$00; bananas, quilo 8\$50; laranjas, cada \$50; feijão seco entre 50 e 80\$00 o alqueire; feijão verde, quilo 5\$00; grão de bico, quilo 6\$50; milho, alqueire 28\$00; semente, cada 1\$50; pão de boroa, cada 2\$50; pão trigo-milho, cada 2\$50; bolos doces da região, cada 1\$50 e 2\$50; cebola, arroba 4\$50; fava, quilo 2\$50; aguradente, litro 9\$00; vinho, litro 3\$20, etc.

O gado suíno miúdo continua a vender-se por elevado preço. — (C.). (Diário de Coimbra, de Coimbra)

A propósito de cartas e selos

Há várias perguntas que nos têm feito (um considerável sector do publico supõe que o jornalista é capaz de responder a tudo) que endossamos a quem souber responder.

1. — Por que motivo paga uma carta de avião 3\$50 daqui para Lisboa e 2\$50 de Lisboa para aqui? (A mesma pergunta também é verdadeira se substituímos a capital portuguesa pela capital de Angola. E entre qualquer dessas localidades, se a carta não viajar pelo ar, paga sempre o mesmo: 1\$00).

2. — Por que motivo nunca se encontram selos da taxa de 3\$50? (Habitualmente vende-se essa taxa em 2 ou 3 selos, o que, além de obrigar a um despropositado desperdício de cuspo conduz a uma perda de tempo absolutamente incompatível com os tempos correntes. Uma carta que pese 11 gramas é vulgar ser portadora de 7 enormes estampilhas. Portanto, quem tiver 10 cartas para pôr no correio, com esse peso, o que não é muito, terá de colar a bagatela de 70 selos!...).

3. — Por que motivo, fechando a mala aérea às 19 horas, a venda de selos fecha às 18? (De que vale a alguém pôr uma carta no correio a determinada hora se não há em toda a cidade quem venda selos o tal hora?).

As perguntas aí ficam. Quem souber que responda.

(Notícias, de Lourenço Marques)

Curiosidades

Arco-iris de cigarros

Em Bonn, encontram-se á venda neste momento cigarros de 255 marcas. Um verdadeiro «recoer» de variedade na manufactura de cigarros.

Novo tipo de ascensores

Acaba de surgir em Inglaterra um novo modelo de ascensores, que dispensam o «poço» tradicional, substituído por um muro de aboio, graças a um dispositivo electromagnético, que permite iniciar a ascensão logo que as portas se fechem.

Luzes reflectidas

Uma firma norte-americana lançou agora novas cores de tintas que reflectem a luz e se destinam a anúncios, letreiros, cartazes, etc. Estas tintas ainda só se encontram no mercado em cinco tons: verde, amarelo, cinzento, branco e prateado.

Insecticidas e insecticidas...

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos descobriu quatro novos insecticidas, que têm sobre os anteriores a vantagem de uma maior eficácia, sendo, no entanto menos tóxicos, para os animais de sangue quente e inofensivos para a espécie humana. Quando chegarão até nós estes novos produtos de certa voga já no continente americano?!

Um museu diferente

O dr. Solórzono, adepto da papiroflexia, acaba de oferecer á Espanha o seu museu de figuras de papel. Entre estas, há algumas colecções de imagens de Colombo e D. Quixote, executadas dentro de moldes geométricos e escultóricos.

A FIGURA DA SEMANA

Christian Herter

Em Genebra a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros transformou-se num diálogo Gromeko-Herter. O primeiro tem uma larga experiência e provas dadas em conciliabulos desta natureza. O segundo, que conhece profundamente os seus «dossiers» e os serviços da Secretaria de Estado, está longe de, nesse ponto, rivalizar com ele. Mas a sua calma, a sua firmeza e a sua ponderação impuseram-se desde o primeiro momento. O secretário de Estado americano, que recebeu a pesada herança de um antecessor duro, introduziu, manifestamente, nas conversações internacionais um estilo diferente e louvável.

O seu primeiro cuidado consistiu em pôr de parte por inuteis as grandes frases que se tinham tornado constantes verbais da política americana e as quais não correspondiam a qualquer conteúdo sério — as re-



presaltias maciças, em que ninguém acreditava, e a diplomacia á beira do abismo, que tanto contribuiu para desacreditar o Ocidente no diálogo inevitável com os Soviéticos. Isso não impede o sr. Herter de ser firme, sem para tanto tirar da guarda-roupa das vestes ultrapassadas as que pior podem servir para enroscar a sua causa.

A sua educação e o seu temperamento, primorosa a primeira, calma o segundo, criaram-lhe uma apreciável margem de crédito que muito pode contribuir para o êxito das conversações em curso. Estas põem em jogo, não só os interesses das grandes potências, mas a paz do Mundo. Tanto basta para as seguir com atenção vigilante, visto que a paz não diz apenas respeito aos dirigentes, mas também aos povos que querem vê-la assegurada, para além das névoas e dos equívocos da guerra fria que tantos estragos causara durante os catorze anos que decorreram desde o fim da última conflagração.

Papel químico

Um dos grandes inconvenientes do papel químico é a tinta que dele se desprende e que suja desagradavelmente os dedos de quem o manuseia. Agora, porém, na Feira Industrial de Hanover, fabricantes alemães apresentaram pela primeira vez papel químico cujas cópias saem de uma imaculada limpeza, a tal ponto que se pode passar-lhes a palma da mão por cima, sem esta ficar mascarada. O segredo é simples: este papel químico possui, como forro, um delgado reservatório que contém plástico líquido, o qual imediatamente recobre as cartas dactilografadas.

Os cabos que ligam a Europa aos Estados Unidos para serviço telegráfico e telefónico

Está agora a ser lançado um cabo telefónico entre a Europa e os Estados Unidos. Custa essa ligação uns 20 bilhões de francos, ficando propriedade conjunta da American Telephone and Telegraph, e do Ministério dos Correios e Telégrafos da Alemanha Federal e da França.

O cabo para a nova ligação foi fabricado por quatro sociedades: uma americana, uma inglesa, uma alemã e uma francesa. A fábrica desta última achase instalada em Calais e a sua parte fabricou 1.855 quilómetros de cabo, para o que trabalharam 250 pessoas durante um ano.

Os precedentes

Data de 1851 o estabelecimento do primeiro serviço telegráfico submarino entre Calais e Dover, ligando a França e a Inglaterra. Surgiu a ideia de transportar os milhares de quilómetros e ligar a Europa com a América, o que muitos acharam temerário; e de facto era empresa de tomo a construção e lançamento de 4.500 quilómetros de cabo submarino, a profundidades que às vezes iam a milhares de metros!

Mas a ideia tomou corpo e as marinhas inglesa e americana receberam ordem para realizar as sondagens e determinar o perfil dos fundos em que a linha iria assentar.

Depois estudou-se o problema da construção dos cabos e qual a sua composição. Os pormenores foram estudados pelos engenheiros Brett, Bright e Field, encarregados pela companhia criada com o capital de 350.000 libras — a Atlantic Telegraphic Company.

A distância entre Valencia, na costa oeste da Irlanda, e Trinity Bay, os dois pontos extremos da linha, é de 2.960 quilómetros, mas atendendo ao perfil do fundo do mar calculou-se em 4.500 quilómetros o cabo necessário para a ligação.

O fabrico do cabo foi confiado à Gutta-percha Company, de Londres. Decidiu ela construir o cabo com sete fortes fios de cobre, apertados e envolvidos em invólucros de gutta-percha. O peso do cabo era de 190 quilos por 1.600 metros. O conjunto era depois envolvido numa tela coarctada embebida em cera, alcatrão e óleo.

O comprimento total dos fios de cobre e de ferro utilizados no fabrico atingiu cerca de cinco milhões e meio de quilómetros; poder-se-ia com eles dar 13 vezes a volta à circunferência da Terra e muito mais do que o necessário para a Terra ser ligada à Lua.

Resolvido o fabrico dos cabos, houve que pensar na escolha dos navios que os poderiam lançar. E

não foi das tarefas menos difíceis. Os governos inglês e americano entenderam-se para arranjar a flotilha necessária baptizada com o nome de «Esquadra do Cabo». O almirante forneceu o «Agamemnon», navio a hélice que recebeu metade do cabo. O «Leopard» servia de navio esclarecedor, e o «Cylops», navio utilizado para as sondagens e estudos oceanográficos. O governo americano pôs ao serviço da empresa o maior navio da sua frota o «Niagara», de 5.200 toneladas, acompanhado de uma fragata a vapor.

O lançamento do cabo

Para o fabrico dos cabos utilizou-se o aparelho que servia para os cabos da indústria mineira dessa altura; mas havia que criar o aparelho para desenvolver os cabos e os descer ao fundo do mar.

O «Niagara» e o «Agamemnon», a bordo dos quais foram instalados os cabos, partiram em Julho de 1857, o primeiro da costa irlandesa, o segundo iria começar a operação no meio do oceano.

Para o lançamento do cabo os navios seguiram com a velocidade de 4 a 5 nós. A operação de lançamento parecia muito simples, mas depararam-se muitas dificuldades. O cabo rompia-se por vezes e era preciso interromper a operação para reparação.

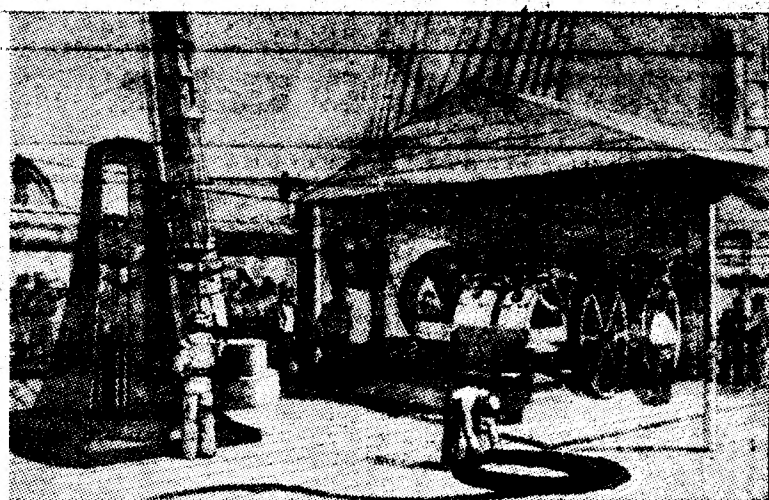
Essa operação do lançamento do primeiro cabo transatlântico honra os engenheiros que a estudaram e realizaram e os marinheiros que executaram suas ordens.

Depois foram os electricistas que entraram em funções. Tiveram suores frios. O cabo era mudo e nas primeiras semanas nada quis saber nem transmitir, a despeito de, durante o lançamento, a ligação com terra se ter feito regularmente. Só após várias semanas de ensaios e tentativas se conseguiu lançar uma correspondência através dos mares com a média de seis palavras por minuto.

Finalmente em 18 de Agosto de 1858 a primeira mensagem atravessava o Atlântico e no dia seguinte a rainha Vitória e o presidente dos Estados Unidos trocavam saudações. Nos dois meses seguintes transmitiram-se 752 comunicações entre os dois continentes. E em 20 de Outubro o cabo emudecia de novo... A corrente de alta tensão utilizada queimara o invólucro e o isolador a 480 quilómetros da costa irlandesa. Aí o cabo estava a uma profundidade de 2.800 metros.

Mas não houve desanimo e outras linhas foram lançadas para as Índias, para Malta, Alexandria. E em 1865 iniciava-se o lançamento de novo cabo. Desta vez foi o «Great-Eastern» o navio que realizou a operação.

Desde essa operação de 1858 a 1865 ao lançamento do novo cabo telefónico pelo navio «Ocean-Layer» é grande o caminho percorrido, mas não podem esquecer-se os esforços dos pioneiros de há um século...



Aparelho instalado a bordo do «Agamemnon», para o lançamento do primeiro cabo submarino

De uma semana para a outra

DIA 23

EM PORTUGAL — O dr. Oliveira Salazar fala aos dirigentes da União Nacional * O Presidente da República inaugurou obras de rega no Maranhão e em Montargil * Começou em Coimbra o II Colóquio Internacional de Arte * Pat Smith conquistou o Grande Prémio do Concurso Hípico Internacional.

NO ESTRANGEIRO — Portugal conquistou, em Montreux, o Campeonato de Hóquei em Patins * O ministro dos Estrangeiros soviético, André Gromyko, conferenciou com Von Brentano, ministro dos Estrangeiros da Alemanha Ocidental * O general Teixeira Leott anunciou que será candidato à Presidência da República do Brasil * Em Buenos Aires, a polícia teve de utilizar as armas para conter os grevistas.

DIA 24

EM PORTUGAL — O bispo de Coimbra foi homenageado pelos seus diocesanos em Lisboa * Terminaram os trabalhos do XIV Congresso das Obras de Protecção às Raparigas * Os «Cameron Highlanders» desfilaram nas ruas do Porto * Foi inaugurado o hospital sub-regional da Azambuja * Em Monsanto caiu uma avioneta, ficando ilhados os tripulantes.

NO ESTRANGEIRO — Morreu em Washington o antigo secretário de Estado, John Foster Dulles * A conferência de Genebra interrompe os seus trabalhos para os ministros irem aos funerais de Foster Dulles * MacMillan sugeriu para a conferência de alto nível, um hotel da Escócia * Sentiu-se um grande abalo de terra no Sul do México e América Central.

DIA 25

EM PORTUGAL — Foram nomeados governadores-civis de Ponta Delgada e Viana do Castelo, respectivamente os srs. major Araújo Bacelar e eng. Vasconcelos Raposo * Partiu para o Brasil o comodoro Sarmiento Rodrigues que vai proferir uma conferência no Gabinete Português de Leitura do Rio * Na estrada Vimioso-Bragança, voltou-se uma camioneta tendo morrido 3 pessoas e várias ficaram feridas * No Instituto Britânico foi inaugurada uma exposição de aguarelas inglesas sobre motivos portugueses * A equipa portuguesa ganhou a Taça de Ouro de Península no concurso hípico de Lisboa.

NO ESTRANGEIRO — Chegou à Albânia o presidente do Conselho soviético, Nikita Kruchchev * Em Genebra Herter acusou Gromyko de fomentar a terceira guerra mundial * O general Franco visitou o pavilhão de Portugal na Feira do Campo.

DIA 26

EM PORTUGAL — Anuncia-se a vinda do presidente Kubitschek do Brasil, a Portugal, para as comemorações Henriquinas * Anuncia-se a

visita do imperador da Etiópia a Lisboa para os fins de Julho * Chegaram a Lisboa as bandas regimentais inglesas.

NO ESTRANGEIRO — O ex-rei Leopoldo da Bélgica anunciou ser sua decisão abandonar o palácio real de Laeken * Os quatro grandes decidiram prosseguir na conferência, mas em sessões secretas * «Le Monde» diz que o objectivo da viagem de Kruchchev aos Balcãs é neutralizar essa região.

DIA 27

EM PORTUGAL — Uma violenta tromba de água, em Rio-bom, concelho de Lamego, causou grande devastação, seis mortos e muitos feridos * O Presidente da República presidiu à sessão do aniversário da «Revista Militar» * O prof. David Peres, deu a última lição na Faculdade de Letras de Coimbra.

NO ESTRANGEIRO — Em Washington houve os funerais de John Foster Dulles * Nikita Kruchchev disse que a Rússia instalará bases de foguetes na Albânia, se os Americanos as instalarem em Itália * Em Buenos Aires foram demitidos 26.000 bancários em greve * A esposa do adjunto do adido naval soviético em Londres, pediu asilo à Grã-Bretanha.

DIA 28

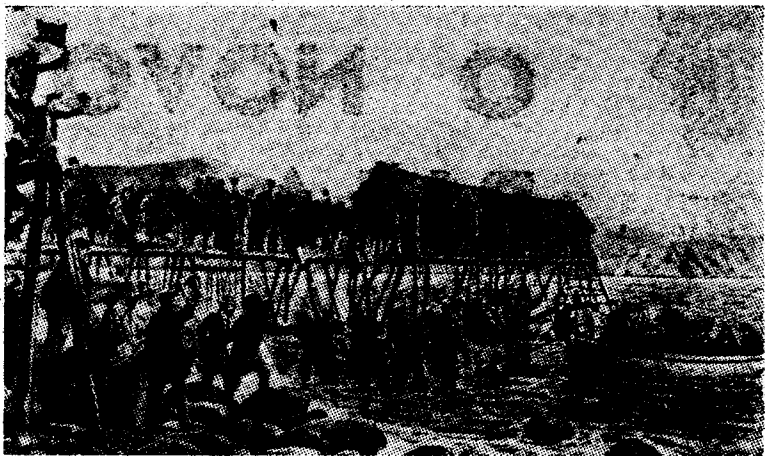
EM PORTUGAL — Na Avenida da Liberdade, desfilaram 20.000 homens das forças armadas * No Porto houve também parada comemorativa do 28 de Maio * Em Lisboa, a procissão do Corpo de Deus realizou-se este ano apenas na Sé * No Pavilhão dos Desportos exibiram-se as bandas escocesas.

NO ESTRANGEIRO — Os Estados Unidos lançaram um projectil com duas macacas: subiu a 480 quilómetros, a uma velocidade de 16 mil quilómetros horários. As macacas foram recuperadas raias de Dulles * Eisenhower ofereceu um almoço aos estadistas que foram aos funerais de Dulles * Eisenhower manifestou esperança nos trabalhos de Genebra * Os «quatro» ministros partiram no mesmo avião para Genebra; conferenciaram sobre o Atlântico * O testamento de Dulles revela bens no total de 238.000 dólares * Pierre Chalmet foi nomeado ministro do Interior e Henri Rochereau ministro da Agricultura do governo francês.

DIA 29

EM PORTUGAL — Foi inaugurada a Feira das Indústrias Britânicas, em Lisboa * Seguiu para a União Sul Africana o embaixador de Portugal dr. Henrique Queirós.

NO ESTRANGEIRO — Os ministros dos estrangeiros das Quatro Potências voltaram a Genebra * No desafio de futebol, em Los Angeles, a Inglaterra ganhou aos Estados Unidos por 8-1 * Entre Djakarta e Bandung, um desastre de caminho de ferro custou a vida a 185 pessoas e há 200 feridos.



A chegada do primeiro cabo transatlântico à costa americana, segundo uma gravura da época

As línguas mais faladas no Mundo

A língua mais falada no Mundo é o chinês, embora pouco se fale fora da China. São 500 milhões os que utilizam o chinês para exprimir as suas ideias. De notar é, todavia, que o chinês é antes um grupo de línguas, com diferenças mais acentuadas do que têm entre si algumas das línguas latinas. Distingue-se nas línguas sinicas um grupo de quatro principais idiomas e mais de 200 dialectos.

Ao chinês segue-se o inglês, falado como língua própria dos 250.000.000 de pessoas, mas por muitos mais. É na realidade a língua mais falada em todo o Mundo e até por maior número de pessoas, se atendermos ao número daquelas que a falam como meio de comunicação apenas.

O russo é falado por 200 milhões.

O hindu, falado na Índia e Paquistão, é a língua de 180 milhões. O espanhol, falado na Espanha, América Espanhola, Filipinas, no Norte de África, é a língua de 150 milhões de pessoas.

O alemão é a língua de 100 milhões, e talvez a terceira língua do Mundo como meio de comunicação, depois do inglês e do francês.

O japonês é falado por 90 milhões.

O português é falado por 75 milhões, no Brasil, Portugal e territórios portugueses da África, Ásia e Oceania.

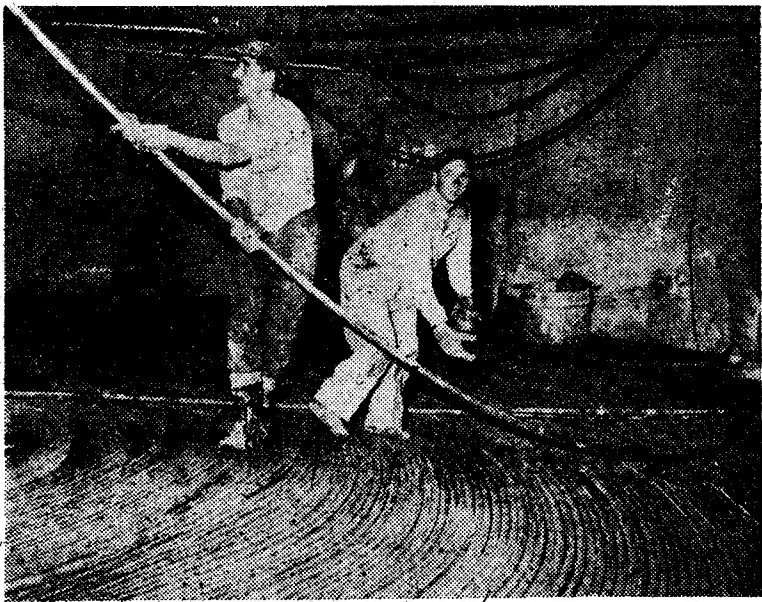
O francês, falado em França, parte do Canadá, parte da Suíça e Bélgica, Haiti e colónias francesas, é falado por 70 milhões de pessoas como língua materna. Na realidade o francês é a segunda língua mais falada no Mundo, depois do inglês, se atendermos àquelas que

são capazes de se exprimir nesse idioma.

O bengali, da Índia e Paquistão, é falado por 70 milhões de pessoas. O árabe, do Norte de África e Levante, é de 65 milhões.

O italiano é a língua materna de 60 milhões.

Línguas que já foram grandes, como o latim, e hoje é de eruditos, sem ser a língua materna de ninguém. O grego é ainda falado como língua materna de oito milhões...



A bordo do navio inglês «Ocean-Layer», operários especializados procedem ao enrolamento do novo cabo que tem estado agora a ser lançado, para o serviço telefónico transatlântico

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

Pegadas imperfeitas não apagam o rastro do criminoso

-DEVE ter acontecido alguma coisa! — futura-va a mulher, cuja voz trémula denotava grandes apreensões. Foram ontem para o paul e Joe, embora mo tivesse prometido, não veio dormir a casa.

—Deixe-se ficar e não se preocupe, que nós vamos dar uma volta por lá!

E os dois vizinhos, mais para sossegarem a mulher de Joe Martin, guarda federal da reserva de caça de Okefenokee, na Geórgia, do que por outra coisa, saíram à procura dele e do seu companheiro, outro guarda, chamado Andy Crews. Ambos conheciam bem aquela região, pantanosa, e o facto de não terem voltado nessa noite não seria motivo para alarme, pois talvez tivessem ido em perseguição de alguém que desrespeitasse a lei venatória e pernoitasse numa das cabanas dos caçadores de peles. Percorridos apenas uns quilómetros pela estrada à beira do

pois não deixaria o revólver no coldre se deparasse com um estranho armado aqui no paul!

*

Desde que fora proibida a caça em Okefenokee, haviam sido presos muitos habitantes da região. Não teriam os guardas surpreendido algum homem culpado de infracção anterior, que os alvejou quando o intimavam a parar?

Os investigadores espalharam-se por ali, em busca do cadáver do segundo guarda, e descobriram-no apenas a uns quinhentos metros de distancia. O corpo de Martin estava, também, de face voltada para o chão. Fora assassinado com um tiro nas costas, enquanto corria sobre o terreno procurando abrigar-se entre as árvores.

—Reparem como as suas pegadas são profundas e sem sinais dos calcanhares! — observou DeLoach. — Vê-se que corria quanto podia, procurando escapar.

ligeiros indícios, os investigadores encontraram provas importantes. E começaram imediatamente a procurar o tal homem dos sapatos de bicos recurvos por todas as barracas espalhadas pelo paul. A tarefa era difícil e aborrecida. Havia, contudo, uma vantagem, a qual consistia em que o assassino, por andar a pé, vivia, provavelmente, dentro de um raio de poucos quilómetros da cena do crime. Por vezes, tiveram de se deslocar sobre pistas traiçoeiras inçadas de cobras venenosas ou servindo-se de barcos, sendo preciso desvencilhar-se dos ramos que os fustigavam e afugentar milhões de insectos terríveis a zumbirem-lhes aos ouvidos.

Vários habitantes foram sucessivamente interrogados, sem resultado, até que descobriram uma caba-

na defendida por forte cercado, colsa pouco vulgar naquelas paragens. Ao chamamento dos agentes acudiu um homem velho, de pele curtida, olhos claros e vivos. Estava descalço e disse chamar-se Oliver Thrift. Tinha sessenta e quatro anos, era caçador de peles e dono de gado.

—Mostre-nos a sua espingarda! — exigiram os agentes.

Era uma arma de calibre doze e tinha os canos enegrecidos pelo fumo da pólvora queimada recentemente.

—Onde estão os seus sapatos?

—Nunca uso sapatos no Verão! Após uma busca, foi encontrado um par de sapatos que tinham secado ao Sol e cujas biqueiras se recurvavam para cima. Havia, além disso, uns travessões nos saltos

perfeitamente adaptáveis aos moldes.

—Venha daí, Thrift! Está preso como assassino!

O velho nem sequer esboçou um protesto a favor da sua inocência em face dos moldes das pegadas e das buchas da espingarda. E confessou o crime:

—Andava à procura do meu gado — foi contando —, quando me viam. Levava comigo a espingarda, apenas para me proteger de qualquer perigo. Disseram que me iam prender por andar à caça... e nem sei o que aconteceu... Disparei contra Crews, e quando Martin tentou fugir fui atrás dele, atirando novamente.

Thrift foi condenado, pelo juiz Alexander Akerman, a prisão perpétua.

Texto integral do conto de Fred Dickenson

grande paul, o qual cobre uma área de cento e oitenta mil hectares, um deles chamou a atenção do outro: —Aquele carro ali parado não é o do Joe?

Era, efectivamente, o carro de Martin, abandonado na berma, com as portas abertas e a chave da alumagem no seu lugar. Um dos homens, Draw, verificou que estivera ali durante toda a noite. Concordaram que aquilo não era bom sinal e, deixando o seu próprio automóvel perto do outro, seguiram a pé pela estrada, para atravessarem o ribeiro Cane, equilibrando-se sobre penedos escorregadios, em direcção a uma clareira próxima. De repente, surgiu-lhes o corpo de Crews, de borco, com o rosto no chão, morto por um tiro de espingarda, tendo ainda o revólver no coldre. Nem quiseram saber de Martin e voltaram logo em busca de auxílio.

Daí a pouco chegavam ao local o xerife, E. W. Johnson, de Vare; o agente da Polícia Federal, D. K. Brown, e o chefe, J. G. DeLoach. Logo concluíram ter sido o guarda assassinado, na noite anterior, por alguém que se encontrava na clareira.

—Aqui não há onde qualquer pessoa se possa esconder — observou Johnson. — Crews deve ter conhecido o homem que o matou.

—Apenas com um revólver contra uma espingarda, aqui, em campo aberto, que havia ele de fazer? — concordou Brown. — E não conseguiu escapar!...

Havia dinheiro nos bolsos das duas vítimas, e isso excluía, naturalmente, a hipótese do assassinio com o móbil do roubo. Além disso, a senhora Martin sustentou, no interrogatório, que o marido não tinha quaisquer inimigos, pelo menos conhecidos, e assim os investigadores magicavam e inquiriam uns dos outros sobre quem seria o assassino e como poderiam identificá-lo.

—Vamos examinar cuidadosamente o terreno — decidiu o xerife. — E' terrea mole e deve haver, também, pegadas do assassino.

Realmente, tinha razão, pois, junto do corpo de Martin, viam-se pegadas nítidas, ainda frescas, que deviam ser do autor do crime. Foram estudadas com todo o interesse.

—A ponta dos sapatos deve curvar-se para cima, á maneira das chinelas turcas — observou DeLoach, apontando para os outros as marcas no terreno:

—Vêem? Apesar de também ir a correr, em certos sítios a ponta do sapato não deixou vestígios!...

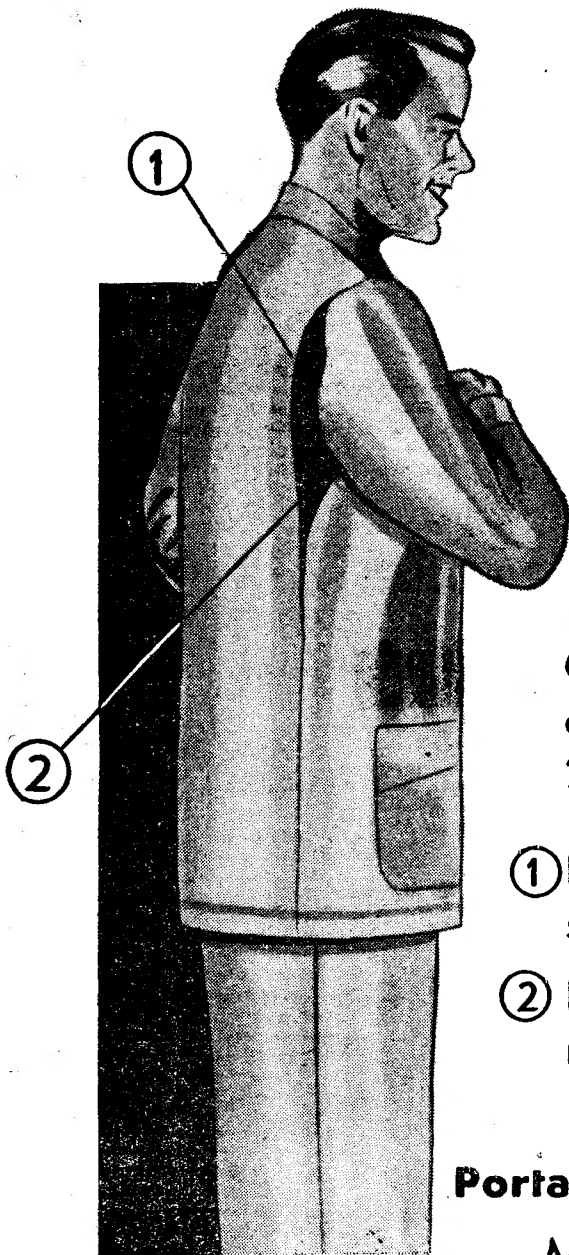
Do mesmo modo, não se podiam ver as marcas dos tacões no local onde o assassino estacara para disparar, tendo aí deixado umas marcas em cruz. Encontraram, igualmente, umas buchas de espingarda, que logo descobriram provir de cartuchos de uma arma de calibre doze.

—Vamos tirar os moldes destas pegadas — determinou o xerife. — Quando encontrarmos um habitante destes sítios com uma espingarda do mesmo calibre que tenha disparado recentemente e sapatos a condizerem com os moldes, então teremos de conversar a sério!

*

Esses estranhos sapatos de biqueiras reviradas para cima ficaram assim, provavelmente, por terem andado no terreno encharcado, depois do que foram postos a enxugar ao Sol. Era o que, naturalmente, faria qualquer habitante daqueles lugares. Partindo, pois, de

De novo à frente!



O NOVO PIJAMA PRIMAZ

Concebido no interesse de quem o usa, oferece 2 vantagens principais:

- ① Permite que os braços se movimentem livremente.
- ② Evita os habituais rasgões nas costas.

Portanto:

MAIOR COMODIDADE
MAIOR DURAÇÃO

CAMISARIA **PRIMAZ** ROSSIO, 115

Também em pijamas, a **PRIMAZ** sabe o que faz!

Excursões

No Circuito turístico da região dos 3 castelos **TODOS OS DOMINGOS** Visitando: Cabo Espichel, Seixal, Serra e Portinho da Arrábida, Setúbal, Palmela e Azeitão

AO PREÇO DE 60\$00 (visitas incluídas) Concessionário exclusivo A Transportadora Setubalense de

João Candido Belo & C.ª, Lda. Marçães em: Cacilhas: Posto da Empresa — Telefone 370188 (Almada); Agência Santa Maria — Rua do Ouro, 292 L. Tel. 28686; Turismo Alémar — Rua Alexandre Heróclito, 11-D. Tel. 42606; Agência Mocimimbo — Av. António A. Aguiar, 9-B. Tel. 47115